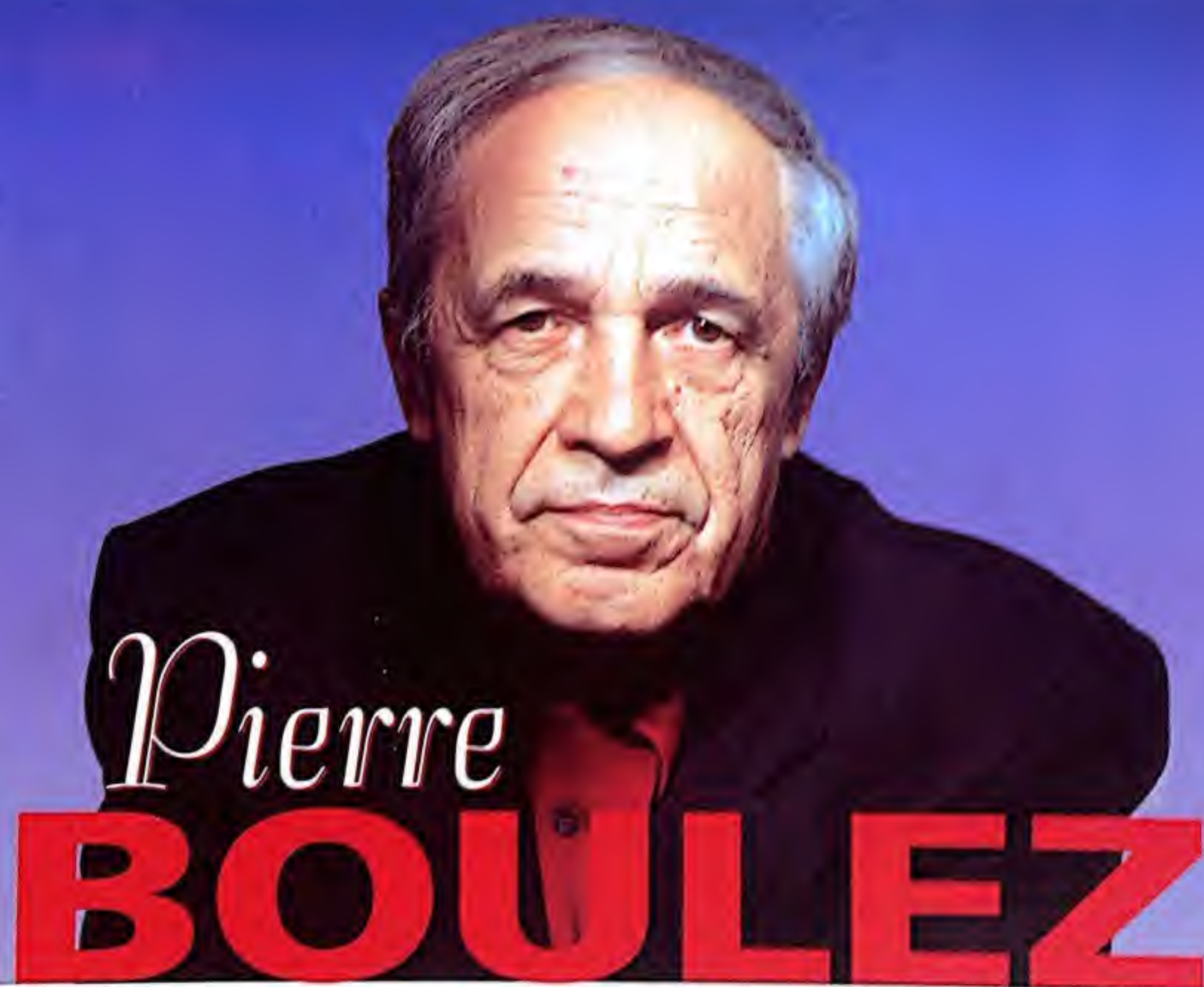
ANO 2 nº 21 OUTUBRO 1996 R$ 6,00

VivaMúsica!

A Revista dos Clássicos

Pierre BOULEZ

LENDA VIVA DO SÉCULO XX PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL

THEATRO ARTHUR AZEVEDO

Orgulho do Maranhão

A MORTE DE ELEAZAR DE CARVALHO

CALLAS x TEBALDI *Rivalidade começou no Brasil*

PAULINA D'AMBROSIO *Dama do violino*

Com este preço, o concorrente vai ficar BRAVÍSSIMO!

Valeu a pena esperar!

Agora no Brasil, uma série inédita em todo o mundo. As grandes obras-primas da música clássica, pela primeira vez em CD. E por um preço bem abaixo do mercado. Ao todo 15 CDs. Cada capa com uma fascinante ilustração em aquarela, e todo material gráfico em português.

Interpretando:
Placido Domingo
Jacqueline Du Pré
Herbert Von Karajan
Daniel Barenboim
Montserrat Caballé
e outros

Série Gold Classics. A música é clássica. O preço, popular.

Há 21 meses VivaMúsica! reúne informações sobre a cena clássica brasileira, apresentando reportagens especiais, entrevistas exclusivas e apreciações críticas. Este trabalho de uma equipe que mobiliza alguns dos maiores especialistas do país agora ganha as principais bancas de jornal das cidades de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Aos novos leitores, muito boas-vindas! Aos nossos assinantes, o agradecimento sincero por estarem sempre auxiliando no crescimento do projeto VivaMúsica! e na sua ampliação para um universo maior de leitores. Esta edição registra, com pesar, a morte de três grandes mestres da batuta (Eleazar de Carvalho, Celibidache e Rafael Kubelik) e reúne três importantes notícias sobre a "Fosca" (em artigo de Sérgio Nepomuceno, resenha de Irineu Franco Perpetuo e boas novas de Aprille Millo)

HFischer

HELOÍSA FISCHER

Fotos da Capa: Pierre Boulez (Divulgação/ Deutsche Grammophon) Teatro Arthur Azevedo (Divulgação)

VivaMúsica!

Publicação mensal (11 exemplares por ano: jan/fev edição única)
Jornalista responsável: Heloísa Fischer - MT 18851
Assinatura anual: R$ 60,00 (Brasil)
e R$ 90,00 (exterior). R$ 30,00 (estudantes, professores e funcionários de escolas de música)

QUEM FAZ VIVAMÚSICA!

EDITORIAL
Heloísa Fischer
Editora

Débora Sousa Queiroz
Agenda e Produção

Paulo Reis
Repórter

Mariana Barbosa(Londres)
Shirley Apthorp (Berlim)
Correspondentes

DESIGN
Isabella Perrota
Editora de Arte

Eduardo Sidney
Assistente

PUBLICIDADE - RIO
Cristiana Carvalho
Gerente Comercial

PUBLICIDADE -OUTRAS PRAÇAS
N.S.S.A.
(NÚCLEO SIMA DE SOLUÇÕES ALTERNATIVAS)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Aline Pontes Pimentel

CONTATOS
REDAÇÃO
Av. Rio Branco, 45/1401 - 20090-003- Rio de Janeiro
Telefones: (021) 233-5730 / 253-3461 / 263-6282
Fax: (021) 263-6282
e-mail: helofischer@ax.ibase.org.br

PUBLICIDADE RIO
Telefax: (021) 239-4152
Pager: (021) 546-1636 # 7002780

PUBLICIDADE OUTRAS PRAÇAS
Telefax: 0800- 166565
Rua Augusta, 101 - São Paulo -SP

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Arnaldo Senise
Musicólogo, membro da Academia Brasileira de Música

Carlos Haag
Crítico de música do jornal "O Estado de S. Paulo"

Irineu Franco Perpetuo
Jornalista *free-lancer* especializado em música clássica

Jorge Antunes
Compositor, presidente da Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica

Lauro Gomes
Pesquisador musical e produtor da rádio MEC FM (RJ)

Luiz Paulo Horta
Editorialista e crítico do jornal "O Globo"

Mário Willmersdorf Jr.
Consultor de música clássica da BMG-Ariola

Renato Machado
Jornalista da TV Globo, fundador do Clube Amigos da Boa Música

Sérgio Nepomuceno A. Correa
Diretor administrativo da OSB

Sylvio Lago Jr.
Advogado

DISTRIBUIÇÃO
Synchro

FOTOLITOS
Mergulhar Serviços Editoriais

IMPRESSÃO
Ultraset

Artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a linha editorial da revista.

ATENDIMENTO AO ASSINANTE E ASSINATURAS
Telefone: (021) 253-3461
e-mail: helofischer@ax.ibase.org.br

HOMEPAGE INTERNET
http://www.brazilweb.com/vivamusica/

Este mês em VivaMúsica!

BOULEZ AO VIVO

DIVULGAÇÃO

Pierre Boulez, um dos maiores da música do século XX, vem pela primeira vez ao Brasil em outubro para concertos no Rio e em São Paulo. Os repórteres Irineu Franco Perpetuo e Shirley Apthorp prepararam nossa matéria de capa. **16**

PAULINA D'AMBROSIO

Impossível falar em violino no nosso país sem passar por Paulina. O repórter Paulo Reis resgatou lembranças e traçou o perfil de uma mulher que há vinte anos nos deixou. **31**

A OBRA DE VASCO MARIZ

Sylvio Lago Jr. analisa a importância do trabalho do musicólogo Vasco Mariz para a história da música brasileira. **20**

TEATRO ARTHUR AZEVEDO

Em São Luís do Maranhão, o teatro modelo dirigido por Fernando Bicudo tem equipamentos de última geração. **28**

SAUDADES DE ELEAZAR

DIVULGAÇÃO/ PETER SCHAAF

A morte do maior maestro que o Brasil produziu abalou o meio musical. **12**

CALLAS OU TEBALDI?

Lauro Gomes revela que a rivalidade do século começou no Brasil. **42**

Seções Fixas

Projetos Salas de Música do Sesc

Audições musicais orientadas, através de recursos fonomecânicos e digitais. Uma iniciativa voltada para a difusão da diversidade musical disponível no acervo de conhecimentos elaborado pela humanidade ao longo de sua história.

Você tem alguma sugestão a dar, dúvidas a tirar? Envie carta ou fax para VivaMúsica! que teremos o prazer de responder sua carta. Nosso endereço é: Caixa Postal 21.100 – CEP 20110-970, Rio de Janeiro, RJ fax (021) 263-6282, e-mail: helofischer@ax.ibase.org.br Correspondências podem ser editadas por questões de espaço.

CLÁSSICO X POPULAR

"Gostaria de registrar uma sugestão não só quanto ao conteúdo das matérias de **VivaMúsica!**, mas também quanto ao repertório do programa de rádio produzido pela revista. Ambos privilegiam a música do barroco ao romântico, detendo-se pouco nos compositores contemporâneos e em outros estilos musicais, como o jazz, o blues, o folk, a música oriental, africana, ou mesmo a música popular internacional de alto nível. Apesar de estar inteligentemente divulgando a obra de nossos compositores eruditos, ainda tão desconhecidos do grande público, por que não abranger mais a totalidade das manifestações musicais contemporâneas de alto nível, já que a música - a arte, em geral - não tem barreiras nem preconceitos?"

Cecília Reis

*Cecília, tanto a revista quanto os programas de rádio de **VivaMúsica!** dedicam-se exclusivamente à música clássica. Esta opção não se trata de preconceito contra outros estilos musicais, mas sim de nossa linha de trabalho. Para você ter uma idéia, a cena clássica brasileira produz notícias capazes de preencher o triplo de páginas de **VivaMúsica!**, assim como todas as semanas nossos programas de rádio sofrem do saudável problema de excesso de discos/limitação de tempo. Os demais estilos citados em sua carta já encontram espaço na grande imprensa.*

VÍDEO

"Envio algumas sugestões para a seção 'Vídeo', assinada pelo jornalista Renato Machado:
-Que lhe seja reservado um espaço maior, dada sua importância para um melhor entendimento do fenômeno musical e observando que o *laserdisc* não se tornará obsoleto pelo DVD e sim aperfeiçoado;
-Que sempre que comentado um disco, seja citado o selo e seu nº de identificação;
-Que seja (m) indicado (s) endereço(s) confiável (is) para encomenda (o ideal seria a própria revista montar um esquema para encomendas - inclusive com pagamento adiantado)."

Elias Escobar Gavião Júnior
Assinante 23398-00

OMISSÃO CORRIGIDA

"Não achei justa a omissão de meu nome no noticiário relativo à Escola Municipal de Música de São Paulo (Julho/96, pág .28). Não há quem hoje desconheça que, se num certo domingo de julho de 1968, durante um ensaio da Orquestra Sinfônica Jovem Municipal, eu não houvesse solicitado ao prefeito Faria Lima a criação da Escola Municipal de Música, esta hoje não existiria. Gostaria imensamente que a minha carta fosse publicada na nossa magnífica revista."

Maestro Olivier Toni
Diretor Artístico da Orquestra de Câmara da USP

SORTUDA E FELIZ

"Gostaria de manifestar a imensa alegria que tive ao saber que havia ganho a promoção para assinantes envolvendo a caixa de 11 CDs do violinista Fritz Kreisler para a RCA. Como violinista da Orquestra Sinfônica Brasileira e amante antiga das obras de Kreisler, foi enorme o prazer de atestar a beleza de som e incrível musicalidade de cada obra. Preciosidades como a "Sonata para violino e piano em dó menor op.45', de Grieg, com Sergei Rachmaninoff ao piano e as primeiras audições de 'Tamborim Chinês', 'Liebesleid' e 'Capricho Vienense' do próprio Kreisler. Gravações do início do século que podemos ouvir hoje com grande qualidade de som graças à tecnologia digital. Agradeço à **VivaMúsica!** pelo lindo presente recebido."

Maluh Guarino de Felice
Assinante 22417-01

'GUARANI' ERRADO

"Absolutamente descabida e absurda a carta do Sr. Benito Sorrentino na edição de julho de **VivaMúsica!** ('Guarani' Errado, pág.7), com críticas à gravação da ópera de Carlos Gomes lançada mundialmente pela Sony. Devia este senhor estar orgulhoso de ter acesso agora a um 'Guarani' tão bem cantado, tão bem regido e tão bem gravado. É tão raro a música brasileira conseguir um feito destes no exterior e ter ainda Plácido Domingo pontificando no elenco. Uma crítica destas não encontra justificativa! Simplesmente lamentável!"

Sérgio Nepomuceno A. Correa
Dir. Adm. da OSB

GUEDES BARBOSA volta em quatro CDs

PRÉ-VENDA EXCLUSIVA PARA ASSINANTES VIVAMÚSICA!

Por obra e graça do produtor Mário de Aratanha, dono da gravadora Kuarup, o pianista Antonio Guedes Barbosa está de volta. Guedes Barbosa faleceu em 1993, no auge de sua carreira, tendo sido considerado "possivelmente o melhor intérprete de Chopin de sua geração" pela revista "Stereo Review". O talento do pianista impressinou até Vladimir Horowitz. Através de um acordo de Aratanha com a família de Barbosa, a Kaurup coloca no mercado brasileiro três discos que haviam sido gravados e lançados originalmente nos Estados Unidos (pelos selos Centaur Record e Connaisseur Society) e um produzido no Brasil.

O primeiro CD traz "As 14 Valsas para Piano", de Chopin, gravado num piano Steinway, na Capela da Columbia University, em Nova York, em 1972 (selo Connaisseur Society). Produzido pelo engenheiro Alan Silver, essa raridade recebeu o título de "melhor disco do ano" pela "Stereo Review". **R$ 19**

O segundo título é duplo e traz "As 51 Mazurcas – Rondo Alla Mazurka", de Chopin, produzido por Tom Frost e gravado em 1991 (Centaur Record), também em Nova York. Exatamente o repertório que motivou Vladimir Horowitz a escrever: "Ouvi pessoalmente Barbosa tocar as Mazurkas de Chopin e gostei muito. Sinto que sua interpretação destas peças merece uma gravação de peso." **R$ 38**

O terceiro CD, "Sonata Dante / 9 Transcrições de Lieder de Schubert", recebeu o "Grande Prêmio do Disco", concedido pela Sociedade Liszt de Budapeste. Gravado em 1982 pelo produtor Alan Silver (Connaisseur Society), este título é um dos mais importantes da discografia de Antonio Guedes Barbosa. **R$ 19**

O último disco da Série Kuarup é "Bachianas Brasileiras 1, 4, 5" de Heitor Villa-Lobos, trazendo o pianista em apenas uma das faixas. Neste CD, o pianista interpreta a "Bachiana Nº 4", em versão original para piano. Os outros intérpretes do disco são o Rio Cello Ensemble ("Bachianas Nº 1") e o soprano Leila Guimarães e o pianista João Carlos Assis Brasil ("Bachianas Nº 5"). A parte da gravação de Antonio Guedes Barbosa foi feita no Auditório da UFRJ, com produção de Otto Dreschler. **R$ 19**

BOULEZ EM CD R$ 21 CADA

Assinantes **VivaMúsica!** podem adquirir este mês dois títulos em CD Deutsche Grammophon com o maestro Pierre Boulez. São eles:

BARTÓK. "Miraculous Mandarin" e "Música para cordas, percussão e celesta". Orquestra Sinfônica de Chicago. Regência Pierre Boulez. (447 747).

DEBUSSY. "La Mer". "Nocturnes". "Premiére Rhapsodie" (Franklin Cohen, clarineta) e "Jeux". Orquestra de Cleveland. Regência Pierre Boulez. (439 896).

COMO COMPRAR

Os CDs destas páginas estão disponíveis para assinantes de VivaMúsica! Escolha a forma de pagamento mais adequada (dinheiro ou cartão de crédito), faça suas encomendas por telefone e receba os discos em casa, com conforto e segurança.

Série Gold Classics EMI R$ 11

GRIEG. "Peer Gynt" e "Suite Lírica". Hallé Orchestra/ Sir John Barbirolli.

VIVALDI. "Quatro Estações" e "Concertos op. 8, Nº 5 e 6". I Virtuosi di Roma e Renato Fasano.

BEETHOVEN. "Concerto para piano Nº 5", "Für Elise", "Rondo a Capriccio op. 129", "Rondo op. 51 Nº 1". Alexis Weissenberg, piano. Filarmônica de Berlim. Herbert von Karajan.

PUCCINI. Árias de óperas. Domingo, Di Stefano, Gedda, Victoria de los Angeles e Caballé, entre outros.

STRAUSS JR. Valsas ("Valsa do Imperador", "Danúbio Azul", "Vida de Artista", "O Morcego" etc). The London Philharmonic, Franz Welser-Most.

BEETHOVEN & BRUCH. "Concertos para violino". David Oistrakh, violino. André Cluytens e Lovro von Maracic (regentes).

BEETHOVEN. "Sonata ao Luar", "Patética" e "Apassionata". Daniel Barenboim, piano.

RODRIGO. "Concerto de Aranjuez". TURINA. "Danças fantásticas". DE FALLA. "Noites nos Jardins de Espanha". Alfonso Moreno (violão), Aldo Ciccolini (piano) e Enrique Bátiz (regente).

CHOPIN. Obras-primas (Polonaises, Noturnos, Valsas, Prelúdios etc). John Ogdon, Maurizio Pollini, Augustin Anievas e outros.

ORFF. "Carmina Burana". Orquestra New Philharmonia. Rafael Frübeck de Burgos (regente).

HANDEL. "Música Aquática". Orquestra de Câmara de Praga. Sir Charles Mackerras (regente).

MOZART. "Concertos para piano 21 e 22". Annie Fischer (piano). Orquestra Philharmonia. Wolfgang Sawallisch (regente).

MOZART. "Concerto para flauta e harpa" e "Concerto para flauta K. 313". James Galway (flauta), Fritz Helmis (harpa), Andreas Blau (flauta). Filarmônica de Berlim. Karajan.

TCHAIKOVSKY. "Abertura 1812". DUKAS. "O Aprendiz de Feiticeiro". SMETANA. "O Moldava". MUSSORGSKY "Uma Noite no Monte Calvo". Filarmônica de Oslo. Mariss Jansons (regente).

DVORÁK. "Concerto para violoncelo". HAYDN "Concerto para violoncelo Nº 1". Jacqueline Du Pré (violoncelo). Daniel Barenboim (regente).

Grandi Voci em oferta CDs a R$ 17

A Decca lança no Brasil uma série de CDs chamada "Grandi Voci", destacando cantores líricos. Três destes títulos estão disponíveis através de VivaMúsica!

SAMUEL RAMEY. Árias de "Bodas de Fígaro" (Mozart), "Rodelinda" (Handel), "Anna Bolena" (Donizetti, "I Masnadieri" (Verdi), "Macbeth" (Verdi), "Norma" (Bellini), "The Rake's Progress" (Stravinsky) e "Street Scene" (Weill). Richard Bonynge - Riccardo Chaily - John Mauceri e Sir Goerg Solti . (448 251)

TERESA BERGANZA. Árias de Mozart e Haydn. Wiener Kammerorchester, György Fischer. London Symphony Orchestra, Sir John Pritchard. Geoffrey Parsons e Félix Lavilla, piano. (448 246)

NICOLAI GHIAUROV. Árias russas e italianas (Rimsky-Korsakov, Glinka, Borodin, Mussorgsky, Bizet, Tchaikovsky e Verdi, entre outros). London Symphony Chorus & Orchestra. Claudio Abbado - Edward Jones. (448 248)

Lieder de Loewe na voz de Fischer-Dieskau R$ 46 (duplo especial)

Mais um belíssimo título da discografia do barítono alemão Dietrich Fischer-Dieskau. O CD duplo reúne gravações com acompanhamento do pianista Jörg Demus realizadas em 1971 e 1982, remasterizadas digitalmente. As composições de Loewe trazem textos de Goethe, Fontane, Herder, Rückert, entre outros. (449 516)

Accardo interpreta Paganini R$ 21

Aproveitando a vinda ao Brasil do violinista SALVATORE ACCARDO em outubro (para apresentação única na Sala Cecília Meireles - RJ), a PolyGram torna disponível para assinantes VivaMúsica! o disco "Diabolus in Musica" (449 858). No CD, Deutsche Grammophon, Accardo toca obras de Paganini, com a London Philharmonic Orchestra, regência de Charles Dutoit. Confira o repertório:

"La Risata del Diavolo" (tema), "La Campanella", "Capriccio per violino solo N.5", "Adagio flebile con sentimento", "Rondo galante. Andantino gaio do Concerto para violino e orquestra N. 4", "Introduzione e variazioni su *God save the King*, op. 9", "Capriccio per violino solo N. 24", "Polacca. Andantino vivace", "Capriccio per violino solo N. 1", "Rondo. Allegro spirituoso do Concerto para violino e orquestra N.1", "Capriccio per violino solo N.13" e "Sonata Moto Perpetuo".

Fosca: "A Bela Adormecida"

Sergio Nepomuceno A. Corrêa

O título correto seria "A Bela Esquecida", mas o balé de Tchaikowsky causa mais impacto. É sabido que a quarta ópera de Carlos Gomes foi sempre sua criação preferida, aquela que considerava a melhor de todas. A despeito do fiasco da estréia e da posterior reabilitação, "Fosca" nunca alcançou o êxito obtido por "O Guarani" e mais tarde por "O Escravo". Sob certos aspectos, "Fosca" é um trabalho atípico na produção do mestre campinense, por inserir alguns processos musicais que ele abandonaria em óperas subseqüentes, a exemplo do emprego em larga escala do motivo condutor.

A tessitura vocal em "Fosca" é altíssima, porém sobrepõe-se a uma linha melódica de ótimo nível, sem qualquer trivialidade. A harmonização e a instrumentação estão superiormente cuidadas. O enredo baseia-se no romance "La Festa delle Marie", de Luigi Capranica, adaptado em versos por Antonio Ghislanzonii, o consagrado libretista da "Aída", de Verdi. Sem ser um *cappolavoro* e excetuando-se a longa e maçante primeira cena do segundo ato, o libreto é bastante bem-feito. Carlos Gomes concebeu "Fosca" em 1872, num dos raros instantes felizes de sua conturbada existência, logo após o casamento com Adelina Peri.

A ópera subiu à cena pela primeira vez em 18 de fevereiro de 1872, no Scala de Milão, diante de enorme expectativa. Era a primeira manifestação artística de peso do futuroso jovem músico brasileiro, após o imenso sucesso de "O Guarani", três anos antes. Um elenco milionário protaganizava a ópera: Victor Maurel (futuro criador do Yago de "Otello"), o soprano Gabriella Kraus e o tenor Carlo Bulterino, além do maestro Franco Faccio, um dos mais celebrados regentes italianos da época. Dera-se a Carlos Gomes o que de melhor havia na península para que a ópera vingasse: o relativo insucesso da estréia constituiu-se em duro golpe.

Naquele momento histórico, a elite musical italiana estava em permanente litígio. De um lado, os que defendiam a tradição do *bel canto* e, de outro, os ditos reformadores, partidários de Wagner, liderados por Boito e Martucci. Consta que Giulio Ricordi, o poderoso chefe da grande editora musical de Milão (que posteriormente adquiriria, a preço vil, os direitos de toda a produção lírica de Gomes), era o fomentador mor do conflito, abraçando a causa nacionalista unicamente para prejudicar a *signora* Lucca, viúva de seu principal rival, Francesco Lucca, instalado também na capital lombarda, falecido em 1872 e responsável pela introdução, na península, de Meyerbeer, Gounod, Wagner e do próprio Carlos Gomes.

Os debates fervilhavam, extravasando em crônicas estampadas nos jornais. A verdade, porém, era inversa. A partitura da "Fosca" contém talvez as páginas mais italianizantes que Carlos Gomes após no pentagrama, seja pelo calor apaixonado de seus temas, pela generosidade melódica de seus esplêndidos duetos, seja até pela própria ação, inspirada no rapto das donzelas venezianas pelos piratas da Istria. Ricordi, com seu formidável mecanismo publicitário, opunha a Carlos Gomes o seu protegido Amilcare Ponchielli, cuja "Gioconda", apresentada três anos depois da "Fosca", mesmo concebida à maneira da "grande ópera" meyerbeeriana, era apontada como a legítima expressão da arte lírica italiana.

Antes de escrever este artigo, ouvimos cuidadosamente, com a redução de canto e piano nas mãos, a única gravação da "Fosca": o registro ao vivo de 1966, editado pela VOCE americana e tendo no elenco, entre outros, Ida Miccolis, Sergio Albertini, C. Mascitti, Coro e Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo, regidos por Armando Bellardi. Depois da audição resolvemos assinar esta crônica, tentando de alguma maneira tirar de um inconcebível "adormecimento" tão linda ópera, a mais bela música que saiu da pena de seu autor.

Numa análise sucinta, o primeiro ato é magnífico de ponta a ponta. A orquestra borbulha o tempo todo e a inspiração tem uma generosidade melódica única, a começar pela abertura, que com a protofonia de "O Guarani" e a "Alvorada" do "Escravo" constitui-se na melhor página sinfônica do compositor. Uma autêntica jóia de seis minutos que poderia figurar no repertório das mais importantes orquestras do mundo. Merecem citação, neste primeiro ato, a curta e emotiva "Peghiera" de Fosca, a ária de Cambro "Damore l'ebrezze", para nós a mais nobre página para voz de barítono de quantas Carlos Gomes nos legou, embora sem atingir a popularidade da zarzuelesca "Senza tetto" de "O Guarani", e, por fim, o esplêndido dueto entre Paolo e Fosca "Cara cittá natio".

Leia continuação deste artigo na na página 33

apresenta

CONCERTOS Villa Riso

TEMPORADA INTERNACIONAL 1996

São Conrado • Rio de Janeiro

21 de outubro, *segunda-feira, 20:30h*

ALAN BENNETT
tenor

LEONARD HOKANSON
piano

A FORÇA INTERPRETATIVA DO JOVEM TENOR AMERICANO
UNIDA AO REFINAMENTO DO CAMERISTA CONSAGRADO

21 de novembro

BORIS BERMAN, *piano solo*

5 de dezembro

PAULA DA MATTA, *piano*
PEDRO BOÉSSIO, *regente*
ORQUESTRA

Ingressos

Avulso individual: R$ 40
Assinatura individual 3 concertos: R$105
(lugares indeterminados)
Vin d'honneur oferecido por ca'vit Principato
Estacionamento privativo

Jantar opcional após o concerto

Avulso individual: R$ 45
Individual para as 3 noites: R$135
(poucos lugares disponíveis)

Venda antecipada
(horário comercial)

Cartão Diners:
262-9917

Cartão American Express:
(9-011) 263-0066
(entrega a domicílio com taxa de serviço)

Informações

Villa Riso: 322-1444
http://www.esquadro.com.br/~klavier

APOIO

REALIZAÇÃO

EVENTO BENEFICIADO PELA LEI 1940/92

Viva Música!

ELEAZAR DE CARVALHO, MAESTRO (1912-1996)

A acabava de voltar do velório de Eleazar de Carvalho quando recebi o recado: ligar urgente para **VivaMúsica!** A revista queria um texto jornalístico sobre o falecimento do maestro. "Que azar", praguejei. "Perdi a chance de fazer a matéria". Talvez o azar não tenha sido tão grande assim. As pessoas com quem conversei no velório não estavam dando declarações a um jornalista. Estavam, apenas, dividindo a dor da perda com um amigo.

A primeira pessoa que encontrei foi Bob, ou Robert John Suetholz, violoncelista do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo. Aquele americano enorme estava abatido: "Alguns maestros a gente admira como pessoa, mas não como regente. Outros, admiramos como regente, não como pessoa. O Eleazar, eu admirava tanto como figura humana quanto como maestro".

O maestro estava no centro do palco do Theatro Municipal, com o semblante contrito, entre guardas com uniforme de gala. O violinista Claudio Cruz, *spalla* da Sinfônica Municipal e da Orquestra de Câmara Villa-Lobos (OCVL), observou que Eleazar certamente teria aprovado o ar solene e reverente da ocasião. A beleza de Celine Imbert se esvaía em copiosas lágrimas. O violoncelista Roberto Ring, diretor artístico da OCVL, esteve dando apoio à família no Hospital Sírio-Libanês, onde o maestro faleceu, e contava histórias de seu longo convívio com o regente. "No ensaio de uma obra de Villa-Lobos, no Cultura Artística, Eleazar mandou o corne inglês tocar *forte* onde estava escrito *piano*. E justificou: 'Agora vocês vão dizer que o maestro Eleazar mandou mexer na música de Villa-Lobos. Mas não é nada disso. Uma vez, na primeira fila deste teatro, estava sentado o próprio Villa-Lobos, a quem pedi para fazer a modificação, pois o corne inglês não estava soando. E ele consentiu. Portanto, posso fazer isso".

O pianista Sérgio Melardi sentencia: "Foi a maior perda da música brasileira desde Villa-Lobos". Ring menciona Guiomar Novaes e Melardi arremata: "Não podemos esquecer da importância das coisas que ele fez por aqui". Esta contribuição também foi enfatizada pelo compositor Harry Crowl, com quem falei por telefone, no mesmo dia. "Ele era o maior regente brasileiro. Muito seguro, sabia sempre o que estava fazendo. Foi muito importante para a música brasileira, estreando e tocando muita coisa de Lorenzo Fernandez, Camargo Guarnieri e Villa-Lobos. Era uma pessoa muito aberta também à música contemporânea, e estreou também 'Santos Football Music', de Gilberto Mendes."

Serguei Prokofiev morreu em Moscou, em 5 de março de 1953, mas ninguém percebeu. No mesmo dia, a União Soviética chorava o falecimento de Stálin. Eleazar de Carvalho faleceu em São Paulo, em 12 de setembro de 1996. No mesmo dia, morria, no Rio de Janeiro, o general Ernesto Geisel. A morte de Geisel esteve muito longe de causar a comoção popular de Stálin, mas serviu para eclipsar a repercussão do falecimento de Eleazar. Voltando do velório, ligo no jornal "Hoje", da TV Globo e vejo matérias sobre Geisel, a manicure Jô (chamada "a mulher mais gorda do Brasil") e uma receita de camarões com morangos. Eleazar? Não vi.

O que leva a uma interrogação amarga sobre a herança de Eleazar de Carvalho. A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, que ele regeu por 22 anos, encontra-se em situação de penúria; o Festival de Inverno de Campos do Jordão, criado sob seus auspícios, também atravessa dificuldades extremas. Que fará nossa pátria ingrata e desmemoriada com o legado do maior regente que ela conseguiu produzir?

Irineu Franco Perpetuo

"PAI MUSICAL E ESPIRITUAL"

"A música no Brasil vem antes e depois de Eleazar de Carvalho. Trabalhamos durante 16 anos e, de 1990 até 1993, praticamente fui como um filho. Estivemos sempre juntos e eu pude desfrutar de um pai musical e espiritual. Acho que o grande mérito do maestro – além de ter fundado várias orquestras, ter sido o primeiro regente da Sinfônica Brasileira depois da sua privatização (foi ele quem conseguiu ajuda do governo federal para a OSB) e ter fundado a Orquestra Sinfônica Estadual de São Paulo – foi a preocupação constante com a juventude. No Rio de Janeiro, fundou a Juventude Musical com Villa-Lobos. Foi o único regente que fazia concursos para jovens solistas e fundou o Festival de Campos do Jordão. Ele teve a preocupação de trazer dos Estados Unidos o modelo do festival de inverno, onde jovens bolsistas ficavam concentrados estudando música.

Eu era garoto quando comecei. Ele me dava conselhos, na hora dos intervalos sempre tinha uma palavra amiga que às vezes eu não entendia, achava que era radical. Mas hoje, com meus 42 anos, eu entendo e percebo o que ele queria dizer. Eleazar sempre foi um homem polêmico, porque era artista. E o artista tem o direito de ser polêmico e temperamental. Mas o que ele fez pela música no Brasil paga por todos seus pecados, todas suas polêmicas. Perdemos o grande mestre."

Roberto Tibiriçá

SERGIU CELIBIDACHE, MAESTRO (1912-1996)

A morte recente de SERGIU CELIBIDACHE (Paris, 14/08/96) representou para os que não perderam a faculdade de se maravilhar com a Grande Arte certo empobrecimento com relação ao sentimento da vida, da beleza e de seus valores essenciais. Foi um dos mais belos monumentos do poder recriativo de um regente neste século, uma arte privilegiada capaz de galvanizar a orquestra e imprimir à música uma espiritualidade e energia próprias. Sua direção era de presença e força, dotada de extraordinária clareza e virtuosismo, com destaque para o gesto expressivo da mão esquerda e o olhar.

A batuta de Celibidache pulsava sem grande esforço visível, mas com elegância, perícia e, muitas vezes, com espantosa simplicidade. A mão esquerda atuava apenas no essencial, ora para indicar uma entrada ou para atenuar os sons ou ênfases, ora para exprimir uma surpreendente multiplicidade de nuances dinâmicas. Mestre absoluto da matéria sonora, outra característica de sua regência eram os cuidados com o refinamento da sonoridade orquestral. Os andamentos constituíram o pólo mais constante de controvérsia entre maestro e seus críticos, pelos tempos lentíssimos, quase confinantes com os limites da desarticulação. Mas eram eles que conferiam à sua direção espiritualidade, nobre inspiração, severa perfeição formal e profundidade emotiva.

Nos andamentos, Celibidache como que confirma a afirmação de Gisele Brelet, segundo a qual "a música é a arte do tempo por excelência". Nos ensaios, cuidava com zelo fanático de todos os detalhes da partitura. Os múltiplos e difíceis problemas da execução passavam por um longo, lento e laborioso processo de modelagem, cinzelagem e escultura da obra, sob o signo de uma direção que tudo controlava e dominava nos aspectos técnico, expressivo e formal.

Seu repertório, prevalentemente germânico (Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert e Bruckner), abrangia também obras de Debussy, Ravel, Stravinsky, Bartók, a primeira fase de Hindemith, Berlioz. Sergiu Celibidache foi um mestre absoluto da arte de traduzir, decifrar e interpretar a música e sua integridade artística visceral. *(SLJ)*

RAFAEL KUBELIK, MAESTRO (1914-1996)

Com a morte de RAFAEL KUBELIK (Lucerne, 11/08/96) finda uma época marcante da escola tcheca de direção, que teve em Vaclav Talich, Karel Ancerl, Vaclav Neumann, Vaclav Smetacek e Zdenek Chalabala seus máximos expoentes e uma das manifestações mais sólidas e fecundas da arte da regência neste século. Foi um dos grandes intérpretes de Smetana, Dvorak, Bruckner e Mahler, tendo sido um dos primeiros maestros a gravar o ciclo integral das sinfonias deste último. Sua direção de obras sinfônicas foi também importante na regência de Beethoven, Mozart e Janácek.

No repertório operístico italiano, Rafael Kubelik se destacou pela beleza dos fraseados, senso de equilíbrio orquestral e vocal e cuidados com a fidelidade ao estilo e à essência da obra. Possuía acentuada inclinação lírica, preocupado com os contornos da melodia, com a poesia e a expressão, os timbres e os contrastes, sem qualquer ostentação de *pathos*, eloqüência ou sentimentalismo. Nas obras sinfônicas buscava o melhor da riqueza instrumental dando evidência às belas e expressivas sonoridades, mas com meticuloso respeito à partitura.

Os resultados artísticos obtidos por Kubelik tiveram como ponto de partida o rigor dos ensaios e a atividade exaustiva de ampliação perceptiva dos músicos pela busca de compreensão do verdadeiro significado de cada obra. Sua técnica de direção e seus gestos interpretativos eram fortes, marcantes e foram algumas vezes comparados com os de Furtwängler: obscuros, mas com recriações que logravam resultados surpreendentes do ponto de vista artístico. Sua autoridade era exercida de modo espontâneo. Kubelik era um espírito independente, de temperamento insubmisso, que teve dificuldade de relacionamento com administradores de orquestra e autoridades políticas. A exemplo de muitos maestros e compositores, foi vítima da prepotência e do obscurantismo de nazistas e depois dos comunistas, deixando o país e legando exemplos de coerência e de enorme dignidade pessoal e artística.

Sylvio Lago Junior

CRAVISTA BRASILEIRA NA TERRA DE COUPERIN

Atualmente morando em Paris e sob orientação do cravista Pierre Hantaï, a carioca MARIA LÚCIA BARROS esteve no Brasil em agosto para *masterclasses* em Recife. Aos 30 anos, Maria Lúcia é professora do Conservatório Erik Satie, em Paris. Ela estudou piano na Academia Mario Mascarenhas (classe de Dineyar Valente Plazae), formou-se na Escola Nacional de Música da UFRJ com distinção magna e fez pós-graduação em cravo orientada por Marcelo Fagerlande.

Maria LúciaBarros trabalha em Paris

Sua estada francesa já dura quatro anos e se deu após participação em *masterclass* com cravistas franceses na UFF (Niterói, RJ). Quando os professores ouviram-na tocar, logo ofereceram a bolsa. Ao concluir seus estudos com louvor máximo no Conservatório Satie, Maria Lúcia foi convidada a lá permanecer como professora. Mas ela quer voltar para o Brasil. "Na Europa faço concertos em Versailles e toco com bastante regularidade. Mesmo assim, daqui a alguns anos pretendo retornar", promete.

ORQUESTRA BRITTEN COMEMORA DEZ ANOS

A ORQUESTRA BRITTEN – ligada à Escola Britten de Prática de Orquestra (SP) – comemora dez anos de atividade com um concerto no dia 13 de outubro na Escola de Música da UFRJ (RJ). O grupo reúne dezesseis jovens músicos, que fazem parte de orquestras paulistas e cariocas. À frente da orquestra, desde a sua fundação, o maestro Nelson Gama. Veja na *Agenda!*

MUSEU VILLA-LOBOS INFORMATIZADO

Lançado o projeto VILLAINFO de informatização do acervo do Museu Villa-Lobos (RJ), visando um melhor atendimento a pesquisadores e público. O VillaInfo inclui acervo da biblioteca, catálogo de obras e documentos textuais do compositor. A onda cibernética do museu inclui ainda um *site* na Internet: http://www.ax.ibase.org.br/~mvillalobos

PRIMAVERA WAGNER DE VOLTA

O clube Amigos da Boa Música, fundado há três anos pelo jornalista Renato Machado no Rio de Janeiro, organiza a partir de 4 de outubro uma reedição de sua PRIMAVERA WAGNER em vídeo laser. São sete encontros semanais, sempre às 18h30, conduzidos por André Vital, especialista na obra de Wagner, que esteve este ano em Bayreuth a convite da organização do festival. Ele vai comentar as óperas "Tristão e Isolda", "Mestre Cantores", "Tetralogia O Anel do Nibelungo" e "Parsifal", que terão trechos apresentados em *laser disc*. Renato é o *host* deste *happy hour* wagneriano. Informações com Claudine de Castro, no telefone (021) 537-8935. As vagas são limitadas.

CORAL INGLÊS NO NATAL

O Bristish Council antecipa uma bela programação de canto coral para o Natal. O Coral da Catedral de Saint Paul, de Londres, se apresenta pela primeira vez no Brasil em dezembro, com acompanhamento de orquestra. Até o fechamento desta edição, estavam confirmadas duas datas no Rio de Janeiro: dias 11 (Mosteiro de São Bento) e dia 12 (Sala Cecília Meireles). Demais cidades serão divulgadas.

'TRAVIATA' NO SÉCULO XX

A montagem de "La Traviata", de Verdi, que os Patronos do Theatro Municipal de São Paulo irão produzir em novembro, traz uma novidade. A direção de JORGE TAKLA irá transpor a ópera para este século. "A encenação será mais moderna, em uma época mais próxima, realista, sensual, mais verista no sentido de que os personagens se tornem mais humanos", resume. Takla quer evitar que a ópera vire um conto de fadas inverossímil. "Hoje é impensável que alguém não tome penicilina e morra de tuberculose. Não estamos vivendo num *grand monde* e sim num *demi-monde*. Por isso ambiento a ópera entre as duas grandes guerras", adianta o diretor. Orçada em R$ 450 mil, "La Traviata" encerra a temporada lírica do teatro e dos Patronos.

STACCATO

Faleceu em julho o compositor francês MICHEL PHILIPPOT. Casado com a pianista brasileira Anna-Stella Schic, Philippot foi responsável pela fundação do Departamento de Música no Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em 1975. Foi professor da Universidade de Seine, Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, UNI-Rio e UNESP.• A Associação Brasileira de Flautistas realiza em outubro, em Porto Alegre, o 2º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FLAUTISTAS com a presença de Alain Marion (França), Michael Faust (Alemanha), Angeleita Floyd, Sato Moughalian e Sherryl Cohen (USA), Gzergorz Olkiewizc (Polônia), Michael Titt (Noruega), Sanae Nakayama (Japão), Luciano Carrera (Equador), Cesar Vivanco (Peru), além dos brasileiros Celso Woltzenlogel, Marcos Kiehl, Carlos Carrasqueira, Laura Rónai e Ayres Potthoff. • A ORQUESTRA DE CÂMARA VILLA-LOBOS lança em outubro um CD pela Warner Classics. Animador ver uma multinacional do disco investir em artistas clássicos brasileiros. • "Ciro e Célia, Uma História de Amor" é a primeira ÓPERA ESPÍRITA. Escrita por Emmanuel, psicografada pelo médium Francico Xavier, a adaptação é da regente e compositora Alba das Graças Pereira e direção de Neuza Caribé • Um sucesso o concerto do austríaco MOZART QUARTETT em Tiradentes (MG). Na mesma cidade, a cantora NETI SZPILMAN fez recital. • O CENTRO MUSICAL DE VOLTA REDONDA realizou, em setembro, recital com a contrabaixista Valéria Guimarães e a pianista Marly Moniz. • A Secretaria Municipal de Campinas realizou o IV CONCURSO DE CANTO LÍRICO DA SEMANA CARLOS GOMES, em lembrança dos cem anos do compositor campineiro. • A ORQUESTRA FILARMÔNICA DO RIO DE JANEIRO continua a realizar concertos didáticos. • O tenor brasileiro HENRIQUE TRAVASSOS SIFFERT se tornou professor de canto da Universidade de Colmar, França. Siffert iniciou sua carreira no Brasil e se formou na Universidade de Karlsruhe, Alemanha. Ele é o segundo brasileiro a dar aulas de canto em Colmar: o primeiro foi seu professor Aldo Baldin. • No dia 7 de setembro, na Praia do Arpoador (RJ) apresentou-se a Orquestra Sinfônica Nacional em concerto que homenageou Carlos Gomes.

MIGNONE DE CASA NOVA

DIVULGAÇÃO

Mignone: memória viva

Francisco Mignone e Heitor Villa-Lobos vão ser vizinhos. A prefeitura do Rio de Janeiro doou uma casa na Rua Sorocaba para que a viúva de Mignone, Maria Josephina, instale um museu com o espólio do compositor. O curioso é que a casa fica na mesma rua do Museu Villa-Lobos. Há anos Josephina lutava por um local que abrigasse todo o material legado pelo marido. A reforma da casa deverá estar concluída para as comemorações do centenário de nascimento de Mignone em 1997.

Mesmo sem ainda estar instalado em sua sede, o CENTRO CULTURAL FRANCISCO MIGNONE (CCFM) não pára de realizar atividades no Rio. Em setembro, realizou o VI Festival Mignone, no Espaço Cultural Finep. O CCFM produz ainda concertos na Casa Laura Alvim, em Ipanema, e o projeto "Mignone na Casa de Ruy".

NOVO ESPAÇO CLÁSSICO

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para concertos e recitais. O TEATRO CÂNDIDO MENDES, em Ipanema, apresenta até o fim do ano a série "Quarta Clássica". Com periodicidade quinzenal, os concertos acontecem às 19h, com entrada franca. O projeto começou em setembro, com apresentação do grupo Flautistas do Rio. Acompanhe a programação na *Agenda*.

PIANO FRANCÊS

Um sucesso o festival de pianos realizado em agosto na série de concertos "Banco Real-Vive la Musique", no Rio e São Paulo. O festival reuniu Nelson Freire, Edson Elias, as irmães Isabelle e Florence Lafitte, Lilian Barreto e Linda Bustani, Dominique Merlet, Jacques Castarède e Hervé Billaut. Durante o festival foi constituída uma mesa-redonda com músicos e autoridades do meio musical para organização de um Concurso Internacional de Piano no ano que vem.

Boulez ENTRE NÓS

VivaMúsica! comemora a primeira visita do maestro e compositor ao Brasil, com artigo especial de Irineu Franco Perpétuo e entrevista concedida a Shirley Apthorp.

Pierre Boulez chega ao Brasil com vinte anos de atraso. Este respeitável senhor vem ao nosso país um ano depois de comemorar 70 anos de idade, oportunidade em que o antigo carbonário foi reverenciado como referencial estabelecido e consagrado do mundo musical europeu *(veja no boxe detalhes dos concertos)*.

De iconoclasta a ícone, a trajetória foi longa. Pierre Boulez nasceu em Montbrison, em 25 de março de 1925. Seu pai o queria engenheiro. Contra a vontade deste, parte para Paris a fim de estudar música, em 1942, com a França sob ocupação nazista. No Conservatório de Paris, toma contato com duas influências decisivas e conflitantes: Olivier Messiaen (1944-5), que lhe passaria a preocupação com o ritmo, com as formas sem desenvolvimento e as tradições "exóticas", e René Leibowitz (1945-6), com o qual estudaria a obra de Arnold Schoenberg.

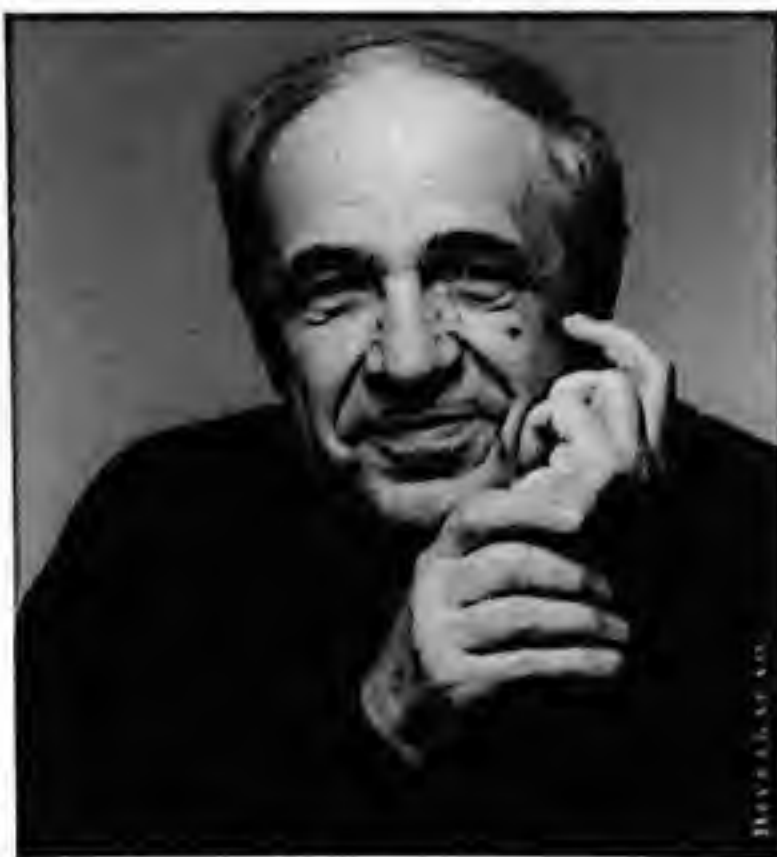
Sobre Messiaen, Boulez escreveu que "ele nos ensinou a olhar ao redor e compreender que tudo pode tornar-se música". O interesse pela música não-européia fica claro em "Le Marteau sans Maître" (1952-4), para contralto e conjunto instrumental. Neste último, o vibrafone é utilizado como substituto do gamelão (tipo de orquestra do sudeste da Ásia). Há quem veja influências africanas no uso da xilorimba e da percussão. Deve-se salientar, entretanto, que, diferentemente de Messiaen, Boulez jamais tentou recriar, ou imitar, a música não-européia.

Ele seria mais conhecido, de qualquer forma, pelo intitulado "serialismo integral", ou "serialismo total". É habitualmente indicada como sugestão de Messiaen a causa que fez o compositor começar a se interessar pelas possibilidades de um serialismo rítmico e dinâmico, que ele começa a sinalizar na "Segunda Sonata para Piano" (1948) e no "Livre pour Quatuor" (1948-9), vindo a atingir em "Poliphonie X" (1951), o primeiro livro de suas "Structures" para dois pianos. Até os ataques são serializados: alturas, durações e dinâmica são atribuídas separadamente a cada nota. No Instituto Karnichstein, da cidade alemã de Darmstadt, Boulez e Karlheinz Stockhausen instalam o quartel-general da nova estética que ensejava eliminar quaisquer traços de caráter nacional.

Não só isto: também queriam exterminar a herança anterior, de Schoenberg, cuja "morte" Boulez declarou, e de Messiaen, cuja "Turangalila-Symphonie" ele chamou de "música de bordel". Era a busca de controle total: "não se tratava simplesmente de encontrar a moda para uma determinada estação, como faria um costureiro, mas de descobrir soluções de longo alcance. Tais soluções nos impunham a submissão a disciplinas rigorosas, nas quais nos sentíamos tolhidos, mas pelas quais éramos obrigados a passar".

Pierre Boulez: lenda viva

Logo, entretanto, esta rigorosa ascese luterana seria paulatinamente abandonada. Boulez se volta para textos do poeta René Char, com os quais já trabalhara na década de 40 (nas cantatas "La visage nuptial", de 1946-7, e "Le soleil des eaux", de 1948), e produz "Le Marteau sains Maître" (1952-54), cheio de sonoridades balinesas e africanas; na opinião de Paul Griffiths, a solução do dilema de escolher "entre uma organização serial tão completamente determinada que a escolha do compositor se visse alienada, de um lado, e, de outro, a livre imaginação, que facilmente poderia levar à incoerência".

A abertura para a "livre imaginação", ou o acaso, que Boulez definiu como maneira de "fixar o infinito", viria na "Terceira Sonata para piano" (que teve apenas três de seus cinco movimentos planejados publicados). O material proposto é integralmente anotado, com certa flexibilidade no tempo, e o

solista tem várias opções para se orientar dentro dele. A sucessão dos movimentos também pode obedecer a diferentes ordens. "Pli selon Pli" (1957-62) é uma espécie de retrato em cinco movimentos do poeta Mallarmé, para soprano e orquestra, em que a solista pode escolher diferentes linhas vocais, havendo também liberdade de tempo, dinâmica e pausas. Viriam ainda um segundo livro de "Structures" (1956-61), "Figures-Doubles-Prismes" (1957-68), para orquestra, e "Poésie pour pouvoir" (1958), para orquestra com fita.

Boulez lecionou em Darmstadt de 1955 a 1967. Chefiou a debandada de compositores franceses rumo a editores alemães (Messiaen foi o único compositor francês famoso cujas obras eram publicadas principalmente na França), que lhes granjeavam o acesso a orquestras, casas de ópera e estações de rádio. Por estas conexões, foi chamado de "agente alemão" pelo compositor norte-americano Virgil Thomson - que não compartilhava de seu credo serial.

À medida que avançou a carreira de regente de Pierre Boulez, sua produção como compositor diminuiu em quantidade. Começa a se preocupar em revisar alguns trabalhos, sem fazer questão de finalizar outros - *works in progress*, como "Éclats/Multiples", que começou em 1965 como peça para conjunto de percussão. Por isto, muitas obras têm versões anteriores e revisões posteriores às datas de composição que lhes são usualmente atribuídas.

A atividade de Boulez como regente remonta a 1946, quando se tornou diretor musical e maestro da companhia Barrault-Renaud no Théâtre Marigny de Paris. Nos dez anos subseqüentes, viaja com a companhia pela Europa e EUA, fazendo descobertas musicais que, escreveria, "me libertaram das convenções musicais européias". O ator Jean-Louis Barrault seria ainda o mentor dos "Concerts Marigny", iniciados por Boulez em 1953, e rebatizados "Domaine Musical" quando transferidos para o Odeon, em 1959. Boulez regeu obras pré-clássicas e contemporâneas de 1957 a 1963, sendo sucedido por Amy. O "Domaine Musical" tinha conjunto próprio, e se dissolveu em 1973.

Propôs ao escritor André Malraux, o ministro da Cultura que revitalizou a vida musical francesa, que pusesse abaixo a Opéra. Em 1966, no mesmo ano em que estreou em Bayreuth, regendo "Parsifal", de Wagner, rompeu com a vida cultural parisiense. A França parecia assustada com o incendiário. Boulez foi acolhido do outro lado do canal da Mancha, tornando-se titular da Orquestra Sinfônica da BBC (1971-4). Assumiu também a Filarmônica de Nova York (1971-8), com uma gestão polêmica, programando Webern e Maderna. Faria, em 1976, com direção cênica de Patrice Chéreau, uma leitura iconoclástica de "O Anel dos Nibelungos", de Wagner, para celebrar o centenário da tetralogia.

Não houve renovação no fim de seu segundo contrato com Nova York, em 1977. Boulez já estava muito ocupado com seu novo brinquedo: o Institut de Recherche et de Coordination Acoustique/Musique (IRCAM), inaugurado naquele mesmo ano, sediado no Centre Georges Pompidou, sob a direção de Boulez. No âmbito do IRCAM, sua principal obra foi "Répons" (1981), para orquestra e equipamento digital - uma obra em progresso móvel, que pode ter várias realizações.

Depois que o Ensemble InterContemporain (EIC) se mudou para a Cité de la Musique, diminuiu um pouco a freqüente confusão entre EIC e IRCAM. O Ensemble InterContemporain é a orquestra de câmara fundada por Boulez no IRCAM e que, dirigida por ele e por David Robertson, seu regente titular, está vindo ao Brasil. Existe, entretanto, uma diferença entre os concertos exclusivamente EIC e concertos IRCAM (que recorrem a uma tecnologia particular): os últimos são bem mais caros, devido ao custo de transporte do material. Boulez é hoje meramente o "diretor honorário" do IRCAM, dirigido desde 1º de janeiro de 1991 por Laurent Bayle. O Instituto vem passando por uma ampliação em suas instalações, e deve extrapolar suas funções iniciais, de criação e pesquisa, para adquirir caráter pedagógico.

Irineu Franco Perpétuo

Os concertos no Brasil

SÃO PAULO • Cultura Artística

• **21 de outubro**, 21h – "Musique II pour cuivres et percussion", de Phillipe Manoury; "Concerto, Op. 24", de Anton Webern; "Concerto para Piano", de György Ligeti; "Suite, Op. 29", de Arnold Schoenberg. Solista: pianista grego Dimitri Vassilakis. Regência: Pierre Boulez.

• **22 de outubro**, 21h - "Intégrales" e "Octandre", de Edgar Varèse; "8 Miniatures Instrumentales" e "Concertino para 12 Instrumentos", de Stravinsky; "Dérive 2 e 1", de Boulez; "Silbury Air", de Harrisson Birtwistle e "Oiseaux exotiques", de Messiaen. Florent Boffard, piano solo. Regência: Pierre Boulez.

• **23 de outubro**, 21 h - "Memoriale", de Pierre Boulez; "Chinese Opera", de Péter Eötvös; "Pour L'Image", de Philipps Hurel e "Symphonie de Chambre, Op. 9", de Arnold Schoenberg. Sophie Cherrier, solista. Regência: David Robertson.

RIO DE JANEIRO • Theatro Municipal

• **24 de outubro**, 21h – "Musique II pour cuivres et percussion", de Phillipe Manoury; "Concerto, Op. 24", de Anton Webern, "Concerto para Piano", de Ligeti, "Suite, Op. 29", de Schoenberg. Dimitri Vassilakis, piano. Regência de Pierre Boulez.

Um mestre DA FORMA ESPIRAL

Salzburgo fervia. Era o dia da estréia mundial da versão de Pierre Boulez para a ópera "Moisés e Aarão", de Schoenberg, grande destaque deste ano. A montagem foi uma co-produção com a Netherlands Opera, onde já havia causado sensação ano passado. Regência de Pierre Boulez, direção de Peter Stein.

Boulez importou o show inteiro – orquestra, coro – da Holanda, e se ele estava ansioso, não demonstrou. Muito pelo contrário. Sentado na varanda acima do Festspielhaus, bebendo água mineral, aproveitando o sol da manhã, de muito bom humor, ele recebeu a reportagem de VivaMúsica! para a seguinte entrevista.

VIVAMÚSICA! *O senhor certa vez disse que casas de ópera deveriam ser explodidas. E também já afirmou que a música de Schoenberg só o interessava até 1920. E aqui está, em Salzburgo, regendo uma ópera que Schoenberg escreveu em 1930...*

PIERRE BOULEZ Gosto de ser confrontado com minhas declarações antigas! Em primeiro lugar, não sei se você leu na íntegra esta entrevista que dei a "Der Spiegel" *(revista alemã)*. Eu disse que a solução mais "elegante" para o problema das casas de ópera no mundo todo seria a explosão. Claro que sei muito bem – humor não me falta – que soluções elegantes não podem ser aplicadas na prática. O que quero dizer é que não gosto da rotina das casas de ópera. Já tive péssimas experiências neste sentido: não há alguém realmente comandando, você não encontra os mesmos músicos no fosso, há alguém no palco que está lá pela primeira vez, e por aí vai. Eu só disse que isso para mim é impossível e propus uma solução. Que, por sinal, nunca foi seguida.

• *E quanto a Schoenberg?*

BOULEZ Com relação a Schoenberg, é muito diferente. É verdade que ainda prefiro suas obras até os anos 20, porque foi então que Schoenberg deu os mais extraordinários passos à frente. Trabalhos grandes como "Erwartung", "Pierrot Lunaire", "Die Glückliche Hand", "Jacob's Letter" – são muitas as obras onde ele usou o máximo de invenção. Eu sempre disse que ele não estava pronto para prosseguir neste caminho, porque tinha medo que o levasse ao caos. Então, ele era muito rígido consigo mesmo. Com relação a "Moisés e Aarão", ele disse: "Consegui escrever uma ópera longa com uma única série dodecafônica." Isso é realmente um marco: com tão pouco material ele fez duas horas de música. Quando comecei a estudar a partitura para os ensaios em Amsterdam, fiz uma análise da obra como nos meus tempos de estudante. Percebi que o grau de inventividade dentro destas convenções tão rígidas era absolutamente extraordinário. Mas isto mostra que foi apenas um momento de criatividade. Se você quisesse seguir adiante, não poderia se restringir a estes limites. Schoenberg, orgulhoso de si mesmo e muito ingênuo, disse: "Salvei a música alemã pelos próximos cem anos."

• *O senhor exigiu – e obteve – condições de trabalho extraordinárias para esta montagem de "Moisés e Aarão". Noventa ensaios para o coro, por exemplo. Todos deveriam tentar produzir uma ópera nestas condições?*

BOULEZ Claro. Porque em Amsterdam todas das dez récitas lotaram. Poderíamos ter feito pelo menos mais cinco. Quando há uma sensação de qualidade e realização, você convence as pessoas.

• *O senhor então acredita que a maioria dos teatros trabalha com uma compreensão equivocada das necessidades econômicas?*

BOULEZ Sim. A ópera de Paris, por exemplo, tem um subsídio de cerca de 120 milhões de dólares. Bom, não? E você vê os resultados...Então, não é somente uma questão de verba, e sim de vontade. Em Amsterdam, decidiram fazer daquela forma. Claro que foi uma produção cara. Mas pode-se se equilibrar a temporada com produções menos caras. Na indústria fazem assim diariamente. Por que não na música?

• *O senhor disse que Moisés e Aaron representam duas facetas diferentes do caráter de Schoenberg. Talvez também eles digam algo sobre lei e transgressão. Seria uma metáfora para a composição no século XX?*

BOULEZ Será sempre. Isso foi um problema para todos os compositores deste século, desde o começo. Eles encontraram soluções diversas. Na morte de Stravinsky, fiz a comparação. Porque Adorno escreveu um paralelo entre Stravinsky e Schoenberg – o que, na minha opinião, não tem justificativa. Ele disse que Schoenberg era um revolucionário

e Stravinsky um tipo de reacionário. Ambos eram revolucionários e, ao mesmo tempo, reacionários. O período entre 1910 e 1920 foi de extraordinária invenção em todas as artes. Veja Kandinsky, por exemplo, e Picasso. Mais tarde, Picasso se transformou numa espécie de neoclássico e jogou com diferentes perídos, como Stravinsky. E Schoenberg não jogava assim. Ele tentava estabelecer uma nova ordem, mas usava a forma sonata – ele usava formas clássicas para justificar um novo vocabulário. Era mais ou menos um jogo com Stravinsky. Com Schoenberg era absurdamente sério.

• *Como isso se relaciona com sua visão de pós-modernismo como uma ideologia?*

BOULEZ Pós-modernismo é uma farsa. Veja o resultado na arquitetura: terrível! Não se pode construir um tipo de templo pseudogrego com apartamentos, como há em Paris agora. Isso não é inventivo: é grotesco.

• *O que diz da popularidade de compositores como Gorecki, Pärt e Taverner?*

BOULEZ Bem, eles podem aproveitar sua popularidade, que não vai durar muito. Sempre me lembro de Menotti e suas óperas tão populares nos anos 50. Onde elas andam agora?

• *Mas o caso de artistas que se valem do próprio trabalho é diferente. "Dérive", que o senhor estará apresentando no Brasil junto com o Ensemble InterContemporain, veio de seu "Répons", que será gravado para a Deutsche Grammophon.*

BOULEZ Exatamente. São sobras de "Répons". Como um diário. Como Stravinsky escreveu pequenos trabalhos na margem dos maiores. Entre "Sagração da Primavera" e "As Bodas", as canções russas, "Renard". Todos estes trabalhos menores são muito interessantes porque são como páginas de um diário.

• *"Répons" já está terminado?*

BOULEZ Sim, mas planejo fazer uma segunda parte. A tecnologia se desenvolveu muito desde que fiz "Repons" e pode-se fazer muito mais. Para mim, uma obra é ao mesmo tempo uma forma aberta e uma forma concluída, que eu chamo de espiral. A forma de espiral está sempre acabada e se você adiciona alguma coisa a ela, continua acabada. E inacabada. Gosto desta idéia.

• *É assim que o senhor vê a História como um todo?*

BOULEZ Sim. A história é uma espiral. O fim deste século tem muitas semelhanças com o final do século passado. As ideologias já mostraram o que podem e o que não podem fazer. Você percebe seus limites. E há ainda uma expressão de liberdade. No fim, não se pode confiar simplesmente em uma ideologia.

Shirley Apthorp, **especial de Salzburgo**

Vasco Mariz

A Obra Musicológica e suas Projeções

Em seu livro sobre musicólogos brasileiros, Vasco Mariz afirma que "o Brasil produziu até agora três grandes musicólogos, cujas obras se sucederam e se completaram cada qual à sua maneira" . Foram eles Mário de Andrade, Renato Almeida e Luiz Heitor Correa de Azevedo. Tivesse sido escrito por outro autor, certamente os três seriam quatro: faltou o próprio Vasco Mariz, autor de 34 livros e certamente um dos mais prolíficos teóricos da música no nosso país.

Pode-se concluir, com facilidade, que um traço inequívoco da personalidade de Mariz foram as múltiplas facetas de um talento versátil. Neste particular, Ortega Y Gasset definiu o homem de talento como aquele que tem capacidade de inventar sua própria ocupação. Em outras palavras, Jean Paul Sartre escreveu que "cada homem deve inventar seu próprio caminho".

Vasco Mariz fez mais do que isso. Escolheu várias ocupações e diversos caminhos: o da diplomacia, o da música e o da literatura. Como musicólogo, teve reputação solidamente construída pelos livros que escreveu sobre temas musicais de surpreendente variedade, não obstante constituírem elos de uma mesma cadeia. Erudito sem ser maçante, competente sem ser um tecnocrata da música, além de historiador e musicólogo, é também um esteta no sentido mais cabal do qualitativo. Escrevendo sobre a música brasileira, seus compositores e formas musicais, Vasco Mariz tem a naturalidade e a clareza de quem pensa facilmente sobre a música, com um gosto incorruptível e apoiado por um estilo de refinada simplicidade e sem alaridos de erudição.

Examinando-se atentamente a sua obra, aos poucos nos damos conta das múltiplas dimensões abrangidas pelas pesquisas e análises que realizou e de marcadas diferenças temáticas. Cada livro possui textos que lançam luzes sobre assuntos de irrecusável importância para a nossa cultura: Heitor Villa-Lobos, a canção brasileira, a história da música contemporânea no Brasil, musicólogos brasileiros, dicionário biográfico musical, o compositor Cláudio Santoro, além de organizar edições, entre outras, sobre Camargo Guarani e Francisco Mignone. E é surpreendente verificar que muitas dessas obras foram produzidas fora do Brasil, o que evidentemente dificultou sua execução. Sem se deixar abater, Vasco Mariz realizou pesquisas com o ímpeto e o fervor de um convertido e a paciência de um oriental.

A "História da Música no Brasil" – agora em quarta edição ampliada e atualizada – oferece um panorama abrangente desde os tempos coloniais até as últimas tendências contemporâneas, e contém esclarecimentos indispensáveis e minuciosos sobre a evolução da criatividade musical no Brasil.

"Heitor Villa-Lobos" é outra obra de lenta maturação escrita com prodigiosa força comunicativa, riqueza de informações, estilo modelar e capacidade narrativa. Ela traz um apêndice que contém a lista cronológica das obras importantes do compositor, seus editores e a mais completa bibliografia comentada que se conhece do mestre. Igualmente certa a importância da discografia nos Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra e Brasil. Embora não constitua novidade, a canção brasileira, de decantadas virtudes e belezas, é marcada pela infinita variedade de inspiração e por uma produção melódica incessantemente renovada.

O trabalho de pesquisa de Mariz soube estar atento à riqueza e às pequenas verdades da nossa poesia cantada. Neste livro, ele pesquisou e descreveu o valioso legado artístico, um dos maiores que um povo pode ter, com os cuidados de um artesão e vocação poética autêntica, evitando os caminhos batidos das banalidades convencionais. Seu livro "A Canção Brasileira" é um trabalho do maior mérito num momento em que o Brasil precisa urgentemente redescobrir a sua melhor música de câmara e a canção genuinamente popular.

Outra obra que marca a importância da contribuição de Vasco Mariz é o estudo sobre os "Três Musicólogos Brasileiros", editado pela Civilização Brasileira em 1983. Não se pode negar que este seja um de seus melhores trabalhos, graças à rigorosa objetividade dos ensaios, principalmente quando trata da personalidade múltipla e compósita de Mário de Andrade, crítico, poeta, ensaísta e musicólogo, além de guia espiritual de várias gerações. Ao mesmo tempo, quando estuda Renato Almeida e Luiz Heitor Correa de Azevedo, revela a importância desses dois musicólogos, notadamente no que diz respeito ao folclore e à história da música brasileira.

No estudo sobre Cláudio Santoro, o biógrafo pendeu para o

musicólogo, enfatizando a genialidade do compositor. Com minúcias de colecionador, Mariz fornece informações de grande proveito sobre a cronologia, a bibliografia, o acervo discográfico e, principalmente, o catálogo geral das obras de Santoro, organizado e revisto pelo próprio compositor.

Convém lembrar agora o "Dicionário Biográfico Musical", cujas qualidades que se destacam com maior relevo são as oportunas informações sobre compositores, artistas e musicólogos brasileiros, portugueses e latino-americanos, sem descurar dos maestros e das grandes vozes de todos os tempos. O dicionário, mesmo sendo um modelo de precisão vocabular e de notícias biográficas, necessita agora, tão-somente, de uma atualização de alguns verbetes, tendo em vista o caráter mutante da música, de seus criadores e intérpretes.

Recentemente, este comentarista precisou consultar dicionários para obter dados a respeito do compositor argentino Carlos Guastavino. Dos doze títulos consultados, somente o de Mariz, o Baker-Sloninsky e o Grove faziam constar a importante informação.

Esta é, em síntese, a contribuição de Vasco Mariz para a nossa cultura musical. Seus livros, importantes e decisivos, contêm uma prodigiosa multiplicidade de pesquisas, informações e análises sobre a música e os músicos do Brasil.

Sylvio Lago Jr.

Bibliografia editada no Brasil

- **A CANÇÃO BRASILEIRA**. 5ª edição. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.
- **CLÁUDIO SANTORO**. Editora Civilização Brasileira, RJ, 1994.
- **DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO MUSICAL**. Editora Kosmos, Rio de Janeiro, 1949, prefácio de Renato Almeida.
- **DICIONÁRIO BIOGRÁFICO MUSICAL**. 3ª edição revista e atualizada. Editora Villa-Rica, Belo Horizonte, 1991.
- **FIGURAS DA MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**. Edição da Universidade de Brasília, 1970.
- **HEITOR VILLA-LOBOS**. 11ª edição, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1989. Atualizada e ampliada.
- **HEITOR VILLA-LOBOS, COMPOSITOR BRASILEIRO**. 7ª edição atualizada. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1982.
- **HISTÓRIA DA MÚSICA NO BRASIL**. 4ª edição atualizada e ampliada. Editora Civilização Brasileira, 1994, Rio de Janeiro.
- **TRÊS MUSICÓLOGOS BRASILEIROS**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1983. Estudos sobre Renato Almeida, Mário de Andrade e Luiz Heitor Correa de Azevedo.
- **VIDA MUSICAL** (2ª série). Edição do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1970. A primeira série foi publicada em Portugal em 1950.

NOTÍCIAS SONORAS

• **N**a Musikmesse, a maior feira européia de áudio e instrumentos musicais, que acontece no mês de maio na Alemanha, foram lançadas cerca de cinco mil novidades em todas as áreas, de todas as grandes marcas do mundo.

• **Q**uem busca um melhor aproveitamento de seu equipamento de som pode optar pelo conjunto de CAIXAS *SURROUND*, sistema que consiste em oito caixas equalizadas, sendo duas frontais ligadas aos *subwoofers* (aparelhos que concentram os graves somente quando eles existirem nas freqüências baixas da música) e estes ao amplificador. Outras duas caixas centrais reproduzem o som da voz ou dos instrumentos solos, e as caixas satélites reproduzem os efeitos e o envolvimento musical, dando-lhe característica *surround*. Quem tem *home theatre* e procura reproduzir a ambientação sonora de uma sala de concerto, este é um achado.

• **Q**uando o ouvinte é daqueles que gosta de pôr o *headphone* e se desligar do mundo, a solução é usar, além do bom aparelho, um excelente *headphone* que não altere sua fidelidade. A fábrica alemã Sennheiser Electronic, representada no Brasil pela Eurobras, fabrica "Ferraris" nesta área. Como o Orpheus, considerado o melhor *phone* do mundo. Preço desta jóia? Entre US$ 10 e 15 mil. Coisa para astros e estrelas. Há ainda o HD580, considerado pela revista inglesa Hi-fi o melhor de 94 /95 e que, certamente, deve repetir sua colocação este ano. O preço é bem mais acessível: US$ 400. "A tecnologia nesta área não pára. Toda hora temos novidades em cabos, fabricação, uso do material. Sempre se descobre coisa nova, pelo menos de dois em dois anos. Por exemplo: *headphone* com efeito *surround* foi a última novidade apresentada na feira de tecnologia da Alemanha", garante Niels Nygaard, dono da Eurobras.

• **O** VÍDEO DISC RECORDER (VDR) é do tamanho de um CD normal, grava discos com imagem e tem capacidade de memória de um CD-ROM. Outra novidade no suporte sonoro são os *mini-discs*. O MD funciona como um CD normal, tem sete centímetros de diâmetro, capacidade de gravação de 47 minutos e grande versatilidade de operação. Acredita-se que o MD substituirá CDs e K7s existentes nos carros. A coqueluche deste segmento é o Sony MDS-JA3ES, com seu sistema totalmente *no noise*. Mesmo as fitas cassetes passam por profundas transformações. Já estão no mercado fitas do sistema DCC (Digital Compact Cassete). Ao contrário do CD – que tornou obsoletas coleções e coleções de LPs – o *player* DCC permite a reprodução de cassetes convencionais. O videocassete com sistema hi-fi permite gravações de som de excelente qualidade, com até oito horas, numa mesma fita VHS.

• **C**ontroles remotos deixaram de ser meros coadjuvantes. O novo CONTROLE REMOTO INTELIGENTE, dotado de infravermelho e memória, permite ao usuário controlar, programar ou fazer qualquer alteração no seu som à distância, estando em qualquer parte da casa. As caixas de som cada vez menores, mais leves e mais potentes podem ser embutidas no teto, pintadas, escondidas embaixo do sofá, colocadas em locais fechados, permitindo a ilusão de que o som está saindo do ar. Nesta área as marcas mais procuradas são a Jamo, BES, Niels, MTX, JVC e BW. "Elas dão músculos ao tecido sonoro, sem incoveniências de chiado, *puf-puf* ou outra interferência. São fantásticas.", acredita Josias Cordeiro, do Josias Studio (RJ).

• **J**á em São Paulo, a BASE TECNOLOGIA fabrica seu próprio modelo de caixas acústicas. "Na reprodução sonora de música clássica, onde predominam instrumentos acústicos, existem sons corretos e incorretos. Há diferenças sonoras entre instrumentos e também entre aparelhos sonoros. "Meu produto propõe que a pessoa feche os olhos e sinta como se estivesse em uma sala de concertos. Fazemos um trabalho artesanal, desde a fabricação das caixas específicas para o tipo de som até a finalização e o atendimento ao cliente", conta Sami Douek, dono da Base. Suas caixas acústicas Base são de alta fidelidade. Para Sami o importante num sistema de *home theatre* é que equipamento eletrônico tenha fôlego para dar fidelidade à música, em seu timbre correto.

• **A** empresa inglesa SME lançou o toca-discos SME Model 20/2 apropriado para discos de 78 rotações e LPs comuns (33 e 45 rpm). Através de sistema pioneiro, o aparelho retira os chiados existentes no original. Um grande avanço para quem não jogou seus discos antigos fora.

Paulo Reis

Ensemble InterContemporain
é destaque absoluto na Cultura Artística

A Sociedade de Cultura Artística é responsável pela vinda ao Brasil em outubro do Ensemble InterContemporain (EIC), orquestra de câmara fundada por Pierre Boulez no IRCAM – Institut de Recherche et de Coordination Acoustique/Musique – em Paris.

O EIC faz três apresentações em São Paulo e uma no Rio de Janeiro(*leia reportagem de capa a partir da página 16, e boxe com repertório dos concertos*). Boulez hoje divide a direção do EIC com David Robertson, regente-titular do grupo. Robertson concedeu a seguinte entrevista, via fax, à VivaMúsica!.

VIVAMUSICA! *Como é a divisão de tarefas entre você e Pierre Boulez?*

DAVID ROBERTSON O trabalho que faço como diretor musical é o mesmo do diretor de uma orquestra sinfônica. Minha vantagem é ter Pierre Boulez como conselheiro, colega e amigo. Mas as tarefas normais de programação, audições e decisões artísticas são de inteira responsabilidade do diretor artístico.

• *Arnold Schoenberg morreu há 45 anos e grande parte de sua música permanece desconhecida para freqüentadores de concerto. Qual é a melhor maneira de fazer sua música, e a dos compositores vivos, mais conhecida?*

ROBERTSON Tocando-a em um contexto onde o público comece a escutar e perceber seu lugar central no desenvolvimento geral da cultura do século XX, e não apenas da música. Todos os compositores vivos precisam ser colocados em um quadro de referência quando sua música é tocada. Ela não deve ser tocada no vácuo.

• *Como é a relação entre artistas que se dedicam à música contemporânea e a indústria do disco?*

ROBERTSON Não há gravações suficientemente boas de música recente. Creio que a maioria das pessoas gosta de ouvir música quando está fazendo outra coisa, e a maior parte da música de hoje requer mais concentração do que isto. Então, o problema também é do ambiente de escuta para uma música nova e, talvez, desafiadora.

• *A notoriedade dada a compositores como Nyman, Glass, Górecki e Part faz bem ou mal à música contemporânea séria?*

ROBERTSON Esta pergunta está relacionada à anterior. A maioria dos compositores pode ser ouvida sem que se dê muita atenção à música. Você não perde muito se for à cozinha por um momento, ou se o telefone tocar. É como pular algumas páginas em um livro. Se isto não faz nenhuma diferença para o livro, qual o verdadeiro discernimento do autor?

Irineu Franco Perpetuo

MENUHIN AO VIVO

Que é saber cantar? É ser capaz de criar formas etéreas de vida em evolução, com a voz e no instrumento. Para induzir a compenetração disto, na primeira infância, são inadequados tanto a dureza do piano quanto os harmônicos pouco homogêneos do cravo. Ao contrário, o som das caixas de música é doce e acariciante. Sobre os sons do órgão elas possuem também uma superioridade essencial: instilam um certo ímpeto rítmico que o órgão não tem – ímpeto rítmico que, em particular na tenra idade, é sinônimo de vida. A música e a vida são filhas do ritmo – este é um processo de impulsos que se alternam com repousos (acentos). Sentir isso, para o bebê, exige amabilidade. Mas nisto, a voz materna afinada é insuperável...

Com entusiasmo recomendamos aos aficionados e, com mais empenho, aos estudantes e estudiosos. O enriquecimento que os contrastes musicais entre as diversas culturas do globo propiciam aos artistas de todas as partes tornou-se um ideal para Menuhin. Aproximar o Ocidente Europeu e Americano da arte do Oriente e do Oriente Próximo foi tarefa que abraçou com toda paixão. Não haverá homenagem que lhe retribua na justa medida os benefícios disso. Com aquela idéia, organizou esse espetáculo do tipo "poeira de estrelas". Nos instrumentos originais, esse registro histórico, extraído das gravações daquele concerto, nos traz, entre outros objetos de prazer e interesse, música do Sul da Índia (música "carnática", por oposição à música "hindustani" do Norte), música tradicional cigana, música das orquestras de "bandurras" da Ucrânia, música instrumental de inspiração hebraica. A profusão de gêneros e estilos, que inclui até Gershwin, fará a alegria de qualquer ouvinte. Excelente encarte informativo.

(*) Charles Rollin (1661-1741), reitor da Universidade de Paris, no seu "Traité des Études", citado por A. Lavignac em "L'Éducation Musicale", Cap. I.

Arnaldo Senise

ALL THE WORD'S VIOLINS. *Yehudi Menuhin e amigos . Gravação ao vivo no Cirque Royal de Bruxelas, em 21/10/1993. Virgin Classics/EMI.*

CLÁSSICOS ESPECIAIS PARA CRIANÇAS

Os romanos educados eram escrupulosos ao extremo acerca do cultivo da língua. Desde o berço, as crianças eram formadas sob a máxima pureza do linguajar. Esse cuidado era tido como primordial e imprescindível, em paralelo com o dos costumes. Às mães, às amas-de-leite e aos domésticos era recomendado todo o zelo para que não se lhes escapasse nunca uma locução errônea diante das crianças. Diligenciavam para que os vícios dessas primeiras impressões não viessem a constituir-se numa "segunda natureza", impossível de se alterar mais tarde (*).

Música é linguagem – não no sentido figurado, mas em senso real. Possui a natureza e a fraseologia da língua. Ela difere da fala porque transmite apenas em essência as nossas emoções e a intenção do compositor, isenta dos conceitos factuais.

Como então se poderia descurar do adequado estabelecimento desse meio de expressão na mentalidade infantil, sobretudo em face da importância que essa arte superior tem e terá sempre mais na vida do planeta?

Chegam-nos de Viena alguns recursos especiais para esse cultivo do ouvido. Empregando sons de caixinhas de música reproduzidos eletronicamente, mais alguns sons de harmonia e, nas peças dos clássicos, acompanhados pelas velhas cordas do quarteto em pessoa, editaram-se gravações em séries que cobrem, cada uma, certo tipo de repertório. Vão das canções de ninar até Bach e Mozart, passando pelos cantos da natureza, pelos Beatles, as canções urbanas de amor etc. A coleção, que se intitula "Happy Baby", está sendo lançada no Brasil pela Atração Fonográfica (tel.: 011-813-6944), em CDs e cassetes. Trabalho de inegável qualidade, feito por conhecedores, deleitará também o *relax* do adulto.

Por que caixinhas de música, e não a assim chamada *New Age Music?* Instilar o senso da arte – que é beleza de som e comoção – na corrente psíquica do bebê não pode ser tarefa abandonada às *assemblages* mecânicas. A *New Age*, as mais das vezes, é matéria sonora sem alma, destituída de intenção ou de inspiração. Produzida pelo cérebro de robôs, só pode animar os autômatos. Pulsação que diz nada, viagem sem paisagem.

De um outro modo, mergulhar eventualmente uma consciência que desabrocha num turbilhão de inumeráveis sons em bombardeio não fará um compositor. Produzirá um surdo e um aturdido. Não são os meios sonoros que despertam na alma a intenção inspirada, assim como não é a máscara que gera um rosto – é o espírito.

"Caminheiro, não há caminho, faz-se o caminho ao caminhar" – o artista nasce de um *élan* do eu que aprendeu a cantar. O melhor impulso – a única via – em arte é o exemplo, é ouvir os que sabem cantar.

Arnaldo Senise

"HAPPY BABY". COLEÇÃO DE NOVE CDS VOLTADA PARA CRIANÇAS.
Selo Atração Fonográfica, São Paulo.

As Imagens de Glenn Gould

A Sony lança álbum duplo de Glenn Gould que é também uma coleção de imagens – daí o título, "Images". E ainda há alguns pequenos textos do próprio Gould que ajudam a entrar nesse mundo absolutamente único. Os textos falam de Toronto, sua cidade de nascimento e de vida, e da fascinação pelo Norte, de que Toronto já faz parte. Tudo isso compõe a viagem noturna de Gould, pianista que se separou do mundo à procura de uma espécie de absoluto musical. Essa sensação de distanciamento é parte inseparável da arte interpretativa de Gould. Ele queria mesmo que fosse assim; queria "pensar" cada obra, retirá-la do seu contexto tradicional. Assim ele chegou a um Bach que é certamente notável – e que ocupa, aqui, um CD inteiro. Bach se presta a essa viagem: ele mesmo cultivou, às vezes, a abstração em música (por exemplo, na "Arte da Fuga").

Nas mãos de Gould, ele surge com uma face moderna, seca, intelectualizada; mas tudo isso é temperado pelo incrível pianismo de Gould, pelo seu senso rítmico, pela intensidade que ele põe na execução. A clareza de vozes é absoluta, compõem um extraordinário arabesco. Mas o ouvinte deve estar preparado para ouvir, ao mesmo tempo, ainda que ao fundo, a voz do próprio Gould pontuando alguns temas. A sua interpretação era um transe de que ele participava inteiro, dos pés à cabeça; ele não consegue não cantar. Nessa parte Bach, destaque-se a altura metafísica em que é jogada a "Toccata em Sol menor", com a sua gloriosa giga. E, naturalmente, as "Variações Goldberg", especialidade de Gould, representadas aqui pelas variações de 1 a 5.

Quando sai de Bach, pode acontecer de tudo. É curioso ver Gould romântico em Brahms e Bizet. Na peça de Gibbons, ele está de novo em terreno próprio: também os virginalistas ingleses se prestavam à abstração. As peças de Hadyn e Mozart não convencem nada: o estilo clássico não existe fora do seu ambiente próprio. Curiosamente, a "Sonata em Lá menor" de Carl Philipp E. Bach aparece magnífica na sua postura trágica. Com Sibelius, Gould volta a encontrar a sua alma – nesse compositor nórdico por excelência. Ponto alto deste CD é, sem dúvida, o Prelúdio dos "Mestres Cantores" de Wagner. É uma dessas transcrições do próprio Gould que dão a medida do seu gênio. Nessa inacreditável versão pianística, vemos como Wagner, nessa ópera, voltando à velha Alemanha, voltava também a Bach. Tudo soa, a princípio, como um prelúdio coral ao estilo dos Bach-Busoni. Depois, a polifonia se desdobra, e somos submergidos pela força da interpretacão. Um ouvido atento perceberá que, em alguns trechos, Gould deve ter usado o recurso do *play back*: só com duas mãos, não se pode fazer o que ele faz ali.

Luiz Paulo Horta

GLENN GOULD. "IMAGES". *CD 1: Glenn Gould pays Bach ("Concerto Italiano", "Two-part inventions", "Suite francesa", "Cravo Bem Temperado - Livros 1 e 2/trechos", "Three-part inventions ", "Partita Nº 1 em Si bemol maior" e "Tocata em Sol Menor"). CD 2: Glenn Gould plays not Bach (obras de Brahms, Gibbons, Haydn, CPE Bach, Wagner, Beethoven, Sibelius, Bizet, R.Strauss, Scriabin, Mozart e Prokofiev).*

Carlos Gomes para Entendidos

Carlos Gomes teria dito que fez "O Guarani" para os brasileiros, "Salvador Rosa" para os italianos e "Fosca" para os entendidos. No que tange a "Fosca", hoje em dia, este axioma é ainda mais verdadeiro que na época do compositor. Não que a sofisticação de "Fosca" seja acessível apenas ao *connaisseur*. É que apenas os entendidos conseguem ter acesso à melhor ópera de Carlos Gomes. Os teatros tupiniquins se eximiram vergonhosamente da tarefa de comemorar o centenário do compositor com encenações de suas obras. E a única gravação de "Fosca" listada na discografia de Sérgio Nepomuceno foi feita ao vivo, em 1966, no Municipal de São Paulo, estando disponível apenas em raríssimos LPs VOCE e EJS, verdadeiros itens de colecionador. Por isso, há que se saudar entusiasticamente a iniciativa do recém-criado selo Masterclass, de Denis Wagner Molitsas e Evandro Pardini, de lançar comercialmente, em CD, uma gravação feita durante a temporada de 1973 do Theatro Municipal de São Paulo. Molitsas e Pardini são os responsáveis por "Encores", CD de comemoração aos 75 anos da pianista Yara Bernette. A dupla tem planos de editar em CD a integral das óperas de Carlos Gomes.

Esta "Fosca" é o áudio da gravação feita em 1973 pela TV Cultura (que, inexplicavelmente, teima em não incluir o vídeo da apresentação em sua programação). Com regência de Armando Belardi, o solitário advogado da obra de Carlos Gomes, a produção traz praticamente o mesmo elenco da montagem de 1966. Em termos artísticos, a gravação é praticamente do mesmo nível do "Guarani" feito por Belardi, 14 anos antes. Se não chega a arrebatar, o CD dá uma boa idéia da ópera, e não nega fogo nos momentos cruciais, como o deslumbrante dueto "Soli, del mondo immemori". Com uma orquestra limitada, Belardi mostra uma leitura homogênea da obra, e se esforça para preservar a beleza do tecido orquestral mais sofisticado escrito por Gomes, com todas aquelas melodias cativantes, um dia tão erroneamente acusadas de wagnerianas. Plenamente familiarizado com o compositor campineiro, o elenco demonstra muita garra, com destaque para a caracterização rica e inflamada da personagem título feita por Ida Micolis. É um disco feito por quem gosta de Carlos Gomes, para que se venha a gostar de Carlos Gomes.

Irineu Franco Perpetuo

CARLOS GOMES. "FOSCA".
Ida Micolis (Fosca), Raimundo Rinaudo (Gajolo), Zaccaria Marques (Paolo), Agnes Ayres (Delia), Costanzo Mascitti (Cambro), Sebastião Sabiá (Michelle Giotti), Benedito Silva (Il Doge di Venezia) / Coral Lírico do Teatro Municipal de São Paulo / Armando Belardi, regente . Gravação realizada em 1973 no Municipal de São Paulo. Selo Masterclass (SP).

HANDEL

OS CONCERTOS PARA ÓRGÃO, Op. 4

Nos anos de maturidade, compositor já devidamente consagrado, Handel não tinha exatamente a preocupação de fazer "música séria" ao compor seus concertos orquestrais. Estes – e aí se incluem os dedicados ao órgão – eram destinados a entreter o público nos intervalos das grandes obras corais, quando o próprio compositor sentava-se ao órgão e improvisava livremente. Não é de causar espanto, portanto, que introduzisse volta e meia, nesses concertos, temas dos seus oratórios.

Os principais concertos para órgão de Handel foram reunidos em duas coletâneas, contendo cada uma seis peças: os opus 4 e 7. Com um detalhe: as peças que integram o opus 4 são, em grande parte, arranjos dos seus *concerti grossi* para orquestra. Estruturalmente, são composições em quatro – a grande maioria – ou três movimentos, onde a um movimento rápido sucede-se um lento. Como disse A. Eaglefield-Hull, "os traços predominantes dessa música são largos planos de luz e sombra e contrastes fortes e violentos, cujo principal intuito é produzir um poderoso efeito sobre um público numerosíssimo".

Como acontece também em Bach, Handel introduziu algo novo em seus concertos para órgão: o papel do instrumento solista.

Anteriormente, como acontecia em Vivaldi – primeiro a empregar o órgão como instrumento *obligato* em seus concertos – o órgão era parceiro do violino no concertino. Aqui não: ele responde ao solo do concertino e substitui inteiramente o violino, passando a ser uma voz solista totalmente individual. É importante considerarmos que Handel compunha tendo em mente o órgão italiano simples utilizado na época, que não dispunha de pedal autônomo, tendo muitas vezes apenas um manual (teclado). A ênfase, portanto, é toda para a melodia, diferentemente de Bach, que privilegia a teia polifônica.

Como dissemos anteriormente, em geral era o próprio Handel que sentava-se ao órgão nos intervalos de seus oratórios. Elenão se preocupou, portanto, em detalhar muito a parte solista, que se resumia a meros esboços, quando não trazia simplesmente a anotação *organo ad libitum*. Isto coloca sobre o intérprete uma responsabilidade redobrada, já que caberá a ele criar as improvisações. Do opus 4, os mais conhecidos são o nº 4, que traz detalhados todos os registros do grande solo de órgão do segundo movimento, e o nº 6, originalmente composto para harpa e que funcionava como interlúdio para a *Festa de Alexandre*, de 1736.

A OBRA E O CD

HANDEL. "Concertos para órgão, op. 4". *Orchestra of the Age of Enlightenment. Regência Bob van Asperen. Virgin (EMI). 1996. 7243545174-2.*

Apesar de ser uma das mais importantes coletâneas de obras para órgão, o opus 4 de Handel é relativamente difícil de ser encontrado em nossas lojas. Mesmo sendo um item bastante difundido nos catálogos internacionais, nenhuma de nossas gravadoras o fabrica localmente, e as importações se resumem a uma única versão recém-lançada pelo selo Virgin Records e distribuída pela EMI. Ela nos traz a Orchestra of the Age of Enlightenment sob a regência de Bob van Asperen.

O conjunto toca em instrumentos de época e van Asperen rege do órgão, como de resto era prática tradicional. Ele não chega a ser exatamente um nome novo na corrente de revivescência do Barroco, mas é ainda pouco conhecido no Brasil. Uma pena, sem dúvida, pois seu trabalho é digno do maior respeito. Além de "viver" o espírito handeliano, o músico é um excelente organista. Some-se a isto uma orquestra em perfeita sintonia com seu líder e formada por músicos que evidentemente se identificam com o trabalho que realizam, e temos um produto ótimo. Os tempos são criteriosamente selecionados e o CD, como um todo, é uma festa para os ouvidos.

A gravação foi realizada em janeiro de 1994 e apresenta uma tomada de som primorosa, com solista e conjunto sendo captados em um equilíbrio perfeito. A sonoridade do órgão de van Asperen, um Goetz & Gwynne de 1985, baseado em modelos do século XVII, é belíssima. Sem dúvida uma excelente opção, especialmente se considerarmos que a concorrência é praticamente nenhuma.

Mário Willmersdorf Jr.

MAIS OBRIGATÓRIOS

Mendelssohn não tem sido tratado com deferência pelas grandes gravadoras. Sua presença no catálogo de vídeo laser é mais que discreta. Ocorre com ele o mesmo fenômeno que afasta dos vídeos Bach, Haydn e Schubert. São compositores de extraordinária e enorme produção instrumental, que não parecem atrair os produtores de gravação em vídeo.

Seja lá por que razão, o fato é que românticos como Berlioz e Tchaikovsky dominam largamente o catálogo, o que é explicável no caso do russo, mas difícil de justificar no caso do francês. Por que tanta produção berlioziana – raridades como a "Messe Solennelle" e "Romeo et Juliette", por exemplo – sem que Mendelssohn ou Schubert estejam representados na mesma proporção?

Uma das possíveis explicações é que regentes que naturalmente se adaptam à era vídeo, como Norrington e Gardiner, são mais atraídos pela ricas texturas orquestrais de Berlioz do que por obras sinfônicas de Schumann e Liszt, para citar mais dois dos pouco representados. A exceção é Sir Georg Solti, o mais presente nas videotecas depois de Karajan e Bernstein. Mesmo antes de esgotar todo o Beethoven e o Tchaikovsky de praxe, Sir Georg já se preocupava em ampliar o repertório romântico em vídeo. As gravações de Liszt ("Les Préludes", com a Chicago) e Mendelssohn são um dos pontos a favor da Decca.

WIENER PHILHARMONIKER ANNIVERSARY CONCERT 150 YEARS: Schubert – "Sinfonia Nº 7 em Si menor D 759 ('Inacabada')"/ Mahler – "5 Lieder"/ Beethoven – Abertura "Coriolano"/ Mendelssohn – "Sinfonia Nº 4 em Lá maior Op. 90 ('Italiana')". Christa Ludwig, mezzo-soprano, Orquestra Filarmônica de Viena. Regência: Riccardo Muti. Diretor de vídeo: Hugo Kach. Gravado ao vivo no Musikverein de Viena, 1992.

O som da Unitel nos anos 70 era inferior ao sofrível, como se sabe. Mas os mendelssohnianos não podem se dar ao luxo de escolher modernidades e pelo menos podem se deliciar com uma das mais arrebatadoras interpretações do "Concerto para violino", quando a então jovem Kyung Wha já deslumbrava as platéia americanas.

O concerto é um primor de equilíbrio no primeiro movimento, a coda deixando exposta a energia que resulta do extraordinário diálogo solista-orquestra. O segundo e terceiro, com a mágica transição, compram o bom gosto e a musicalidade da coreana, que ainda por cima exibe o virtuosismo necessário no *finale* com extrema mestria.

As duas sinfonias são precisamente executadas, mas como lá não está a figura esguia e séria da solista, os defeitos da captação do som ficam mais evidentes. A entrada das trompas no *maestoso* do final da Terceira é bastante prejudicada. Mas como Mendelssohn é uma raridade (e Kyung Wha em vídeo também) o disco é obrigatório.

MENDELSSOHN "Sinfonia Nº 3 em Lá maior, Op. 56 "Escocesa", "Sinfonia Nº 4 em Lá maior, Op. 90 - Italiana" / Kyung Wha Chung, violino /Orquestra Sinfônica de Chicago/ Reg. Sir Georg Solti/ Dir. de vídeo de Humphrey Burton. Gravado no Symphony Hall, Chicago, 1976. London.

Só pelo Mendelssohn já valeria. Uma leitura meticulosa de Muti, para quem os arcos de Viena tocam com extrema aplicação. O *Andante* é dos mais vivos que já ouvi, realmente *con moto*. O *presto* é levado a sério, muito rápido, como só mesmo aqueles violinos podem fazer, num transbordamento de virtuosismo.

Christa Ludwig presta suas homenagens ao público vienense, que a recebe com a polidez que merecem as grandes vozes do passado. Seu Mahler é impecável, mas a linha vocal sente o tempo, como não podia deixar de ser. O Beethoven e o Ravel carregam um tom de festa, justificável, mas não imprescindível. O que confirma que a urgência da aquisição do disco é a "Inacabada" – um traço trágico, sentido, de toda a orquestra, que para ela vestiu sua cor mais densa.

Renato Machado

THEATRO Arthur Azevedo

Pequena jóia maranhense

Conhecer o Theatro Arthur Azevedo em São Luís do Maranhão – apelidada no passado de a "Atenas brasileira" – é algo tão inusitado quanto dar de cara com a grandeza do Parthenon em meio à feia Atenas moderna. Afinal, um dos teatros mais bem equipados do Brasil em aparelhagem cenotécnica localiza-se num dos estados mais pobres e carentes do país.

Mas, dentro do Arthur Azevedo, nada lembra a triste realidade que o cerca. No pequeno teatro de 750 lugares, Fernando Bicudo, diretor geral e responsável, em 1991, pela reforma (orçada em US$ 12 milhões) da casa de espetáculos mais antiga do Brasil, usou uma matemática tecnológica que faz pensar no futuro e no primeiro mundo pelo grande número de aparatos eletrônicos.

Num palco de 15 m de fundo por 12 m de boca de cena concentram-se 300 mil watts de potência divididos em projetores *Intellabeam*, capazes de criar milhares de efeitos de luz com seus potentes fachos controlados por computador, canhões laser, projetores e canhões seguidores. Para controlar todo esse aparato, basta que o técnico aperte alguns botões da mesa Enact 24 e pronto: a luz se faz sozinha, sem requerer a sua presença. Atores entram em cena e sabem que, nos momentos exatos e nas marcações, serão atingidos por fachos de luz 200 vezes superiores a luzes comuns e em até 12 tonalidades de cor.

O Arthur Azevedo ainda é dotado de um sistema de vídeo e som Sony de última geração, incluindo ilha de edição capaz de produzir gravações profissionais e comercializáveis dos espetáculos. Na sala de ensaios do coro o luxo é igual: um estúdio de gravação equipado para produzir CDs de alta qualidade. A sala de dança, com 250 metros quadrados, é hoje o maior salão de ensaios do país, perfeito para abrigar o corpo de baile dirigido por Antônio Gaspar, ex-primeiro-bailarino do Municipal do Rio de Janeiro.

Criado por dois comerciantes portugueses, o teatro nasceu da riqueza passageira dos ciclos do algodão e da cana no Maranhão. Batizado nos anos 20 em homenagem ao dramaturgo maranhense Arthur Azevedo, o teatro teve vida curta e pouco gloriosa, acabando por transformar-se em cinema e depois, fechado, em "elefante branco", sendo finalmente condenado. Em 1991, tudo foi posto abaixo, à exceção das paredes laterais, e se construiu o novo teatro com o pensamento no que teria sido o antigo. A partir de pesquisas históricas, inclusive com a ampliação de fotos antigas por computador, conseguiu-se retomar algo do esplendor novo-rico do passado. São detalhes em ouro, bronze, espelhos monumentais, móveis pesados e vidros bizotados, em sua maior parte reconstruídos em Buenos Aires.

Inaugurado em dezembro de 1993, com uma "Tosca" que tinha Montserrat Caballé como protagonista, o Theatro Arthur Azevedo ainda engatinha em produções locais, apesar da boa oficina cenotécnica que abriga. O público é, esperadamente, composto das classes média e alta do estado, embora o teatro seja um orgulho local de cidadãos que nunca ultrapassaram o limite de sua fachada.

Carlos Haag

DIVULGAÇÃO

Bicudo no Arthur Azevedo: teatro-modelo

"Fosca" em NY

DIVULGAÇÃO / TAA

Aprille Millo anuncia no Maranhão montagem de Carlos Gomes

O soprano APRILLE MILLO esteve no Theatro Arthur Azevedo no mês de agosto em dois programas. Participou de um "Tributo a Carlos Gomes" (que contou ainda com a participação dos cantores líricos Eduardo Álvares, Ruth Staerck e Alpha de Oliveira) e de um concerto acompanhada pela Orquestra Sinfônica Ópera Brasil – composta por músicos de diversas partes do Brasil – sob regência de Sílvio Barbato. Na ocasião, Millo falou à **VivaMúsica!** sobre seu desejo de montar a ópera "Fosca", de Carlos Gomes, em Nova York, em 1997:

VIVAMÚSICA! - *Como começou seu envolvimento com Carlos Gomes?*
APRILLE MILLO - Desde 1986, quando cantei "Aída" no Municipal do Rio. Recebi uma fita com Claudia Muzio cantando Carlos Gomes. Há dois anos conheci a "Fosca" e me encantei. Recentemente, Fernando Bicudo sugeriu que montássemos esta ópera em Nova York. Há cinco organizações interessadas. Ainda falta escolher o elenco, mas gostaria que a estréia fosse ainda no ano que vem.

• *O que é preciso para uma ópera entrar no circuito dos grandes teatros?*
MILLO - Um "padrinho" ou "madrinha" com fama. Maria Callas, por exemplo, trouxe Rossini de volta. É preciso ter o *timing* correto e conhecer as pessoas certas. Faremos uma montagem preliminar no Arthur Azevedo que provavelmente será registrada em vídeo e CD. Quero muito ver "Fosca" nos EUA. Estou certa de que o público de Nova York adorará Carlos Gomes.

Paulina D'Ambrósio

Dama do Violino

Uma das mais influentes figuras da vida musical brasileira, a violinista e professora Paulina D'Ambrosio completa em 1996 vinte anos de ausência. Além de fundar uma verdadeira escola de violino no Brasil, Paulina deu lições de vida. "Tudo que aprendi devo a ela. Como professora, era excelente. Como pessoa, extraordinária", confessa o violinista Jacques Niremberg, que estudou com Paulina desde os onze anos de idade até se tornar seu assistente na Escola de Música da UFRJ. A violinista é uma lenda na história da música brasileira. Nascida em São Paulo, no dia 19 de março de 1890, Paulina D'Ambrosio morreu no Rio de Janeiro no dia 10 de agosto de 1976, deixando para trás uma legião de alunos e admiradores.

Formada pelo Conservatório Real de Bruxelas, aos 14 anos recebeu Medalha de Ouro, mas não quis permanecer na Bélgica, onde foi convidada a dar aulas no próprio conservatório. De volta ao Brasil, veio viver no Rio e se tornou amiga de Villa-Lobos, Pascoal Carlos Magno, Alice Dora e Marques Rebello. A afinidade com Villa era tão intensa que o compositor submeteu várias obras à sua apreciação. Em retribuição, ele lhe dedicou o famoso "Duo para violino e viola" (1946). Na Semana de Arte Moderna de 22, enquanto a violinista tocava uma peça do compositor sob vaias, a alça de seu vestido desceu. Gritaram da galeria: "Levanta a fitinha, moça!" Após o concerto, desatou a chorar, sendo reconfortada por Villa-Lobos, que a chamava "generala" do seu exército. "Ela fez várias primeiras audições, não só para Villa-Lobos como para compositores mais jovens, e nunca cobrou nada de ninguém. Era uma alma bondosa que só se preocupava com a música", relembra a violinista Mariuccia Iacovino, considerada a filha espiritual de Paulina.

Paulina foi responsável pela formação dos maestros Henrique Morelenbaum, Nelson Nilo Hack, o compositor Ernani Aguiar, os violinistas Nelson Macedo, Nathan Schwartzman, Francisco Perrotta, Alda Gomes, Alda Borghi, Mariuccia Iacovino, os irmãos Jacques e Henrique Niremberg, Cybira Millions, Santino Parpinelli, Andiara Kano, Carlos Lafayette, os irmãos Michel e Bernardo Bessler e até mesmo o compositor Guerra-Peixe. "Ela era uma pessoa muito doce, mas de temperamento forte", recorda Bernardo Bessler.

Atenta a todas necessidades de seu alunos, Paulina era reconhecida pela bondade. "Eu era um aluno sem recursos e quando precisava comprar músicas para o próximo semestre ela me dava as partituras", conta Jacques Niremberg. A explicação para tanto cuidado talvez venha do fato de a violinista não ter tido filhos. Francisco Perrotta lembra: "Ela teve um noivo que morreu de gripe espanhola e nunca mais tirou o luto. Sua relação com familiares era muito forte: criou suas sobrinhas, ajudou pai e irmão, ajudou alunos e criou uma família integrada por essas pessoas, tanto na sua casa da Gávea, quanto na de Laranjeiras e no apartamento do Leme. Ela levava essas relações por toda a sua vida."

Sua família era formada pelo irmão Romeu, que lhe deu oito sobrinhos: Isa, Iva, Inês, Íride, Ibsen, Ilse, Inca e Igor. "Tia Paulina foi professora de todos os sobrinhos. Era muito ligada à família e aos amigos", recorda Isolda D'Ambrosio, sobrinha-neta. Ela foi a primeira mulher a criar um grupo musical, a Orquestra Propagadora de Música de Câmara, onde todos os primeiros violinos eram mulheres e Paulina, *spalla*. Seu Quarteto Guarnerius foi um dos mais famosos do país, assim como o Trio Brasileiro, com Alfredo Gomes e Maria Amélia Resende Monteiro. De suas aulas saíram muitos integrantes da Orquestra Sinfônica Brasileira e de conjuntos como o Quarteto UFRJ.

Paulina foi uma virtuose que conhecia profundamente as dificuldades técnicas do violino. Formada pela escola franco-belga, admirava Kreisler e foi amiga de Arthur Rubinstein. "Ela tinha a melhor escola de arco. Era fácil identificar seus alunos só pela forma de tocar", avalia Mariuccia Iacovino. Com tantos predicados, e no entanto não há registros fonográficos. "A Paulina era muito modesta e não soube se promover. Ela foi a artista mais completa que conheci na arte brasileira. O Brasil tem obrigação moral de resgatar sua memória", cobra Mariuccia.

Paulo Reis

Uma Biblioteca Musical - Parte 8

Maestros

A arte do maestro e sua interpretação constituem o mais alto grau de refinamento de uma civilização. Ele é o mediador da música e do compositor e também é capaz de tornar uma obra orquestral superior a si própria. Do maestro exige-se o controle absoluto da orquestra e uma interpretação com unidade, harmonia e conformidade ao espírito da obra que está recriando. Além de uma infinidade de outros misteres, ele cuida das indicações metronômicas, das nuances dinâmicas, dos fraseados, da articulação, dos plano e expressões sonoras. Nos ensaios, deve fazer a orquestra penetrar no âmago da partitura com total dedicação à perfeição técnica e à expressão.

Sylvio Lago Jr.

MAESTROS - PERFIS E BIOGRAFIAS

• Maestro – Incontri com I Grandi Direttori D'Orchestra
Helena Matheopoulos – A. Vallardi – 1983 – Itália.
Um livro indispensável para os que se interessam pelos maestros e suas concepções artísticas, transformadas pela acuidade da autora em verdades reveladas.

• I Grandi Direttori D'Orchestra
Enrico Stinchelli – Gremese Editore – 1987 – Itália.
Obra de grande interesse, que aborda as escolas nacionais de regência e seus maestros. Livro refinado e erudito que tem como fio condutor a arte e os estilos de regência.

• Los Grandes Directores de Orquesta
Hans-Klaus Jungheinrich – Alianza Musica – 1991 – Espanha.
Atento aos pormenores e às sutilezas biográficas dos grandes maestros do século XX, este é um dos melhores livros já escritos sobre esses personagens e sua arte atemporal, nas mais variadas perspectivas.

• Los Grandes Directores
Harold C. Schonberg – Javier Vergara Editor – 1990 – Argentina.
Ao término da leitura desta obra, fica a profunda sensação de familiaridade com a história da regência e de seus grandes protagonistas. Um trabalho excepcionalmente rico de informações e análises.

• La Magia de la Batuta
Friedrich Herzfeld – Editorial Labor – s/ data – Espanha.
Um livro que foi primeira leitura de muita gente sobre regência e maestros, despertando interesse e atenção de melômanos para os prodígios da arte da direção de orquestra. Mostra a estreita correlação entre história, técnica da regência e maestro, com suas concepções interpretativas determinantes. Uma obra inestimável até hoje.

• Le Chef D'Orchestre
Élisabeth Bernard – Editions la Découverte – 1989 – França.
Livro que alia a história da evolução do papel do maestro aos diversos fenômenos artísticos relacionados à sua extraordinária importância como intérprete. Retrata o advento do star system produzido pela multimídia: os supermaestros que adquiriram prestígio, autoridade, poder, fama e dinheiro, numa época de rebaixamento dos valores culturais dominados pela mediocridade triunfante. Descreve o panorama multiforme do trabalho e da técnica do maestro e as complexas relações deste com a orquestra e o público. Obra para quem deseja conhecer uma das manifestações mais altas do espírito.

• Ni Empereur Ni Roi, Chef D'Orchestre
Georges Liébert – Découvertes Gallimard – 1990 – França.
O título condensa a fórmula de Wagner para definir o papel da autoridade imperiosa do maestro nos planos da estética e da interpretação musicais. Profusamente ilustrado e com textos de altas virtudes, o livro, além das perspectivas históricas, revela as circunstâncias particulares do trabalho deste artista cujo único instrumento de que dispõe é a orquestra.

• Il Mito del Maestro
Norman Lebrecht – Longanesi Milano – 1991 – Itália.
Trabalho polêmico, escrito com base numa torrencial bibliografia, fontes inéditas, entrevistas, manuscritos, transmissões de rádio e TV. Seu grande mérito é a quantidade de informações e fontes apresentadas. Um aspecto discutível do livro é o inocultável júbilo com que o autor revela as mediocridades e as recorrentes mistificações de alguns maestros.

COMPÊNDIOS E TRATADOS DE TÉCNICAS DE DIREÇÃO DE ORQUESTRA

No século XX, a arte da regência foi tema que alimentou vasto elenco de estudos eruditos, teóricos e práticos que alargaram e aprofundaram a cultura musical de maestros de todas as nacionalidades. Por suas numerosas qualidades didáticas, técnicas e conceituais, os livros aqui citados são influentes e fundamentais.

• Techniques of Modern Orchestral Conducting
Benjamin Grosbayne – Harvard University Press – 1973 – Estados Unidos.
Choral Conducting
Archibald T. Davidson – Harvard University Press – 1970 – Estados Unidos.
Duas obras de múltiplas e privilegiadas qualidades, com teorizações claras e detalhadas exemplificações práticas.

• La Direction d'Orchestre
Hermann Scherchen – Ed. Actes Sud – 1986 – França.
Um estudo clássico de grande erudição e talvez o mais completo de todos pela clareza, ordem, método e abrangência das questões da técnica e da interpretação diretoriais.

• Conversations de Pierre Boulez sur la Direction d'Orcheste
Editions Calman Levy – 1989 – França
Importantes as reflexões de Boulez sobre a técnica e as questões interpretativas além de reveladoras suas indicações sobre a criação contemporânea e seus requisitos de direção.

• Le Parfait Chef d'Orchestre
Fred Goldbeck – Presses Universitaires de France – 1952 – França.
O que mais surpreende neste livro é a variedade e riqueza dos temas tratados, envolvendo o trabalho do maestro com a partitura, as relações da orquestra com a obra e com o maestro, e deste com a sua técnica e as questões centrais interpretativas.

• Je Suis Chef d'Orchestre
Charles Munch – Editions du Conquistador – 1954 – França.
Pequena obra-prima de objetividade e singular combinação de simplicidade de meios e sabedoria musical. Tem sido há décadas um dos breviários dos grandes maestros.

• El Director de Orquestra Ante la Partitura
Enrique Jordá – Espasa-Calpe – 1969 – Espanha.
Outro livro clássico escrito por um dos maiores maestros espanhóis deste século. Abrange, em síntese, história sucinta da direção, as intrincadas questões de conhecimento da partitura e de compreensão da obra e uma interessante discussão sobre a eterna controvérsia da interpretação objetiva e subjetiva.

• A Comunicação Gestual na Regência de Orquestra
José Viegas Muniz Neto – Anna Blume – 1993 – Brasil.
Um livro para especialistas no assunto. Os pressupostos mais importantes encontram-se nos capítulos sobre o desenvolvimento da regência de orquestra, a comunicação do gesto regencial e as evidências teóricas e empíricas dos aspectos comunicativos da direção da primeira sinfonia de Beethoven. Obra de irrecusáveis virtudes conceituais e práticas, que estabelece importantes conexões com a literatura clássica sobre a direção de orquestra.

• Le Compositeur e son Double
René Leibovitz – Gallimard – 1986 – França.
Um monumento da literatura sobre a interpretação dos maestros pela grande erudição, curiosidade de espírito, gosto da análise e uma alta sensibilidade. Um dos melhores e mais completos livros escritos sobre as relações do intérprete com a obra musical e seu criador.

• L'Art du Chef d'Orchestre
Organizado e apresentado por Georges Liébert – Hachette – 1988 – França.
Uma admirável contribuição de Liébert na seleção e comentários de textos básicos de Berlioz, Wagner, Felix Weingartner, Bruno Walter e Charles Munch sobre a prática musical e a teoria da arte da direção.

CARLOS GOMES • CONTINUAÇÃO

Fosca: A Bela Adormecida (cont. pág. 10)

No segundo ato "temos a ária de Fosca "Quale l'orribile peccato" um inspirado andante em *sotto voce*. No terceiro ato atingimos o clímax da ópera no extraordinário dueto entre Delia e Fosca "Orfana e sola". O notável duo é desses momentos que por si só consagram qualquer compositor, tal a riqueza do conteúdo musical. No último ato, a belíssima *romanza* de Paolo, "Lintenditi con Dio", que Carreras, com sua voz esplendorosa, gravou na Philips, é das grandes árias para tenor do repertório universal. Caruso, Gigli, Lauri Volpe insistiram no "Quando nasceste tu" do "Escravo", mas, esqueceram-se desta da "Fosca", onde encontramos o germe do "Addio a la madre" da "Cavaleria Rusticana" de Mascagni, admirador confesso de Carlos Gomes. Não são à toa as semelhanças entre o prólogo ("Hino ao Sol") de sua ópera "Iris" e a Alvorada do "Escravo".

Alguns tópicos de Mário de Andrade sobre a "Fosca", em matéria publicada na "Revista Brasileira de Música", de 1936: "'Fosca' representa, realmente, talvez o único momento em que Carlos Gomes pretendeu se elevar acima de si mesmo e avançar, em arte, um pouco além do ponto em que jazia a italianidade sonora do tempo... 'Fosca' apresenta qualidades admiráveis (...) É espantoso o que Carlos Gomes conseguiu de enriquecimento musical nessa obra (...) Acerta muito bem no princípio lírico-dramático de caracterização especial de cada cena - princípio que Debussy haveria de retomar energicamente depois da epidemia wagneriana. Na verdade, a 'Fosca' é uma das obras-primas da música dramática italiana do século XIX".

Sérgio Nepomuceno A. Correa

MOZARTEUM BRASILEIRO

DRESDEN TRAZ JOVEM SOLISTA GÜRTLER

Sebastian Gürtler

A Orquestra Filarmônica de Dresden (OFD) faz duas apresentações em São Paulo, dias 7 e 8 de outubro na temporada do Mozarteum. A orquestra é regida por Günter Herbig e traz ao Brasil, como solista, o jovem violinista Sebastian Gürtler. O maestro Herbig já atuou como regente convidado das sinfônicas de Chicago, Boston, Los Angeles, Cleveland, Toronto, Detroit, BBC, Londres, Paris e Weimar. Austríaco de Salzburgo, o violinista Gürtler estudou no conservatório local com os professores Erika Zehetmair e Helmut Zehetmair. Ele tem 26 anos de idade e toca um violino Michelangelo Bergonzi de 1750.

O repertório da OFD em suas apresentações paulistas inclui "Oberon" de Weber, "Abertura Egmont" e a "Sinfonia Nº 3" de Beethoven, o "Concerto para Violino e Orquestra Nº 1" de Bruch, o "Concerto Nº 5 para Violino e Orquestra" de Mozart e a "Sinfonia Nº 1" de Mahler. A orquestra foi fundada a partir da inauguração da primeira sala de concertos na cidade alemã de Dresden, 1870. A nova entidade cultural, então chamada Orquestra da Gewerbehaus de Dresden, passa a organizar, a partir de 1885, concertos filarmônicos na cidade. No ano de 1915, a entidade adota o nome de Orquestra Filarmônica de Dresden. Desde 1924, a OFD é uma cooperativa, gerida pelos próprios músicos.

Brahms, Tchaikovsky, Dvorák e Strauss, entre outros, compuseram para a OFD. Já os regentes Hans von Bülow, Anton Rubinstein, Bruno Walter, Fritz Busch, Arthur Nikisch, Hermann Scherchen e Erich Kleiber estiveram à frente da orquestra.

MARILYN HORN EM RECITAL

Horne: privilégio paulistano

Engrossando a lista das estrelas da música clássica que este ano vieram ao Brasil para apresentacões exclusivas em São Paulo (Yo-Yo Ma, Samuel Ramey, Charles Dutoit, Viktoria Mulowa, Claudio Scimone, Eva Marton, Maurice Andre etc), o *mezzo* Marilyn Horne faz seu único recital no Brasil no Municipal paulista, dia 28 de outubro, acompanhado pelo pianista Brian Zeger.

Possuidora da National Medal of Arts e Fidelio Gold Medal, entre outras honrarias, Horne é hoje um nome que enche palcos no mundo inteiro. Seu carisma e voz encantam platéias de Nova York, Londres, Munique, Berlim, Barcelona, Paris, cantando para orquestra renomadas como a Sinfônica de Londres, a Filarmônica de Nova York, a dos Teatros La Scala e La Fenice.

Há mais de vinte anos uma das mais aplaudidas divas, Marilyn Horne grava por diversos selos internacionais e possui uma obra extensa, desde discos de árias a óperas. Grande intérprete de "Semele", de Handel (ganhou o Grammy de 94 na categoria "The Best Opera Recording"), a cantora foi considerada pelo "New York Times", uma das "nove estrelas de todas as cantoras que se apresentaram em cem anos de Metropolitan Opera House".

A SALA

SALA CECÍLIA MEIRELES

I MUSICI ENCERRA "CONCERT HALL"

I Musici toca dia 21

I MUSICI está de volta ao Rio. O mais prestigioso conjunto de câmara da atualidade encerra a série "Concert Hall" da Sala Cecília Meireles (RJ) com uma apresentação no dia 21 de outubro, sexta-feira, às 19 horas.

Liderado atualmente pela violinista romena MARIANA SIRBU, I Musici apresentará um repertório centrado no Barroco e no Rococó italianos, que incluirá obras de Vivaldi, Costanzi, Tartini e Rossini.

A história de I Musici começou em Roma em 1952, quando doze jovens se reuniram com o objetivo de formar um conjunto de câmara onde não houvesse uma voz preponderante, e o estilo resultasse da integração absoluta dos seus membros, com peso e responsabilidade iguais. O grupo não queria ter regente. A escolha do nome foi a mais natural possível: simplesmente I Musici (Os Músicos).

A primeira apresentação ocorreu na Academia Santa Cecília de Roma, em 1953. De lá para cá, I Musici não parou de tocar e de gravar, construindo uma carreira de surpreendente vitalidade. Os prêmios fonográficos se acumularam, citando-se entre eles o Grand Prix du Disque, o Edson Award, O Deutscher Schallplattenpreis e o Grand Prix des Discophiles.

ACCARDO EM MOZART E BEETHOVEN

Salvatore Acardo: recital com Bruno Canino

Outra grande figura da cena musical italiana, o violinista SALVATORE ACCARDO é mais um astro europeu que retorna ao Rio, na temporada da Sala Cecília Meireles. Accardo foi uma figura constante nas temporadas cariocas dos anos 70, quando aqui chegou a apresentar a integral das sonatas para violino e piano de Beethoven, em duo com o nosso Jacques Klein.

Dia 9 de outubro, quarta-feira, às 21 horas, Salvatore Accardo encerra a Série "Clássicos Vienenses", também na Sala, num recital em que atuará com acompanhamento pianístico de Bruno Canino. O programa é formado exclusivamente por obras de Mozart e Beethoven. Do primeiro, o violinista executará as "Sonatas K. 301 e K. 304" e, do segundo, interpretará a "Sonata Op. 23, em Lá menor" e "Sonata Op. 96, em Sol maior".

Batuta

ISRAEL MENEZES

O maestro carioca ISRAEL MENEZES, 44 anos, é filho de flautista e neto de violinista. "Sempre quis ser maestro, desde criança. Estudei violão, piano e violino apenas para minha formação", salienta. Ele freqüentou o Conservatório Brasileiro de Música, Pró-Arte, Academia Nacional de Música, Casa do Estudante do Brasil, Escola de Música da UFRJ – onde graduou-se em regência e composição, em 1980 – e Ernest Read Music Association (ERMA), na Inglaterra, onde cursou pós-graduação em regência. Meneses é professor de Prática de Orquestra na Escola de Música da UFRJ.

Israel Menezes foi aluno de Carlos Eduardo Prates, Cleofe Person de Matos, Lutero Rodrigues, Henrique Morelenbaum e Roberto Duarte, de quem foi assistente de 1979 a 1986, na Orquestra de Câmara de Niterói, atualmente Orquestra Brasil Philarmonia. Na Inglaterra, estudou com Noel Long e Andrew Charity. No Egito, regeu a Orquestra de Ópera do Cairo. Em Munique, a Orquestra Ensemble St. Benno e, na Inglaterra, a Orquestra Sinfônica do Festival Internacional de Surrey. Há dez anos fundou a Orquestra Rio Camerata (ORC), onde até hoje atua como único regente. Com um corpo estável de 28 músicos jovens, a ORC promove uma série de concertos em museus, espaços culturais e escolas.

Compositores

MARIA HELENA ROSAS-FERNANDES

A mineira MARIA HELENA ROSAS-FERNANDES graduou-se em piano pelo Conservatório Brasileiro de Música e em composição e em regência pela Escola Superior de Música Santa Marcelina, em 1977. Foi aluna de Hans Joachim e Margarita Koellreuter, Osvaldo Lacerda, Liddy Mignone, Almeida Prado, entre outros. A compositora reside em Campinas, onde dá aulas e promove atividades culturais musicais.

Sua obra é bastante conhecida em festivais e panoramas de música no Brasil. Rosas-Fernandes venceu, em 1980, o 1º Concurso Brasileiro de Composição de Música Erudita para Violão e Piano com a obra "Ciclo", executada pela pianista Sonia Vieira. Foi escolhida "Mulher do Ano de 1993-1994" pelo Institute International of Research (EUA).

Suas atividades musicais e de pesquisadora a têm levado a viajar como conferencista pela Alemanha, Estados Unidos, Argentina, além de cidades brasileiras. Como pesquisadora musical, Maria Helena Rosas-Fernandes publicou "Considerações sobre Três Músicas para Flauta dos Índios Waurá"(1984-1985) e "Questões Relativas ao Estudo da Polifonia na Música Bororo" (1992) e "A Música Indígena como Fonte de Pesquisa da Música Contemporânea" (1986). Parte de sua obra musical está registrada em discos, em gravações de Ruth Serrão.É autora de uma única ópera, "Marília de Dirceu", inédita nos palcos brasileiros. Como compositora, ela coloca em sua obra a preservação dos índios e das riquezas naturais brasileiras.

Orquestras

ORQUESTRA SINFÔNICA DA BAHIA

Com corpo estável de maestro e 56 músicos, a ORQUESTRA SINFÔNICA DA BAHIA (OSBA) foi criada em 30 de setembro de 1982. Dirigida atualmente pelo *spalla* Salomão Rabinovitz, a OSBA tem como regente o maestro Erick Vasconcelos. Seus músicos são provenientes da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, a terceira escola mais antiga do país.

Integrando os corpos estáveis do Teatro Castro Alves (TCA), junto com a Escola de Balé (Ebateca) e o Coro Sinfônico do TCA, a orquestra fez sua primeira apresentação em dezembro de 1982. Em treze anos de atividade, maestros como Henrique Morelenbaum, Roberto Duarte, Isaac Karabtchevsky, Ronaldo Bologna, Aylton Escobar, Sílvio Barbato, Roberto Tibiriçá e Lutero Rodrigues já regeram a orquestra. A instituição se apresenta na sede do Castro Alves em quatro concertos mensais. A orquestra promove anualmente um Festival de Música Barroca e a série Concertos Nobres.

Escolas

CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA

Comemorando este ano seus 60 anos de atividades e se renovando para entrar no século XXI, o CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA (CBM), no Rio de Janeiro, é testemunho de grande parte da história musical do Brasil contemporâneo. De lá saiu a primeira formação de compositores ligados ao dodecafonismo e à música eletroacústica: a vinda do compositor Hans J. Koellreuter nos anos 30 tornou o CBM o pioneiro nessa área.

Inaugurado em 1936 por Oscar Lorenzo Fernandez, Amália Fernandez Conde, Antonieta de Souza, Ayres de Andrade, Roberta Gonçalves de Souza Brito e Rossini Costa Freitas, o CBM teve seus cursos superiores reconhecidos pelo governo federal em 1944. Atualmente, o compositor José Vieira Brandão é o presidente da entidade, sendo diretora geral a pianista Marina Helena Lorenzo Fernandez e como diretora técnica-cultural, Cecília Conde. A atual diretoria vem buscando renovar seus quadros de professores, ampliando seus cursos. "Vamos lançar cursos de música brasileira, estamos criando nosso estúdio de eletroacústica, abrindo cadeiras de canto coral e regência coral, e fazendo trabalhos comunitários de educação musical com crianças de favelas", contabiliza Cecília.

O Conservatório Brasileiro de Música oferece cursos de extensão, livres (aulas de 16 instrumentos, além de canto, harmonia, percepção e teoria musical), técnicos (arco, canto, cordas, sopro, teclado, regência de coro e de banda), fundamental (para estudantes de 7 a 14 anos), graduação (canto, composição, intrumento, licenciatura em educação artística, musicoterapia e regência), pós-graduação e mestrado (educação musical e musicologia).

Em homenagem ao centenário de nascimento do seu fundador (comemorado em 1997), o CBM já apresenta em novembro uma série de concertos. No mesmo mês haverá um festival de música contemporânea homenageando Koellreuter e Edino Krieger. "O Koellreuter fundou nosso curso de música moderna. Edino foi seu aluno e é um dos compositores mais importantes de sua geração. Este será o *start* do ano Lorenzo Fernandez", conta sua diretora. O Conservatório Brasileiro de Música pretende envelhecer se renovando sempre.

• **Conservatório Brasileiro de Música: Av. Graça Aranha, 57/12° andar, Centro, Tel (021) 240-5431 / 5481 / 6131 (fax); Rua Padre Elias Gorayeb, 15/8° andar, Tijuca, Tel (021) 268-502, Rio de Janeiro.**

Jovens Talentos

LÍGIA MONTEIRO SILVA, PIANISTA

A pianista brasiliense LÍGIA MORENO SILVA, de apenas 13 anos, nasceu em Ceilândia – uma das mais pobres cidades-satélites do Distrito Federal. Na opinião da professora de piano da Escola de Música de Brasília (EMB), Vânia Marise de Campos e Silva, Lígia é uma criança-prodígio. A talentosa menina foi a única brasileira selecionada para o VIII Internacional Young Solos Musical Competition, realizado em Córdoba (Argentina) em agosto deste ano. Lígia fez aos oito anos seu primeiro concerto com a Orquestra do Teatro Nacional, tocando Haydn.

A pianista iniciou seus estudos na EMB aos seis anos de idade. Aos sete ganhou seu primeiro prêmio, no Concurso Nacional de Piano de Goiânia (GO). Este ano foi a mais premiada pianista no Concerto Nacional de Piano de Montes Claros (MG), onde, além do 1º lugar, recebeu também os prêmios revelação e maior musicalidade.

Cursos

• De 8 a 12 de outubro realiza-se o II ENCONTRO NACIONAL DE VIOLÃO DA UNI-RIO. Coordenado pelo violonista Nícolas de Souza Barros, o evento abrange palestras e concertos, além de uma *masterclass* com o violonista uruguaio Eduardo Fernandez, promovida através do convênio entre a UNI-RIO e a CAPES. Informações pelo telefone: (021) 295-2548 ou fax: (021) 295-1043.

• Nos dias 12 e 13 de outubro acontece em São Paulo o II ENCONTRO DE SAÚDE VOCAL, na Reciclar Eventos. Aberto a fonoaudiólogos, professores de canto, odontólogos e estudantes, o encontro traz renomados conferencistas e a cantora lírica japonesa Eiko Pimentel como palestrante. Informações pelo telefone (011) 606-7384.

Maria Olenewa: celeiro de jovens talentos

Escola de Dança Maria Olenewa

A Escola de Dança Maria Olenewa (EDMO), a mais antiga instituição de balé do país, está preparando seu *grand jeté* para o futuro. Em 1997, a escola comemora 70 anos de atividade pensando em modernização do ensino e ampliação do quadro de alunos. "Queremos trazer professores para fazer estágios, *masterclasses*. Estar ligado ao que acontece no exterior é a melhor forma de se atualizar e preparar bailarinos para o futuro", diz a diretora Maria Luisa Noronha. Para comemorar o aniversário, a Maria Olenewa promete uma série de atividades. Espetáculos, palestras, encontros de ex-alunos, vídeo-documentário, concurso literário e festival de dança.

Ligada à Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro, com subsídios do governo estadual, a escola foi criada em 11 de abril de 1927 pela bailarina Maria Olenewa. Desejosa de criar um corpo de baile que atendesse às companhias estrangeiras que vinham aqui dançar, Olenewa começou dando aulas para pouco mais de trinta alunos, ainda no terceiro andar do Municipal. Em 1936, a escola se separou do teatro e ganhou sede no Largo da Lapa, sem, contudo, perder seu principal objetivo: preparar profissionais para o Corpo de Baile.

Durante décadas a EDMO foi celeiro das grandes estrelas. De suas salas de aulas saíram de Márcia Haydée a Nora Esteves. A rígida disciplina e o preparo técnico fizeram desta escola uma das mais procuradas do país. A escola chegou a ter 500 alunos em seus corredores. Hoje, com apenas 290, a história mudou. "Hoje trabalhamos apenas com 25 alunos em cada sala de aula. Chegamos a ter 700 pessoas em época de inscrição. Temos que ser rígidos para não perder qualidade", completa Maria Luisa. Em outubro, abrem-se as inscrições para a escola e as provas acontecem em fevereiro. "Alunos regulares passam por uma prova para entrar no corpo da escola. Há cursos extras para os que estudam em outras escolas", explica Maria Luisa.

Mas nem tudo são flores na história desta prestigiada escola. Ao longo dos anos passou por dificuldades financeiras. Em 1983 teve que ser fechada por causa de problemas estruturais e seus alunos ficaram sem aulas. A bailarina e professora de dança Dalal Achcar e o Teatro Villa-Lobos vieram em socorro e os alunos passaram a usar as dependências do teatro e a da Escola Dalal Achcar para continuarem suas aulas. A reinauguração veio dois anos depois, em 1985. Neste ano é criada a Associação dos Amigos da Escola de Dança Maria Olenewa (AmaDança), que vem garantir a manutenção do prédio, o pagamento de profissionais (professores, pianistas e pessoal administrativo) e viabilizar concursos, oficinas e festivais.

"O Estado paga nossa contas e o restante vem do AmaDança. Graças a esta instituição é que podemos continuar nosso trabalho de fomar bons bailarinos para o Corpo de Baile. Sem eles, acho que seria o caos", avalia a diretora. Graças à associação, a escola pôde enviar seu aluno Jonatham Albuquerque, de 16 anos, para estudar como bolsista na Royal Ballet School, de Londres. "Ele é uma bailarino excepcional e não teria dinheiro para estudar fora. Nós procuramos ajudar nossos alunos no que for possível. Para isso serve também a AmaDança", diz.

Paulo Reis

Notas

• Entre 11 e 23 de outubro acontece em Bento Gonçalves (RS) o IV FESTIVAL DE DANÇAS DO MERCOSUL. Aberto a bailarinos do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, o festival está dividido em três estilos: balé de repertório tradicional e moderno, infantil e infanto-juvenil com estilo livre e danças populares, jazz e outras modalidades. Informações pelo telefone (054) 451-1588.

REFORMAS NA MEC A PLENO VAPOR

Continuam as melhorias nas instalações da rádio MEC. No mês de setembro foi reinaugurado o estúdio sinfônico, que agora possui uma mesa de som de última geração, com 56 canais de gravação, apta inclusive para gravar CDs com qualidade profissional. Também foi lançado o selo "Repertório", trazendo gravações antigas feitas nos estúdios da emissora. Todas as fitas do acervo passam por um processo de remasterização, garantindo a qualidade de som.

Os primeiros lançamentos em CD serão as óperas "Fosca" e "O Escravo", interpretadas pela Orquestra Sinfônica Nacional, sob regência de Nino Stinco. No elenco, os cantores Aracy Bellas Campos, Alfredo Colósimo e Leda Coelho de Freitas. Até o fim do ano serão lançados mais quatro títulos com gravações de Villa-Lobos, Francisco Mignone, Radamés Gnatalli e Jacob do Bandolim, todas realizadas nos estúdios da MEC em diferentes datas.

Este informe foi produzido pela assessoria de imprensa da Rádio MEC, que é responsável pelas notícias aqui publicadas.

• Ouvintes da MEC FM satisfeitos com MELHORIAS DE TRANSMISSÃO e programação. • Dia 28 de setembro, na Sala Cecília Meireles (RJ), aconteceu a final do "1º CONCURSO NACIONAL TALENTOS RÁDIO MEC", que já entrou para o calendário da música no Brasil. Oito jovens disputaram uma bolsa de estudos no exterior, cachê de R$ 2.500,00 em dinheiro e vários outros prêmios. • Termina dia 6 de outubro a EXPOSIÇÃO DOS 60 ANOS da MEC no Museu da República (RJ, com material do acervo da Fundação Roquette Pinto (descoberto a partir de pesquisa conduzida pelo pesquisador e escritor Suetônio Valença, museólogas Blanca Dias e Helma Kátia e restauradoras Thaís Helena de Almeida e Nira Lima).Além de fotos e registros sonoros, exposição mostra ainda a evolução do disco desde os registros em 78 rotações até o *mini-disc*.• A Rádio MEC organiza em novembro a segunda edição do "FESCAN – FESTIVAL DA CANÇÃO ESTUDANTIL", voltado para a MPB. Os participantes devem ser estudantes do 2º grau ou universitários da rede oficial de ensino do estado do Rio de Janeiro.Informações: (021) 252-8413.• Chegou a vez da MEC AM (800 Khz) ser beneficiada com melhorias de transmissão. A emissora tem equipamento com potência de 100 kilowatts e programação que privilegia a música popular brasileira e programas educativos.

ART AND MUSIC – UMA VIAGEM MUSICAL

Uma visão panorâmica das artes plásticas através da música. Essa a proposta do CD-ROM "Art and Music", composto de quatro volumes: "A Era Medieval", "O Barroco", "A Renascença" e "O Século XVIII", comercializados separadamente ou integrando uma caixa. Em seqüência ao artigo da edição passada, cobriremos os dois últimos títulos.

No CD "A Renascença", os autores exploram música e arte do período Renascentista, toda a sua simetria e equilíbrio, com o sentido da proporção espelhando os ideais platônicos. São aproximadamente 50 minutos de narrativa com ótimas seqüências visuais apoiadas na mais bela música dos gênios do período, como Dufay, Josquin des Près e Praetorius, que fazem contraponto às obras de Botticelli, Donatello, Ghiberti, Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael.

O último volume, "O Século XVIII", faz uma viagem através de um período da história que viu o fulgor da música dos compositores clássicos da velha Viena, que desenvolveram especialmente a forma da sinfonia e do quarteto de cordas. Nas artes plásticas, foi a época do Rococó e do Neoclássico.

Essa atmosfera foi captada de forma brilhante por alguns dos maiores gênios da música, capitaneados pela graça e versatilidade das composições de Mozart, pelas novas idéias sinfônicas trazidas por Haydn, e pelo talento e vigor das composições de Beethoven. Elas servem de pano de fundo para a narrativa multimídia de aproximadamente 35 minutos, que coloca em primeiro plano as obras de David, Fragonard e Goya, entre outros.

Em todos os volumes há a opção de ir diretamente a consultas e às explicações das idéias colocadas pelos autores. Você pode ainda ampliar na tela e imprimir em cores todas as obras de arte apresentadas no CD. Para facilitar, um índice especializado do período, facilitando sobremaneira a consulta à "American Concise Encyclopedia" que integra o pacote.

No todo, a coleção apresenta mais de duas mil fotos, 85 excertos de composições musicais, glossários e mais de quatrocentas perguntas e explicações. Uma ótima maneira de, brincando, ampliar seus conhecimentos sobre história da arte. Importante: o produto é compatível com Windows, Windows 95 e MacOS.

"Art and Music". CD-ROM em quatro volumes. 50'. Zane Publishing (EUA). 1995. Importado.

Mário Willmersdorf Jr.

O THEATRO

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Temporada lírica prossegue com "Norma"

Alta voltagem dramática e *performances* vocais de grande exigência técnica, "Norma", a tragédia da grã-sacerdotisa druida apaixonada pelo cônsul romano à época da ocupação da Gália, é o quarto título da temporada lírica de 1996 no Municipal do Rio. Financiada pela Secretaria de Estado de Cultura e Esporte, a ópera de Bellini recebe os cenários do Colón de Buenos Aires, em mais um momento do convênio firmado com o teatro carioca, a exemplo de "Elektra e "La Bohème". Quem responde pela direção musical e regência da Orquestra Sinfônica e do Coro do Municipal é o argentino Michelangelo Veltri.

DIVULGAÇÃO TEATRO COLÓN

A montagem do Cólon

O diretor e cenógrafo argentino Hugo de Ana, responsável por grandes montagens no Municipal do Rio – onde esteve radicado entre 1978 e 1982 – assina esta "Norma". "A idéia é não fazer uma montagem tradicional, mas erigir uma visão simbolista do espetáculo. Norma é um dos personagens mais importantes do *bel canto* porque representa um mundo dividido e destruído pela guerra e, ao mesmo tempo, um ser humano dividido e destruído pelo amor e pela traição", diz Hugo.

O cenário – pedra partida ao meio – remarca a cisão de um povo dominado, a luta interna da sacerdotisa e também a relação com as forças da Natureza que, segundo o diretor, caracteriza a tradição do culto druídico. "Casta Diva", uma prece à Lua, é o mais perfeito exemplo de invocação à Natureza. Nas palavras de Hugo de Ana: "Norma é em si mesma o abismo e a ponte. Trata-se de uma ópera muito bonita, especialmente pela oportunidade de destacar o conflito de uma mulher que descobre e perdoa uma traição."

Ponto máximo do romantismo italiano, a ópera de Bellini (1801-1835) tece momentos de pura tensão cênica apoiando-se primordialmente na voz dos cantores – que dispõem de árias espetacularmente bem colocadas para demonstrar, ao mesmo tempo, seus dotes vocais e dramáticos, a exemplo da famosíssima "Casta Diva" e do dueto do segundo ato das protagonistas, "Mira o Norma".

O desempenho dos sopranos no papel principal, uma das mais difíceis *performances* da ópera, foi tema, ao longo dos anos, de delicadas avaliações e comparações dos críticos. Antes e depois da Segunda Guerra, duas cantoras glorificaram-se como Norma: Maria Callas e Rosa Ponselle.

"Vozes de Bellini alcançam clímax dramático"

"Uma das concepções mais errôneas a respeito de Bellini é a de que ele escrevia suas óperas para determinados cantores visando determinados desempenhos vocais, dando pouca importância ao drama contido no libreto. Nada mais falso: a tragédia ou a comédia a ele entregue para musicar era sua primeira preocupação. Só que seu gênio conseguia envolver o enredo numa música entregue primordialmente às vozes. Ao mesmo tempo em que dava ampla margem para a demonstração de aptidões vocais, criava com os cantores – no âmbito das suas vozes e, se necessário, apenas nas vozes – o clímax emocional ou dramático contido no libreto."

BRUNO FURLANETTO, Coordenador de ópera do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Estréia Foi Graças a Capitão

No dia 17 de fevereiro de 1844 "Norma" teve sua primeira récita brasileira no Teatro São Pedro de Alcântara (RJ). Foi o maior triunfo que uma ópera obteve no Rio, tendo atingido vinte récitas sucessivas, número até hoje não igualado. Já havia doze anos que o Teatro São Pedro de Alcântara fechara suas portas e, apesar de um público ávido por espetáculos líricos, naquele período não havia sido apresentada nenhuma ópera. No início de 1844, chegava à cidade uma companhia composta por oito jovens cantores.

Nota distribuída à imprensa da época dizia: "Nós, abaixo assinados, artistas de canto, declaramos que o senhor Pedro Pittaluga, Capitão do Berganlim Sardo 'EMPIREO', conhecendo a propensão e o gosto dos habitantes desta capital pela música vocal italiana, de sua espontânea vontade nos propôs juntar em sociedade, após nos ter escolhido entre muitos, e passou conosco um trato, que aceitamos de comum acordo... ". (AYRES DE ANDRADE - FRANCISCO MANUEL DA SILVA E SEU TEMPO - RIO, 1967).

Foi, pois, um oficial de marinha, que com sua iniciativa pessoal possibilitou tanto a vinda dos jovens cantores como a retomada dos espetáculos líricos no Rio de Janeiro quase que ininterruptamente até a data de hoje.

Nenhuma obra de Bellini havia sido encenada até então na cidade e não há dúvida de ue as melodias do autor tiveram influência decisiva sobre o sucesso junto ao público carioca. Porém, era necessário que essas melodias fossem transmitidas aos espectadores da melhor maneira possível, e aí é que parece estar o fator decisivo do sucesso.

A cantora que fez o papel da protagonista, Augusta Candiani, era uma jovem de 23 anos e, segundo registros, era uma artista extraordinária, com voz límpida em toda a extensão e passou para o público enorme intensidade dramática em seu desempenho (CERNICHIARO - STORIA DELLA MÚSICA NEL BRASILE-MILANO, 1926). Seu sucesso foi tal que se tornou a cantora mais admirada do público carioca e, a seguir, estreou aqui diversas óperas de Bellini, Donizetti e Verdi. Candiani gostava de cantar modinhas brasileiras na nossa língua e inovou audaciosamente interpretando-as nos intervalos das óperas, com total aprovação do público. O sucesso fez com que Augusta Candiani permanecesse no Brasil, tornando-se brasileira por adoção. Ela faleceu aos 69 anos, depois de residir no país durante 46.

Mário Barreto

"Norma", ópera em dois atos de Vincenzo Bellini
17, 23 e 26 de outubro, às 21h
20 de outubro, às 17h
Direção Musical e Regência: Michelangelo Veltri
Direção Cênica, Cenários e Figurinos: Hugo de Ana.
NORMA: Martilde Rowland. ADALGISA: Delores Ziegler.
POLLIONE: Craig Sirianni. OROVESO: Carlo Colombara.

Sinopse

Gália, época da ocupação romana, cerca de 50 a.C. No bosque sagrado dos druidas, o grão-sacerdote Oroveso pede aos deuses que levantem a população numa guerra para acabar com o jugo romano. Assim que se retira o grupo dos druidas, o procônsul romano Pollione confidencia ao centurião Flávio que não mais ama Norma, apesar de a grã-sacerdotisa, filha de Oroveso, ter por ele quebrado seu voto de castidade dando-lhe dois filhos. Agora seu coração pertence a Adalgisa.

O instrumento sagrado de bronze convoca os druidas ao templo e os romanos se retiram. Norma, que ninguém suspeita íntima dos romanos, sobe os degraus e profetiza, para salvaguardar seu amado, que Roma cairá e que os deuses não desejam o confronto na Gália. E ora à deusa pelo retorno do chefe romano que a abandonou.

Outras Informações

Libreto de Felice Romani, baseado na tragédia de Souvet.
Estréia: La Scala de Milão, em 26/12/1831
Estréia no Brasil: Teatro São Pedro de Alcântara, janeiro de 1844.
Estréia no Municipal: julho de 1910, com Cecília Gagliardi, Virgínia Guerrini, Genaro de Tura.

• Foram até hoje encenadas 12 montagens no Rio de Janeiro, a mais recente em 1987.

• Alguns dos maiores sopranos que fizeram o papel-título no Rio: Rosa Raisa (1918 e 1921); Claudia Muzio (1928 e 1933); Gina Gygna (1936); Stella Roman (1945); Maria Callas (1951); Grace Bambry (1980).

• A única brasileira a cantar Norma no Municipal do Rio foi a gaúcha Zola Amaro, em 1920. Adalgisa ficou a cargo de Gabriela Besansoni diversas vezes. O mais famoso Polline foi o do tenor Mário del Monaco, em 1956.

Estas páginas foram produzidas pela assessoria de imprensa do Theatro Municipal, a quem cabe a responsabilidade pelas informações publicadas.

Callas ou Tebaldi?

A Rivalidade do Século Começou no Brasil

Maria Callas e Renata Tebaldi, sopranos de uma mesma geração, são as cantoras mais discutidas da história do *bel canto*. Em 1951, as duas, então ilustres desconhecidas, apresentaram-se pela primeira vez no Brasil. No dia 20 de agosto, no Municipal de São Paulo, Callas deveria estrear na "Aída", de Verdi, fato que não aconteceu devido a uma doença da cantora. Dias após, Tebaldi apresentou-se na primeira récita noturna de "La Traviata", e Callas na vesperal da mesma ópera. Na época, os críticos só prestigiavam as primeiras récitas, mas o crítico João Câncio Póvoa, do jornal "O Estado de São Paulo", assistiu às duas cantoras e achou que Callas era mais completa pela extensão vocal (dando o Mi bemol no final da "Sempre Libera") e também por sua interpretação como excelente atriz.

A temporada paulistana encerrou-se com Callas em "Norma", de Bellini, e Tebaldi em "Andrea Chernier", de Giordano, ambas sucessos estrondosos. Já no Municipal do Rio, coube a Tebaldi fazer as três primeiras récitas de "La Traviata", nos dias 24 e 26 de agosto e 1º de setembro. Callas cantou as quartas e quintas récitas. Os críticos só se reportaram, muito elogiosos, às apresentações de Tebaldi. Ayres de Andrade chegou mesmo a compará-la a Cláudia Muzio. As apresentações de Callas, apesar de vitoriosas, não tiveram registro.

A temporada no Rio prosseguiu com Tebaldi cantando "La Bohème", Callas cantando "Norma", Tebaldi, na "Aída" e, no dia 24 de setembro, Callas apresentou-se na "Tosca". Devido ao grande sucesso no Rio, ao contrário de São Paulo, Tebaldi foi convidada a fazer duas récitas da "Tosca", o que não estava previsto em contrato. Maria Callas achou deselegante o fato da colega aceitar a incumbência. Com isto, foi criado um clima de competição. E a guerra começou...

Em 1955, quando Callas e Tebaldi reinavam no Scala de Milão, o então superintendente do teatro, Sr. Gheringhelli, afirmou que Maria Callas era o próprio Scala, pois era uma intérprete capaz de cantar tudo. Ao saber desta afirmação, Tebaldi resolveu não mais cantar no teatro milanês, passando a ser rainha absoluta no Metropolitan, enquanto Callas reinava sozinha no Scala.

Numa temporada em Paris, ao ser indagada numa entrevista sobre as diferenças entre a sua voz e a de Tebaldi, Maria Callas declarou que a sua voz era como um champanhe borbulhante e a da Tebaldi, uma Coca-Cola efervescente. Aí a guerra pegou fogo!

O que fica patente é que uma era o oposto da outra. Maria Callas era um estupendo soprano dramático. Deixava a desejar apenas como soprano ligeiro, o que era plenamente compensado por seu registro excepcional: abrangia três oitavas. Sua voz era linda nos registros graves e médios. Seu timbre possuía um colorido sombrio, era quente e sensual. Além disso, em cena, Callas sempre foi uma atriz espetacular. Em suma, foi uma das maiores cantoras de todos os tempos. Foi cognominada "o Tigre da Ópera", tal a sua garra.

Renata Tebaldi é uma voz de registro normal, que atinge duas oitavas. É um fenomenal soprano *lírico-spinto*. Sua voz é belíssima: suave, romântica e doce. Seu apuro técnico é perfeito, seus pianíssimos são impressionantes. Na maturidade, Tebaldi se apresentou com muito êxito como soprano dramático. É também uma das maiores cantoras de todos os tempos. Foi cognominada de "a Voz de Anjo".

A rivalidade de Callas e Tebaldi chegou a inspirar o escritor norte-americano, James Yaffe, autor de um conto intitulado "Mamãe Canta uma Ária", publicado em "Mistério Magazine de Ellery Queen". Neste conto, dois amigos amantes de ópera, um fã de Callas e o outro, de Tebaldi, brigam permanentemente por causa das cantoras. Numa noite, quando Renata Tebaldi se apresenta no Metropolitan cantando a "Tosca", o fã de Callas morre assassinado dentro do teatro. O fã de Tebaldi é acusado de ser o assassino. A trama é desfeita ao se descobrir que ele jamais mataria o amigo enquanto sua diva cantava, pois isto perturbaria o espetáculo.

Na temporada de 1968 no Metropolitan, Tebaldi apresentou-se cantando a ópera "Adriana Lecouvreur", de Cilea. Maria Callas foi assisti-la e cumprimentou-a depois da apresentação. Um abraço pôs fim à rivalidade das duas cantoras, que começou no Brasil e serviu para projetá-las no mundo artístico.

Lauro Gomes

Agenda!
Outubro

DIA 1 *(terça)*

Concertos – Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
Ruth Staerke, soprano, Inácio de Nonno, barítono, e Laís Figueiró, piano. Santoro/ M. Tavares/ G. Bauer/ H. Tavares/ N. de Hollanda/ Krieger/ M. Santos/ C. Senna/ Ripper/ P. Nunes/ C. de Hollanda/ J. Antunes/ B. Kiefer/ Guerra-Peixe. R$ 6.

FINEP, 18H30
Vera Astrachan, piano. Schumann/ Gershwin. Grátis.

IBAM, 21H
Quinteto Instrumental Opus 5: Cristina Braga, harpa, Angelo Dell'Orto, violino, Igor Levy, flauta, Ricardo Medeiros, contrabaixo, e Paulão, percussão. Debussy/ Levy/ Noel/ Albinoni/ Cartola/ Satie/ Braga/ Villa-Lobos/ Dell'Orto. Grátis.

SALA CECÍLIA MEIRELES, 21H
Luís Carlos Justi e Marco Minkov, oboés, Paulo Sérgio Santos e José Freitas, clarinetas, Elione Medeiros e Aloysio Fagerlande, fagotes, Philip Doyle e Zdenek Svab, trompas, Paulo Bosísio, violino, Nayran Pessanha, viola, Marcelo Salles, violoncelo, e Antônio Arzolla, contrabaixo. Mozart – "Serenata K. 388" / Beethoven – "Septeto Op. 20. R$ 15 (platéia), R$ 10 (balcão) e R$ 5 (estudantes).

Ópera – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
"Turandot", de Puccini. Eva Marton ou Maria Abajan (Turandot)/ Lando Bartolini ou Ernesto Grisalis (Calaf)/ Vladimir de Kanel ou Alessandro Verducci (Timur)/ Mônica Martins ou Claudia Riccitelli (Liú))/ João Malatian ou Arlindo Guariglia (Imperador Altoum)/ Sandro Christopher ou José Antônio Soares (Ping)/ Fernando Portari ou Sérgio Weintraub (Pang)/ Marcos Tadeu ou Ronado Trigueiro (Pong)/ Luiz Oréfice (Um Mandarim). Coral Lírico Municipal/ Valério Záccaro. Direção cênica e cenografia: Roberto Osvald. Figurinos: Aníbal Lapiz. Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo/ Luiz Fernando Malheiro.

DIA 2 *(quarta)*

Concertos – Rio

TEATRO NOEL ROSA (PROJETO UERJ CLÁSSICA), 18H
Ensemble de Câmara Eduardo Mata (Venezuela). Valdemar Rodriguez, clarineta, Wiliam Molina, violoncelo, e David Ascânio, piano. Brahms/ Beethoven/ Schumann/ Debussy/ Chopin. Grátis.

IGREJA DA CANDELÁRIA, 18H30
Antonella Pareschi, violino, e Inês Rufino, piano. Pietro Nardini/ Mascagni/ Tchaikovsky/ Poulenc/ Granados/ Lorenzo Fernandez/ E. Krieger/ F. Valle. Grátis.

RAMEY E MARTON EM SP

O Theatro Municipal de São Paulo traz ao Brasil, no mês de outubro, dois grandes nomes do canto lírico: o soprano húngaro EVA MARTON e o baixo norte-americano SAMUEL RAMEY (foto). Marton participará da montagem de "Turandot" e de um concerto com a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal (OSTM). Ramey faz concerto de gala também com a OSTM, regido por Isaac Karabtchevsky.

Ramey: dias 25 e 27

A ópera de Puccini será encenada dias 1, 2, 4, 5, 6, 10 e 11 de outubro, sob regência de Luiz Fernando Malheiro. Terceira montagem da temporada lírica do Municipal paulista, "Turandot" traz ainda Maria Abajan, Lando Bartolini e Ernesto Grisalis, Vladimir de Karel e Alessandro Verducci, Mônica Martins e Claudia Riccitelli, João Malatian e Arlindo Guariglia, Sandro Cristopher e José Antônio Soares, Fernando Portari e Sérgio Weintraub , Marcos Tadeu e Ronaldo Trigueiro e João Paulo Haddad.

Nos dias 18 e 20, Eva Marton e Csaba Airizer (baixo-barítono) cantam "O Castelo de Barba-Azul", de Béla Bartók, acompanhados pelo Coral Paulistano (regência de Samuel Kerr) e OSTM, que interpreta ainda "A História do Soldado", de Stravinsky. Já dias 25 e 27 acontece um concerto de gala com Samuel Ramey e participação do Coral do Municipal (regência de Mário Valério Záccaro) e Coral Eco (regência de Teruo Hishida).

MUSEU DA REPÚBLICA, 18H30
Carol Murta Ribeiro, piano. Grátis.

Concerto – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 12H
Rosana Lamosa, soprano, Sandro Bodilon, barítono, e Rosana Civile, piano. Grátis.

Ópera – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
"Turandot", de Puccini. Ver ficha técnica dia 1.

DIA 4 *(sexta)*

Concerto – Curitiba/PR

AUDITÓRIO DA ASSOCIAÇÃO AVELINO VIEIRA, 21H
Noel Nacimento, piano. Beethoven/ Debussy/ Chopin/ Liszt. Lançamento do CD "Piano Romântico". R$ 8.

Concerto – Rio

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H
Orquestra Brasil Folclore/ Carlos Moreno. Guerra-Peixe/ Ernani Aguiar/ Ricardo Medeiros. R$ 5.

Ópera – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
"Turandot", de Puccini.Ver ficha técnica dia 1.

DIA 5 *(sábado)*

Concertos – Rio

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, 16H
Karel Selmeczi, violino, e Marina Brandão, piano.

THEATRO MUNICIPAL RJ, 16H30
Cristina Ortiz, piano. Orquestra Sinfônica Brasileira/ Roberto Tibiriçá.

Ópera – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
"Turandot", de Puccini.Ver ficha técnica dia 1.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 21H
A Escrita e o Swing (uma história comparativa do jazz e da música erudita). Tema: Free Jazz e Dodecafonismo. Produção: Sidney e Sérgio Molina.

DIA 6 *(domingo)*

Ópera – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 17H
"Turandot", de Puccini.Ver ficha técnica dia 1.

Rádio – Rio

MEC FM (98,9), 11H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloisa Fischer.

MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa: "Príncipe Igor", de Borodin. Martinovich/ Ghiaurov/ Evstatieva/ Kaludov/ Milicheva. Coro da Ópera Nacional de Sofia e Orquestra do Festival de Sofia/ Emil Tchakarov. Produção: Zito Baptista Filho.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 17H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloisa Fischer.

DIA 7 *(segunda)*

Concerto – Rio

CASA DE CULTURA LAURA ALVIM, 17H30
Duo Alda Leonor e Hilza Rocha, piano a quatro mãos. Grátis.

Concertos – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 18H
Vesperais Líricas: "Il Segreto di Suzanna", de E. Wolf Ferrari. Vera Platt, soprano, Sandro Bodilon, barítono, Eduardo Paniza, baixo, Cristina Madeira, flauta, Rosely Gonçalves Freire, piano. Direção cênica: João Malatian. Grátis.

MUSEU BRASILEIRO DE ESCULTURA, 19H
Vesperais Líricas: "Aida", de Verdi. Magali Lettieri, soprano, Mara

Alvarenga, mezzo-soprano, Francisco Simal, tenor, Salvatore Iungano, barítono, Angelino Machado, baixo, e Marizilda Hein, piano. Grátis.

TEATRO ARTHUR AZEVEDO, 19H
Vesperais Líricas: "La Calisto", de Cavalli. Elenco a confirmar. Direção musical: Nicolau de Figueiredo. Grátis.

TEATRO PAULO EIRÓ, 19H
Vesperais Líricas: canções de Paolo Tosti. Andrea Ramus, barítono, Paulo Esper, tenor, José Gnecco, tenor, Leda Monteiro, soprano, e Marcelo de Jesus, piano. Grátis.

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 21H
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo/ Dante Anzolini. Bruckner –"Sinfonia nº3 em Ré menor". Grátis.

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H
Orquestra Filarmônica de Dresden/ Günter Herbig. Sebastian Guertler, violino. Weber/ Mozart/ Mahler. R$ 35 a R$ 125.

DIA 8 *(terça)*

Concertos – Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
Carol McDavit, soprano, Laura Rónai, flauta, Harold Emert, oboé, Ricardo Amado, violino, David Chew, violoncelo, Marcelo Fagerlande, cravo, e Larry Fountain, piano. Francis Hopkinson/ Dominick Argento/ Charles Ives/ Copland/ Samuel Barber / Gershwin. R$ 6.

FINEP, 18H30
Trio Aquarius: Flávio Augusto, piano, Ricardo Amado, violino, e Ricardo Santoro, violoncelo. Mozart/ Shostakovich. Grátis.

IGREJA DE N. S. DO BONSUCESSO, 18H30
Wilbert Hazelzet, flauta, e Jacques Ogg, cravo. Grátis.

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ, 18H
Salão Leopoldo Miguez
Carol Murta Ribeiro, Esther Naiberger e Miriam Ramos, pianos. Concerto da Academia Nacional de Música. Grátis.

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H
Orquestra Petrobrás Pró-Música/ Armando Prazeres. Comemoração do Aniversário da Petrobrás.

IBAM, 21H
Duo Elisa Fukuda, violino e Giuliano Montini, piano. Handel/ Prokofiev/ Strauss. Grátis.

Concerto – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H
Orquestra Filarmônica de Dresden/ Günter Herbig. Sebastian Guertler, violino. Beethoven/ Bruch. R$ 35 a R$ 125.

DIA 9 *(quarta)*

Concertos - Rio

'AÍDA' NO SAMBÓDROMO

A supermontagem da ópera "Aída", de Verdi, ocupa a Praça da Apoteose, no Rio de Janeiro, dias 11 e 13 de outubro. Com produção do CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA, direção de Nelson Portella, cenários de Fernando Pamplona, figurinos de Mário Boriello e iluminação de Peter Gasper, a montagem será encenada pelos cantores Maria Dragoni (Aída), Kostadin Andreev (Radamés), Elizabetta Fiorillo (Amnéris), Michele Porcelli (Amonasro), Mikhail Rysov (Ranfis), Maurício Luz (Rei), Marcos Menescal (Mensageiro), Magda Bellotti (Sacerdotisa). Com a participação da Orquestra Sinfônica Brasileira, regida pelo maestro Romano Gandolfi, "Aída" tem ainda um coro de 100 vozes, 30 bailarinos e 100 figurantes.

AUDITÓRIO LORENZO FERNANDEZ, 18H30
Duo Huguenin/Silveira, piano e clarineta. R$ 5 e R$ 3 (estudantes).

TEATRO CÂNDIDO MENDES - IPANEMA, 19H
Marcelo Fagerlande, cravo. José Maurício/ Carlos Seixas/ Souza Carvalho/ Scarlatti. Grátis.

MUSEU DA REPÚBLICA, 18H30
Giulio Draghi, piano. Grátis.

SALA CECÍLIA MEIRELES, 21H
Salvatore Accardo, violino, e Bruno Canino, piano. Mozart/ Beethoven (detalhes em A Sala). R$ 35 (platéia), R$ 25 (balcão) e R$ 15 (estudantes).

Concerto – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 12H
Recital comemorativo dos 60 anos do Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo. Grátis.

DIA 10 *(quinta)*

Concerto – Rio

IBEU COPACABANA, 18H30
Aloysio Rachid, piano. Bach/ A. Levy/ Chopin/ Aloysio Rachid/ Debussy. Grátis.

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H
Orquestra Petrobrás Pró-Música/ Armando Prazeres. R$ 5.

Concerto – SP

TEATRO MAKSOUD PLAZA, 21H
Cláudio Cruz, violino e Camerata Maksoud Plaza. Vivaldi – "As Quatro Estações" R$ 30 (setor A), R$ 20 (setor B), R$ 12 (estudantes).

Ópera – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
"Turandot", de Puccini.Ver ficha técnica dia 1.

DIA 11 *(sexta)*

Concerto – SP

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 21H
Jazz Sinfônica & Elza Soares. Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Nelson Ayres e Cyro Pereira, regentes. R$ 10

Ópera – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
"Turandot", de Puccini.Ver ficha técnica dia 1.

DIA 12 *(sábado)*

Concertos – SP

MASP (PEQUENO AUDITÓRIO), 16H
Quaternaglia, quarteto de violões.

MEMORIAL (AUDITÓRIO SIMÓN BOLÍVAR), 21H
Jazz Sinfônica & Elza Soares. Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Nelson Ayres e Cyro Pereira, regentes. R$ 10

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H
Orquestra de Câmara Villa-Lobos (lançamento de CD). Nepomuceno/ Villa-Lobos/ Santoro.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 21H
A Escrita e o Swing (uma história comparativa do jazz e da música erudita). Tema: Outros Caminhos. Produção: Sidney e Sérgio Molina.

DIA 13 *(domingo)*

Concerto – Niterói/RJ

CINE ARTE UFF, 10H
Conjunto de Música Antiga da UFF. Lançamento do CD Lope de Vega (poesias cantadas). Música espanhola dos séculos XVI e XVII

Concerto – Porto Alegre/RS

TEATRO SÃO PEDRO, 21H
I Musici (Ver boxe).

Concerto – Rio

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ, 10H
Orquestra Britten/ Nelson Gama. Solistas: Duo Paulo e Ricardo Santoro, violoncelos. Festival Vivaldi. Grátis.

Concerto – SP

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 11H
Orquestra Filarmônica Ikeda/ Sérgio Ogawa. Grátis.

TEATRO MAKSOUD PLAZA, 17H
Cláudio Cruz, violino e Camerata Maksoud Plaza. Vivaldi – "As Quatro Estações" R$ 20 (setor A), R$ 12 (setor B), R$ 6 (estudantes).

Rádio – Rio

MEC FM (98,9), 11H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloísa Fischer.

MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa: "Háry János", de Kodály (lembrando os 70 anos de estréia em Budapeste). Sólyom-Nagy/ Takács/ Sudlik/ Poka/ Mészöly/ Gregor/ Palósi. Coro Infantil da Rádio e Televisão Húngaras. Coro e Orquestra da Ópera do Estado Húngaro/ János Frencsik. Produção: Zito Baptista Filho.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 17H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloísa Fischer.

DIA 14 *(segunda)*

Concerto – Brasília/DF

TEATRO NACIONAL CLÁUDIO SANTORO, 21H
Sala Villa-Lobos
I Musici .

Concertos – SP

THEATRO MUNICIPAL, 18H
Vesperais Líricas: "Madama Butterfly", de Puccini. Elizabeth Gomes, mezzo-soprano, Márcio Valle, tenor, Alessandro Gismano, barítono, e Anderson Brenner, piano. Grátis.

MUSEU BRASILEIRO DE ESCULTURA, 19H
Vesperais Líricas: "Il Signor Bruschino", de Rossini. Solange Siquerolli, soprano, Heloísa

ZANON EM SANTO ANDRÉ

O violonista brasileiro radicado em Londres FÁBIO ZANON se apresenta dia 16 de outubro na série "Concertos Grande ABC", em Santo André (SP). Fábio acaba de ganhar o primeiro prêmio no "30º Certamen Internacional de Guitarra Francisco Tárrega de Benicassim", na Espanha.

Junqueira, mezzo-soprano, Ricardo Pereira, tenor, Carlos Eduardo Marcos, baixo, João Malatian, tenor, Luiz Oréfice, barítono, Helder Savir, tenor, Vânia Pajares, piano. Direção cênica e figurinos: João Malatian. Grátis.

TEATRO ARTHUR AZEVEDO, 19H
Vesperais Líricas: canções de Paolo Tosti. Andrea Ramus, barítono, Paulo Esper, tenor, José Gnecco, tenor, Leda Monteiro, soprano, e Marcelo de Jesus, piano. Grátis.

TEATRO JOÃO CAETANO, 19H
Vesperais Líricas: "La Calisto", de Cavalli. Elenco a confirmar. Direção musical: Nicolau de Figueiredo.

Villa-Lobos. Grátis.

IBAM, 21H
Trio José Botelho, clarineta, José Freitas, clarineta, e Aloysio Fagerlande, fagote. Mozart/ Verdi/ Carulli. Grátis.

Concertos – SP

A HEBRAICA, 21H
Teatro Arthur Rubinstein
I Musici. Mariana Sirbu, Claudio Buccarella e Antonio Perez, violinos, Francesco Strono e Vito Paternoster, violoncelos, e Maria Teresa Garatti, cravo. Paganini/ Boccherini/ Vivaldi/ Tomaso Giordano. R$ 30 (não-sócios), R$ 25 (sócios), R$ 15 (estudantes)

KIROV RODA O BRASIL

DIVULGAÇÃO

A companhia vai a sete capitais

A companhia russa de balé KIROV inicia sua turnê brasileira dia 19 com uma noite de gala em Curitiba, seguindo para São Paulo (dias 22, 23, 24, 26 e 27), Rio de Janeiro (dias 29, 30, 31 de outubro e 1º de novembro), Belo Horizonte (dias 5 e 6 de novembro), Salvador (9 de novembro), Brasília (12 e 13 de novembro) e Goiânia (14 de novembro). Com 250 anos de glória e tradição, a companhia traz suas grandes estrelas: os bailarinos Faruk Ruzimatov e Igor Zelenski, as bailarinas Altynai Asylmuratova e Yulia Makhalina. No Brasil, o Kirov apresenta suas clássicas versões de "O Lago dos Cisnes" e "Don Quixote".

TEATRO PAULO EIRÓ, 19H
Vesperais Líricas: "Il Segreto di Suzanna", de E. Wolf Ferrari. Ver ficha técnica dia 7, Theatro Municipal. Grátis.

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 21H
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo/ Naomi Munakata. Vera Ritter e Norma Rodrigues, solistas. Brahms – "Rapsódia para contralto e coro feminino" e "Seis canções para harpa e coral". Grátis.

DIA 15 *(terça)*

Concertos – Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
Fernando Portinari, tenor, Cristina Braga, harpa, Sérgio Dias, flauta, e Cláudia Ávila, piano. Alejandro Caturla/ Espinosa de Los Monteiros/ Andres Sas/ Hector Tosar Errecart. R$ 6.

FINEP, 18H30
Esther Naiberger, piano. Debussy/

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 21H
Banda Sinfônica do Estado de São Paulo/ Roberto Farias. Grátis.

DIA 16 *(quarta)*

Concertos – Rio

TEATRO NOEL ROSA (PROJETO UERJ CLÁSSICA), 18H
Miguel Proença, piano, e convidados: Luiz Carlos Justi, oboé, Paulo Sérgio Santos, clarineta, e Eduardo Monteiro, flauta. Poulenc – sonatas. Grátis.

AUDITÓRIO LORENZO FERNANDEZ, 18H30
Luiz Claudio Engelke, trompete. R$ 5 e R$ 3 (estudantes).

IGREJA DA CANDELÁRIA, 18H30
Duo Rildo Hora, gaita, e Ruth Serrão, piano. Nepomuceno/ Guerra-Peixe/ Antônio Guerreiro/ Rildo Hora/ Villa-Lobos/ Gnatalli. Grátis.

MUSEU DA REPÚBLICA, 18H30
Maria Helena de Andrade, piano. Carlos Gomes. Grátis.

Palestra – Rio

CASTELINHO DO FLAMENGO, 18H30
"Ópera no Cinema". Ciclo de 3 palestras ilustradas com vídeos, ministradas por Magdá Stefanini, enfocando o uso da ópera pelo cinema (16, 23 e 30 de outubro). Grátis. Informações: (021) 286-7879

Concerto – Santo André/SP

TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 21H
Fábio Zanon (ver boxe), violão. Rodrigo/ R. Miranda/ L. Fernandez/ C. Guastavino/ J.S. Bach/ Alexandre de Faria/ Ginastera. R$ 15

Concertos – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 12H
Cynthia Priolli, piano. Fructuoso Viana/ Francisco Mignone/ Domênico Barbieri/ Osvaldo Lacerda/ Lina Pires de Campos/ Camargo Guarnieri. Grátis.

A HEBRAICA, 21H
Teatro Arthur Rubinstein
I Musici. Antonio Perez, Claudio Buccarella e Mariana Sirbu, violinos, Vitor Paternoster e Francesco Stono, violoncelos. Vivaldi/ Giovan B. Constanzi/ Giuseppe Tartini/ Rossini. R$ 30 (não-sócios), R$ 25 (sócios), R$ 15 (estudantes)

AUDITÓRIO DA UNIÃO CULTURAL BRASIL-EUA, 21H
Quaternaglia, quarteto de violões.

DIA 17 *(quinta)*

Concerto – Belo Horizonte/MG

I Musici

Concerto – Rio

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, 12H30
Orquestra Rio Camerata/ Israel Menezes. Aloysio Fagerlande, fagote. Vivaldi/ Eleanor Johnson/ Carlos Gomes/ William Boyce. Grátis

Ópera – Rio

THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
"Norma", de Bellini. Martilde Rowland (Norma), Delores Ziegler (Adalgisa), Craig Sirianni (Pollione), Carlo Colombara (Oroveso). Coro e Orquestra do Theatro Municipal RJ/ Michelangelo Veltri. Direção cênica, cenários e figurinos: Hugo de Ana.

DIA 18 *(sexta)*

Concerto – Rio

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H
Coro Infantil do Rio de Janeiro/ Elza Lakschevitz. Tamara Ujakova, piano, e Rivelino de Aquino, voz. E. Aguiar/ R. Tacuchian/ O. Lacerda/ Vieira Brandão. R$ 5.

Concerto – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
Orquestra Sinfônica Municipal/ Isaac Karabtchevsky. 1ª parte: Stravinsky – "A História do Soldado". 2ª parte: Bartók – "O Castelo do Barba Azul". Eva Marton, soprano, e Csaba Airizer, baixo-barítono. Coral Paulistano/ Samuel Kerr.

DIA 19 *(sábado)*

Concerto – Rio

SALA CECÍLIA MEIRELES, 21H
I Musici. Rossini/ Tartini/ Costanzi/ Vivaldi. R$ 50 (platéia) e R$ 30 (balcão).

Concerto – SP

SALA GUIOMAR NOVAES, 17H
Orquestra de Câmara Filarmonia/ Paulo Maron. J. Strauss/ Dvorák/ Saint-Saens/ Tchaikovsky/ Prokofiev/ Khatchaturian/ Stravinsky. Grátis.

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 21H
II Seminário Musicale (França)/ Gérard Lesne. Charpentier/ Lambert/ Couperin/ Du Buisson/ Courbois/ Monteverdi/ Scarlatti/ Geminiani/ Pignolet de Montéclair.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 21H
A Escrita e o Swing (uma história comparativa do jazz e da música erudita). Tema: Coltrane e Stockhausen. Produção: Sidney e Sérgio Molina.

DIA 20

(domingo)

Concertos – Rio

LEME TÊNIS CLUBE (SALÃO NOBRE), 17H
Orquestra Rio Camerata/ Israel Menezes. Aloysio Fagerlande, fagote. Vivaldi/ Eleanor Johnson/ Carlos Gomes/ William Boyce. Grátis.

IGREJA DA CANDELÁRIA, 18H30
Duo Santoro: Paulo e Ricardo Santoro, violoncelos. Mozart/

CANTO E PIANO NA VILLA RISO

Com patrocínio da IBM e apoio de **VivaMúsica!**, a segunda etapa dos "Concertos Villa Riso" traz o tenor ALAN BENNET e o pianista LEONARD HOKANSON, ambos americanos. O recital é dia 21 de outubro, às 20h30, interpretando o ciclo "A Bela Moleira" de Schubert. A série oferece estacionamento privativo e *vin d'bonneur* após o concerto.

IL SEMINARIO MUSICALE EM TURNÊ

Cumprindo turnê sul-americana, o grupo francês IL SEMINARIO MUSICALE chega ao Brasil. Os músicos apresentam seu repertório barroco em Brasília (dia 17), Goiânia (dia 18), São Paulo (dia 19) e Rio de Janeiro (dia 21). Os concertos no eixo Rio-SP fazem parte da série "Concertos Banco Real – Vive la Musique 1996". Formado por Gérad Lesne (contralto), Blandine Rannou (cravo), Pascal Monteilhet (tiorba) e Bruno Coeset (violoncelo), o Il Seminario Musicale é um dos indicados para o prêmio 1996 da revista Gramophone na categoria "Grupo Vocal".

Lacerda/ Popper/ Ernani Aguiar/ Bartók/ Ricardo Medeiros. Grátis.

Ópera – Rio

THEATRO MUNICIPAL RJ, 17H
"Norma", de Bellini. Rowland/ Ziegler/ Sirianni/ Colombara. Coro e Orquestra do Theatro Municipal RJ/ Michelangelo Veltri. Direção cênica, cenários e figurinos: Hugo de Ana.

Concertos – SP

FUNDAÇÃO MARIA LUIZA E OSCAR AMERICANO, 16H
Marcelo Jaffé, viola, e Nelson Ayres, piano. J.S. Bach/ Debussy/ Carlos Gomes/ E. Nazareth. R$ 3.

MUSEU BRASILEIRO DE ESCULTURA, 19H
Vesperais Líricas: "La Calisto", de Cavalli. Elenco a confirmar. Direção musical: Nicolau de Figueiredo.

THEATRO MUNICIPAL SP, 10H30
Orquestra Sinfônica Municipal/ Isaac Karabtchevsky. 1ª parte: Stravinsky – "A História do Soldado". 2ª parte: Bartók – "O Castelo do Barba Azul". Eva Marton, soprano, e Csaba Airizer, baixo-barítono. Coral Paulistano/ Samuel Kerr.

Rádio – Rio

MEC FM (98,9), 11H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloísa Fischer.

MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa: "Carmen", de Bizet. Norman/ Schicoff/ Freni/ Estes. Coro da Rádio France. Orquestra Nacional da França/ Seiji Ozawa. Produção: Zito Baptista Filho.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 17H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloísa Fischer.

DIA 21 *(segunda)*

Concertos – Rio

CASA DE CULTURA LAURA ALVIM, 17H30
Bruno Januzzi, piano. Grátis.

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H
Il Seminario Musicale: Gérard Lesne, contralto, Blandine Rannou, cravo, Pascal Monteilhet, tiorba, e Bruno Cocset, violoncelo. Charpentier/ Lambert/ Couperin/ Buisson/ Courbois/ Monteverdi/ Scarlatti/ Geminiani/ Pigonolet de Monteclair. "Concertos Banco Real/ Série "Vive la Musique". R$ 15 (platéia), R$ 10 (balcão) e R$ 5 (estudantes).

VILLA RISO, 20H30
Alan Bennet, tenor, e Leonard Hokanson, piano. Shubert – "A Bela Moleira". R$ 40 (jantar opcional: R$ 45).

THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
Boris Belkin, violino. Orquestra Sinfônica Brasileira/ Roberto Tibiriçá. Brahms – "Concerto para violino" e "Sinfonia Nº 3".

Concertos – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 18H
Vesperais Líricas: "Werther", de Massenet. Laura Bartoli, mezzo-soprano, João Augusto, tenor, Graziela Sanches, soprano, Diógenes Gomes, barítono, e Vanja Pajares, piano. Grátis.

TEATRO ARTHUR AZEVEDO, 19H
Vesperais Líricas: "Il Segreto di Suzanna", de E. Wolf Ferrari. Ver ficha técnica dia 7, Theatro Municipal. Grátis.

TEATRO JOÃO CAETANO, 19H
Vesperais Líricas: canções de Paolo Tosti. Andrea Ramus, barítono, Paulo Esper, tenor, José Gnecco, tenor, Leda Monteiro, soprano, e Marcelo de Jesus, piano. Grátis.

TEATRO PAULO EIRÓ, 19H
Vesperais Líricas: "Madama Butterfly", de Puccini. Ver ficha técnica dia 14, Theatro Municipal. Grátis.

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 21H
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo/ Léon Halegua. Grátis.

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA, 21H
Ensemble InterContemporain/ Pierre Boulez. Dimitri Vassilakis, piano. Manoury/ Webern/ Ligeti/ Schönberg.

DIA 22 *(terça)*

Concertos – Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
José Paulo Bernardes, tenor, Gilda Ferrara, soprano, Cristina Passos, mezzo-soprano , e Estela Caldi, piano. Sérgio Ortega/ Alberto Ginastera/ Daniel Devoto. R$ 6.

ESPAÇO CULTURAL H. STERN, 18H30
Edoard Monteiro, piano. Chopin/ Albeniz/ Scriabin. Convites pelo telefone: 294-3644.

FINEP, 18H30
Patricia Bretas, piano. Bach/ Reger. Grátis.

IBAM, 21H
Duo Barbieri e Schneiter, violões. Vivaldi/ Scarlatti/ Dilermando Reis/ João Pernambuco/ Garoto. Grátis.

Concertos – SP

AUDITÓRIO DO CEM-SESC VILA NOVA, 20H30
Duo Almeida Rosa: Stella Almeida, piano e Alexandre Rosa, contrabaixo. E. Mahle/ O. Lacerda/ Villani Côrtes/ Villa-Lobos/ Ricardo Simões/ de Lucca.

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA, 21H
Ensemble InterContemporain/ Pierre Boulez. Florent Boffard, piano. Stravinsky/ Varèse/ Messiaen/ Boulez/ Birtwistle.

DIA 23 *(quarta)*

Concertos – Rio

IBEU TIJUCA, 18H
Duo Botelho & Canaud (Clarineta e piano). Weber/ Rossini/ Copland/ Debussy/ Carlos Cruz/ Poulenc. Grátis.

TEATRO NOEL ROSA (PROJETO UERJ CLÁSSICA), 18H
Miguel Proença, piano, e Boris Belkin, violino. Beethoven/ Brahms. Grátis.

AUDITÓRIO LORENZO FERNANDEZ, 18H30
Grupo Musical Angelus (música renascetista). R$ 5 e R$ 3 (estudantes).

MUSEU DA REPÚBLICA, 18H30
Carlos Eduardo Janibelli, piano. Grátis.

Ópera – Rio

THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
"Norma", de Bellini. Rowland/ Ziegler/ Sirianni/ Colombara. Coro e Orquestra do Theatro Municipal RJ/ Michelangelo Veltri.

Palestra – Rio

CASTELINHO DO FLAMENGO, 18H30
"Opera no Cinema". Ciclo de palestras com Magdá Stefanini (até dia 30). Grátis. Informações: (021) 286-7879.

Concerto – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 12H
Ensemble Colegium Musicum/ Abel Rocha. Heloísa Petri, Sílvia Tessuto, Sebastião Câmara, João Malatian, Carlos Eduardo Marcos, cantores, e Regina Schlohauer, cravo. Monteverdi. Grátis.

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA, 21H
Ensemble InterContemporain/ David Robertson. Sophie Cherrier, flauta. Boulez/ Schönberg/ Hurel/ Eötvös.

BELKIN E OSB

O violinista russo Boris Belkin é o solista da Orquestra Sinfônica Brasileira dia 21, no Theatro Municipal do Rio. A apresentação, sob regência do maestro Roberto Tibiriçá, faz parte da série "Concertos Sul América – Série Norturna". E ainda no dia 23, Belkin se apresenta ao lado do pianista Miguel Proença, no "Projeto Uerj Clássica".

DIA 24 *(quinta)*

Concertos – Rio

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H
Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro/ Florentino Dias. Ary Barroso/ Noel Rosa. R$10 (platéia) e R$ 5 (balcão).

THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
Ensemble InterContemporain/ Pierre Boulez. Dimitri Vassilakis, piano. Manoury/ Webern/ Ligeti/ Schönberg.

Vídeo – Rio

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA, 17H
"Manon Lescaut", de Puccini. Kanawa/ Domingo/ Allen. Royal Opera House/ Sinopoli. Grátis.

DIA 25 *(sexta)*

Concertos – Rio

AUDITÓRIO GUIOMAR NOVAES, 19H
Trio Querubin & Linda Bustani, piano. Schubert/ Schumann. R$ 5.

COPACABANA PALACE, 22H
Golden Room
Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro/ Florentino Dias. 1º Baile de Valsas da Primavera. Baile e Jantar a R$ 100. Convites pelo telefone: 240-7354.

Concerto – SP

AUDITÓRIO DO COLÉGIO RIO BRANCO, 20H
Rogério Zerlotti Wolf, flauta, Marcelo Jaffé, violino e Paulo Porto Alegre, violão. Wesceslav Matiegka/ Villa-

Lobos/ A.C. Jobim/ Geraldo Vandré/ Dorival Caymmi/ Astor Piazzola/ Joseph Kreutzer. Grátis.

THEATRO MUNICIPAL SP, 20H30
Orquestra Sinfônica Municipal/ Isaac Karabtchevsky. Samuel Ramey, baixo (ver box). Coral Municipal/ Mário Valério Zaccaro. Coral Lírico/ Samuel Kerr. Coral Eco/ Teruo Hishida. Rossini/ Verdi/ Carlos Gomes/ A. Boito: prólogo de "Mefistofele".

DIA 26 *(sábado)*

Concerto – Petrópolis/RJ

CENTRO DE CULTURA TRISTÃO DE ATHAYDE, 17H
Quarteto de Violões do Rio de Janeiro: Felipe Freire, Marcus Tardelli, Chiang Yu Tun e Augusto Cesar. Realização: Sociedade Artística Villa-Lobos. R$ 10 (entrada franca aos membros da SAV).

Ópera – Rio

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ, 18H30
Salão Leopoldo Miguez
"Dido e Enéas", de Henry Purcell. Coro e Orquestra da Escola de Música da UFRJ. Direção Musical: Marcelo Fagerlande. Grátis.

THEATRO MUNICIPAL RJ, 21H
"Norma", de Bellini. Rowland/ Ziegler/ Sirianni/ Colombara. Coro e Orquestra do Theatro Municipal RJ/ Michelangelo Veltri. Direção cênica, cenários e figurinos: Hugo de Ana.

Concerto – Santo André/SP

TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 21H
Antonio Del Claro, violoncelo, e Orquestra Sinfônica de Santo André.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 21H
A Escrita e o Swing (uma história comparativa do jazz e da música erudita). Tema: Música Erudita e Jazz Hoje – Tendências. Produção: Sidney e Sérgio Molina.

DIA 27 *(domingo)*

Ópera – Rio

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ, 18H30
Salão Leopoldo Miguez
"Dido e Enéas", de Henry Purcell. Coro e Orquestra da Escola de Música da UFRJ. Direção Musical: Marcelo Fagerlande. Grátis.

Concerto – Santo André/SP

TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 20H
Antonio Del Claro, violoncelo, e Orquestra Sinfônica de Santo André.

Concertos – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 10H30
Orquestra Sinfônica Municipal/ Isaac Karabtchevsky. Samuel Ramey, baixo (ver box). Coral Municipal/ Mário Valério Zaccaro. Coral Lírico/ Samuel Kerr. Coral Eco/ Teruo Hishida. Rossini/ Verdi/ Carlos Gomes/ A. Boito: prólogo de "Mefistofele".

FUNDAÇÃO MARIA LUIZA E OSCAR AMERICANO, 16H
Elisda Fukuda, violino, e Giuliano Montini, piano. Beethoven/ Saint-Saens/ R. Strauss. R$ 5.

Rádio – Rio

MEC FM (98,9), 11H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloísa Fischer.

MEC FM (98,9), 17H
Ópera Completa: "Tosca", de Puccini. Kanawa/ Aragall/ Nucci/ Malas/ King. Coro da Ópera Nacional do País de Gales. Orquestra Filarmônica Nacional de Londres/ Sir Georg Solti. Produção: Ziro Baptista Filho.

Rádio – SP

CULTURA FM (103,3), 17H
Lançamentos VivaMúsica!. Novidades em CD. Apresentação: Heloísa Fischer.

DIA 28 *(segunda)*

Concertos – SP

THEATRO MUNICIPAL, 18H
Vesperais Líricas: "Rossini em Concerto". Claudia Arcos, Leda Monteiro e Martha Mauler, sopranos. Wesley Lacerda, piano. Grátis.

MUSEU BRASILEIRO DE ESCULTURA, 19H
Vesperais Líricas: canções de Paolo Tosti. Andrea Ramus, barítono, Paulo Esper, tenor, José Grecco, tenor, Leda Monteiro, soprano, e Marcelo de Jesus, piano. Grátis.

TEATRO ARTHUR AZEVEDO, 19H
Vesperais Líricas: "Madama Butterfly", de Puccini. Ver ficha técnica dia 14, Theatro Municipal. Grátis.

TEATRO JOÃO CAETANO, 19H
Vesperais Líricas: "Il Segreto di Suzanna", de E. Wolf Ferrari. Ver ficha técnica dia 7, Theatro Municipal. Grátis.

TEATRO PAULO EIRÓ, 19H
Vesperais Líricas: "Werther", de Massenet. Ver ficha técnica dia 21, Theatro Municipal. Grátis.

THEATRO MUNICIPAL, 21H
Marilyn Horne, *mezzo-soprano*, e Brian Zeger, piano. H. W. Loomis/ R. Quilter/ F. Poulenc/ Haydn/ G. Finzi/ Brahms/ Rossini/ F. Nevin/ H. Wolf/ A. Ginastera/ Puccini/ Milhaud/ de Falla.

Ópera – SP

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 20H
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo/ Diogo Pacheco. Coral Sinfônico do Estado de São Paulo. Carlos Gomes: "Maria Tudor". R$ 10.

'CANTO DO MUNDO' NO CCBB

Em destaque no Centro Cultural Banco do Brasil (RJ) em outubro, a série CANTO DO MUNDO II, com direção artística do barítono Inácio de Nonno. O projeto traz recitais semanais, sempre às terças-feiras. Participam Ruth Staerke, Inácio de Nonno, Laís Figueiró, Carol McDavit, Laura Rónai, Harold Emert, David Chew, Ricardo Amado, Marcelo Fagerlande, Larry Fountain, Fernando Portari, Cristina Braga, Sérgio Dias, Cláudio Ávila, José Paulo Bernardes, Gilda Ferrara, Cristina Passos, Estela Caldi, Deina Melgaço e orquestra de câmara formada por Ricardo Amado, Tatjana Grubic, Zdnek Svab, Philip Doyle, João Guilherme F. de Miranda e Sula Kossatz, sob regência de Carlos Alberto Figueiredo.

DIA 29 *(terça)*

Concertos – Rio

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 12H30 E 18H30
Carol McDavit, soprano, Deina Melgaço, mezzo-soprano, José Paulo Bernardes, tenor, Ricardo Amado, violino, Tatiana Grubic, violino, Zdnek Svab, trompa, Philip Doyle, trompa, João Guilherme F. de Miranda, violoncelo, e Sula Kossatz, órgão. Juan de Herrera/ José Maurício/ Manuel Joseph Queiroz/ Tomás de Torrejón y Velasco/ Ignacio Jerusalem. R$ 6.

FINEP, 18H30
André Carrara, piano. Prokofiev/ Chopin. Grátis.

IBAM, 21H
Flávio Pantoja Trio - "Estandartes": Flávio Pantoja, piano, Robertinho Silva, percusão, e Luís Alves, contrabaixo. Grátis.

I MUSICI EM TURNÊ

O grupo I MUSICI faz em outubro turnê brasileira pela "Série Dell'Arte": Porto Alegre (dia 13 de outubro, Teatro São Pedro), Belo Horizonte (dia 14, Palácio das Artes) e Brasília (dia 17, Sala Villa-Lobos). O I Musici se apresenta também em São Paulo (dias 15 e 16, Hebraica) e no Rio de Janeiro (dia 21, Sala Cecília Meireles). Os solistas destes concertos são os violinistas Mariana Sirbu (também concertino), Antonio Perez e Claudio Buccarella e os violoncelistas Francesco Strano e Vito Paternoster.

Ópera – Rio

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ, 18H30
Salão Leopoldo Miguez
"Dido e Enéas", de Henry Purcell. Coro e Orquestra da Escola de Música da UFRJ. Direção Musical: Marcelo Fagerlande. Grátis.

DIA 30 *(quarta)*

Concertos – Rio

PAÇO IMPERIAL, 12H30
Duo Arcos: Cecília Aprigliano e Mário Orlando, violas de gamba. Sula Kossatz, cravo. Diego Ortiz/ Matthew Locke/ Frescobaldi/ Marais/ Telemann. R$ 8 e R$ 4 (estudantes, assinantes de VivaMúsica! e membros da Associação Brasileira de Flautistas).

TEATRO NOEL ROSA (PROJETO UERJ CLÁSSICA), 18H
Tim Rescala, piano, e conjunto instrumental. Grátis.

AUDITÓRIO LORENZO FERNANDEZ, 18H30
Flávio Augusto, piano. R$ 5 e R$ 3 (estudantes).

IGREJA DO OUTEIRO DA GLÓRIA, 18H30
Uni-Rio Barroco: Helder Parente, flauta doce, Laura Rónai, flauta transversa, Luís Carlos Justi, oboé barroco, Rosana Lanzelotte, cravo, e Alceu Reis, violoncelo. Grátis.

MUSEU DA REPÚBLICA, 18H30
Midori Maechiro, piano. Grátis.

SALA CECÍLIA MEIRELES, 19H
Patrícia Vilches, soprano, Lúcia Dittert, contralto, e Inácio de Nonno, baixo. Madrigal Ars Plena. Orquestra Petrobrás Pró-Música/ Armando Prazeres. W. F. Bach/ J. S. Bach. R$ 5.

Palestra – Rio

CASTELINHO DO FLAMENGO, 18H30
"Ópera no Cinema". Ciclo de palestras com Magdá Stefanini. Grátis. Informações: (021) 286-7879.

Concertos – SP

THEATRO MUNICIPAL SP, 12H
Graded School Choir e Graded School Madrigal/ Carol Shoch. Graded Chamber Ensemble e Graded School Band/ Paulo Mitchell. Leonardo Fernandes, flauta doce e teclados. Bach/ Lloyd Weber/ Gliere. Grátis.

THEATRO MUNICIPAL SP, 21H
Marilyn Horne, mezzo-soprano, e Brian Zeger, piano. H. W. Loomis/ R. Quilter/ F. Poulenc/ Haydn/ G. Finzi/ Brahms/ Rossini/ E. Nevin/ H. Wolf/ A. Ginastera/ Puccini/ Milhaud/ de Falla.

EM NOVEMBRO...

• Sinfônica do Estado da Rússia/ Vladimir Svetlanov (6 e 7 – S. Paulo, 8 – Santo André/SP, 11 – Rio). • Cecília Bartoli (8, 11 e 13 – S. Paulo, 19 – Rio). • Ópera "La Traviata" (18, 20, 21, 23, 24 e 26 – Municipal SP). • Festival Villa-Lobos (17 a 22 – Rio)• Barbara Hendricks & Orquestra de Câmara de Praga/ Christian Benda (27 e 28, SP).

ENDEREÇOS

BELO HORIZONTE/ MG

PALÁCIO DAS ARTES
Av. Afonso Pena, 1537
Tel. (031) 237-7333

BRASÍLIA/ DF

TEATRO NACIONAL CLÁUDIO SANTORO – Sala Villa-Lobos
Via N2 (TNCS)
Tel. (061) 325-6100

NITERÓI/RJ

CINE ARTE UFF
Rua Miguel de Frias, 9 - Icaraí

PETRÓPOLIS/RJ

CENTRO DE CULTURA TRISTÃO DE ATHAYDE
Praça Visconde de Mauá, 305 – Centro
Tel. (0242) 421430

PORTO ALEGRE/ RS

TEATRO SÃO PEDRO
Praça Marechal Deodoro, s/nº
Tels. (051) 227-5300/ 227-5100

RIO DE JANEIRO/RJ

AUDITÓRIO GUIOMAR NOVAES
(anexo à Sala Cecília Meireles)
Rua da Lapa, 47 - Centro
Tel.: (021) 224-3913 / 224-4291 (telefax)
AUDITÓRIO LORENZO FERNANDEZ
Av. Graça Aranha, 57/12º andar
Tel.: (021) 240-6131
CASA DE CULTURA LAURA ALVIM
Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema
Tel.: (021) 267-1647
CASTELINHO DO FLAMENGO
Praia do Flamengo, 158
Tel. (021) 205-0276
CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL Teatro II
R. Primeiro de Março, 66 - Centro
Tels.: (021) 216-0223/216-0626
COPACABANA PALACE
Golden Room
Av. Atlântica, 1 702
ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ
Salão Leopoldo Miguez
R. do Passeio, 98 – Centro
ESPAÇO CULTURAL H. STERN
Rua Visconde de Pirajá, 490 – subsolo – Ipanema
Tel.: (021) 294-3644
FINEP
Praia do Flamengo, 200 / 3º andar
Tel.: (021) 276-0717
IBAM
Largo do IBAM, nº 1 - Botafogo
Tel.: (021) 537-7595
IBEU COPACABANA
Auditório Ney Carvalho
Av. N. S. de Copacabana, 690/11º andar
Tel.: 255-8332
IBEU TIJUCA (Filial 1)
Rua Morais e Silva, 158
Tels.: (021) 254-3133 / 234-9680
IGREJA DE N. S. DO BONSUCESSO
Largo da Misericórdia (final da rua Santa Luzia) – Centro
INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA
Av. Pres. Antônio Carlos, 40 / 4º andar – Centro
Tel.: (021) 532-2146
LEME TÊNIS CLUBE
Rua Gustavo Sampaio, 74 - Leme
Tel.: (021) 275-2899
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES
Av. Rio Branco, 191, Centro
Tel.: (021) 240-0068.
MUSEU DA REPÚBLICA
Rua do Catete, 153 – Catete
Tel.: (021) 265-9749
PAÇO IMPERIAL
Praça XV de Novembro, 48 - Centro
Tel.: (021) 533-4498
SALA CECÍLIA MEIRELES
Largo da Lapa, 47 - Centro
Tels.: (021) 224-4291 / (021) 224-3913
TEATRO CÂNDIDO MENDES DE IPANEMA
Rua Joana Angélica, 63 – Ipanema
TEATRO NOEL ROSA
Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã (Campus da UERJ)
Tel.: 284-5088
THEATRO MUNICIPAL RJ
Praça Floriano, s/nº – Centro
Tel.: (021) 297-4411
VILLA RISO
Estrada da Gávea, 728
Tel.: (021) 322-1444

SANTO ANDRÉ/SP

TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ
Praça IV Centenário, s/nº
Tel.: (011) 411-0789

SÃO PAULO/SP

AUDITÓRIO DA UNIÃO CULTURAL BRASIL-EUA
Rua Mário Amaral, 189
AUDITÓRIO DO COLÉGIO RIO BRANCO
Rodovia Raposo Tavares, Km 26 – Granja Vianna – Cotia
AUDITÓRIO GUIOMAR NOVAES
Alameda Northman, 1058
FUNDAÇÃO MARIA LUIZA E OSCAR AMERICANO
Av. Morumbi, 3700
Tel.: (011) 842-0077
A HEBRAICA
Teatro Arthur Rubinstein
Rua Hungria, 1 000
Tel.: (011) 816-6463
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
Auditório Simon Bolivar
Av. Mário de Andrade, 664 – Barra Funda
Tel.: (011) 823-9721
MUSEU BRASILEIRO DE ESCULTURA
Rua Europa, 218 - Jardim Europa
Tel.: (011) 881-8611
TEATRO ARTHUR AZEVEDO
Av. Paes de Barros, 955 – Mooca
TEATRO CULTURA ARTÍSTICA
Rua Nestana, 196 – Consolação
Tel.: (011) 256-0223
TEATRO JOÃO CAETANO
Rua Borges Lagoa, 650 – Vila Mariana
TEATRO MAKSOUD PLAZA
Alameda Campinas, 150
Tel.: (011) 251-2233
TEATRO PAULO EIRÓ
Av. Adolpho Pinheiro, 765 – Santo Amaro
Tel.: (011) 546-0449
THEATRO MUNICIPAL
Praça Ramos de Azevedo, s/nº
Tel.: (011) 222-8698

** Datas e programações divulgadas na Agenda! são fornecidas pelos próprios promotores, que são os responsáveis por quaisquer mudanças. É aconselhável confirmar as programações por telefone. Informações para esta coluna podem ser enviadas até o dia 5 do mês anterior à circulação, a/c Débora Queiroz. Fax: (021) 263-6282 Tel.: (021) 233-5730.*

DE MÃOS DADAS é mais fácil

A Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica (SBME) foi fundada em Brasília em setembro de 1994 por vinte e três dos mais destacados compositores brasileiros que praticam esse tipo de música, que possui no Brasil história de 38 anos. A SBME conta hoje com 60 compositores no quadro de associados. Qualquer pessoa interessada em música eletroacústica pode se filiar à entidade.

Sem apoios institucionais, a SBME sobrevive com os parcos recursos oriundos das anuidades de seus sócios. Mesmo assim, consegue publicar um jornal trimestral ("Athanasius") e realiza concertos quinzenais em Brasília. Agora, a entidade acaba de realizar seu primeiro grande feito: o lançamento de um CD com obras eletroacústicas de dez compositores brasileiros sócios da SBME: Jônatas Manzolli, Luis Roberto Pinheiro, Eduardo Reck Miranda, Jorge Antunes, Denise Garcia, Rodolfo Coelho de Souza, Damián Keller, Vânia Dantas Leite, Conrado Silva e Frederico Richter. Este disco da SBME é um disco cooperativado. Esclarecemos a seguir.

São necessários R$ 4.000,00 para produzir um disco de música eletroacústica, com tiragem de mil exemplares, em que os compositores forneçam prontas as obras gravadas em fitas. Como o CD comporta folgadamente 70 minutos de música, o preço de cada minuto do disco custa R$ 58,00. Aí está a fórmula mágica. Eis o surpreendente, simples e óbvio Ovo de Colombo.

A realização deste disco constitui uma experiência inédita no mundo e merece ser divulgada aos quatro ventos. A afirmação de ineditismo no mundo não é leviana: tenho convicção disso. Em minha última viagem à Europa, em 1995, passei a idéia a vários colegas e amigos da comunidade eletroacústica internacional da Espanha, França, Suécia, Holanda e Inglaterra. Todos sorriam estupefatos, com a pergunta-interjeição imediata: "Como não pensei nisso antes?". Em Paris, meu amigo François Bayle achou a idéia genial e fez piada: *"Très bien! Tu viens d'inventeur une nouvelle monnaie: la minute-CD!"*

A aplicação da fórmula é simples. Cada compositor participante do primeiro disco da SMBE pagou o preço da minutagem de sua obra. O autor da peça de 10 minutos pagou R$ 580,00. O autor da obra de 3 minutos pagou R$ 174,00. Assim por diante, com os devidos arredondamentos para os casos de obras com durações fracionárias.
O retorno é garantido. Cada compositor recebe uma quantidade de discos igual a seis vezes a minutagem de sua obra. Assim, o autor da obra de 10 minutos recebe 60 discos. O autor da obra de 3 minutos recebe 18 discos. Se o compositor quiser reaver seu investimento, basta que ele venda, entre amigos, todos os seus discos ao preço unitário de R$ 10,00.

Tendo o disco 70 minutos de música, conclui-se que 420 discos são distribuídos entre os participantes. Sobram 580 discos para a SBME. Destes, cerca de 250 serão doados a bibliotecas, rádios e centros culturais do Brasil e do exterior. Os 230 restantes podem ser vendidos para aumentar o caixa da Sociedade, visando novas realizações. E o problema eterno e sério da distribuição? A própria aplicação da fórmula simples vem a ter embutida, em si mesma, a solução: cada participante do disco doará, presenteará ou venderá seus discos em sua cidade, e o trabalho assim se difundirá por todo o Brasil.

A produção de um disco que dependa de aluguel de estúdio e pagamento de cachês terá custo bem mais alto que a de um disco feito a partir de matrizes já prontas em DAT. A idéia e a experiência recentes da SBME podem muito bem ser usadas como modelos para adaptações e alternativas semelhantes. Estou certo de que não seria muito difícil conseguir que a iniciativa privada ou o apoio oficial cobrissem o patrocínio deste empreendimento cultural que custa irrisórios R$ 4.000,00. Mas a ação cooperativada serviu e servirá para fomentar o congraçamento, a união, a ação conjunta e solidária do grupo. Estes fatores darão lugar a forças e frutos ainda bem maiores. Melhor do que permitir que capitalistas e neoliberais selvagens ou administradores eleiçoeiros faturem, a preço tão baixo, elogios, votos, ricos relatórios e belas prestações de contas em cima do nosso trabalho árduo.

Jorge Antunes

Jorge Antunes é presidente da Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica

DESCONTOS PERMANENTES *para assinantes*

Os seguintes estabelecimentos oferecem descontos ou vantagens para assinantes ***VivaMúsica!*** *Basta apresentar o seu cartão de assinante. São válidos apenas os descontos especificados!*

RIO DE JANEIRO

NOVO!

ARLEQUIM *Loja de CDs e vídeo-laser*
Praça XV, 48 - Paço Imperial - RJ -Tel: 533-6527/ 220-8171.
Av. Ataulfo de Paiva, 338 - loja B - Leblon - Rio de Janeiro. Tel.: (021) 511-2192 e 239-2698.
7% de desconto em qualquer disco de música erudita (exceto encomendas) para pagamentos à vista, dinheiro ou cheque. No mês de outubro, os assinantes que fizerem compras concorrem ao sorteio de um fone Sennheiser HD 455 "Expression Line".

BOOKMAKERS *Livraria e locadora de vídeo-lasers*
R. Marquês de São Vicente, 7 - Gávea - Tel: 274-4441. 10% de desconto na compra de livros de música clássica. 20% de desconto na inscrição na locadora de *vídeo-lasers*.

CENTRO CULTURAL GIÁCOMO PUCCINI
Clube de vídeos de ópera e exibição semanal de lançamentos no gênero.
R. Siqueira Campos, 43 / 1010 - Copacabana. Tel: 235 - 4661. Isenção de matrícula para se associar ao clube.

CONCERTOS SOL MAIOR
Série de Concertos no Paço Imperial (RJ). Sempre na última 4ª-feira de cada mês.
Desconto de 50% no ingresso.

GUITARRA DE PRATA
Rua da Carioca, 37 - Centro - Rio de Janeiro.
Tel.: (021) 262-2179.
10% de desconto na compra de instrumentos, livros e partituras. Brinde especial para assinantes **VivaMúsica!** em qualquer compra *(exceto em artigos em promoção).*

LIVRARIA DA TRAVESSA *Livraria*
Travessa do Ouvidor, 11/A - Centro - Tel. 242-9294.
20% de desconto nos livros de música clássica.

LASERSTORE *Locadora de vídeo-lasers*
R.Visconde de Pirajá, 330 - loja 222 - Ipanema - RJ - Telefax: 267-6897 / Praça XV, 48 - Paço Imperial - Tel.: 220-2129. 20% de desconto na inscrição.

MACEDÔNIA VÍDEO CLUBE
Locadora de vídeos, com mais de mil títulos clássicos.
R. do Catete, 311 - loja 110 - Catete - Tels.: 265-5449 / 265-5606. Inscrição grátis.

OSCAR ARANY *Partituras*
Av. Nilo Peçanha, 155 - sala 716 - Centro - Tel. [illegible] desconto na compra de partituras.

PROGRAMA LEGAL - *Transfers porta a porta* Tel. (021) 267-7918 ou [illegible]
10% de desconto

RIO-BY-RIO CLASSIC *Transfers porta a porta*
Telefone: (021) [illegible] Fax: (021) [illegible]
10% de desconto no transporte para concertos [illegible]
particulares.

SOL MAIOR *Pedidos personalizados de CDs*
Av. Rio Branco, 125 / 1001 - Tel.: [illegible]
10% de desconto na compra à vista de qualquer CD [illegible] desde que feita diretamente na sede da Sol Maior.

THEATRO MUNICIPAL
Praça Floriano, s/nº - Centro - Tel.: [illegible]
Pagamento em cheque na compra de ingressos, mediante apresentação do cartão do assinante **VivaMúsica!** e da carteira de identidade.

UP TO DATE *Locadora de vídeo-lasers, venda de CDs, equipamentos e acessórios*
Av. Ataulfo de Paiva, 566 - sobreloja 215 - Leblon - Tel./Fax: [illegible] 3041. 10% de desconto na compra de equipamentos e acessórios. 25% de desconto na inscrição da locadora de vídeo-lasers.

SÃO PAULO

AGÊNCIA LOOK - *Revistas, Livros e Jornais*
Av. São Luiz, 258 - loja 27 - Centro SP Tel. (011) 231-[illegible]
DESCONTO de 5% nas compras de 3 ou mais itens ou livros de música clássica.

BALALAIKA *CDs, vídeos e videodiscos clássicos*
Galeria Nova Barão - Rua Alta, loja 26 - São Paulo
Tel.: (011) 255-5932
Desconto de 10% em qualquer produto.

CASA AMADEUS
Livros, partituras, acessórios e instrumentos musicais nacionais e importados
R. Conselheiro Crispiniano, 105 / 5º andar / Grupo 55 - Centro - São Paulo - SP
Tels.: (011) 255-8807 / 255-[illegible]
Descontos variam de 5% a 10% em produtos.

CASA MANON - *Instrumentos e partituras.* 10% de desconto em livros e partituras. 5% de desconto em instrumentos exceto piano. Rua 24 de Maio, 242, Centro (SP). Tel. [illegible] 3055. Fax (011) 222-9047. Av. Ibirapuera, 2056, Ibirapuera (SP). Tel.: (011) 542-5166.

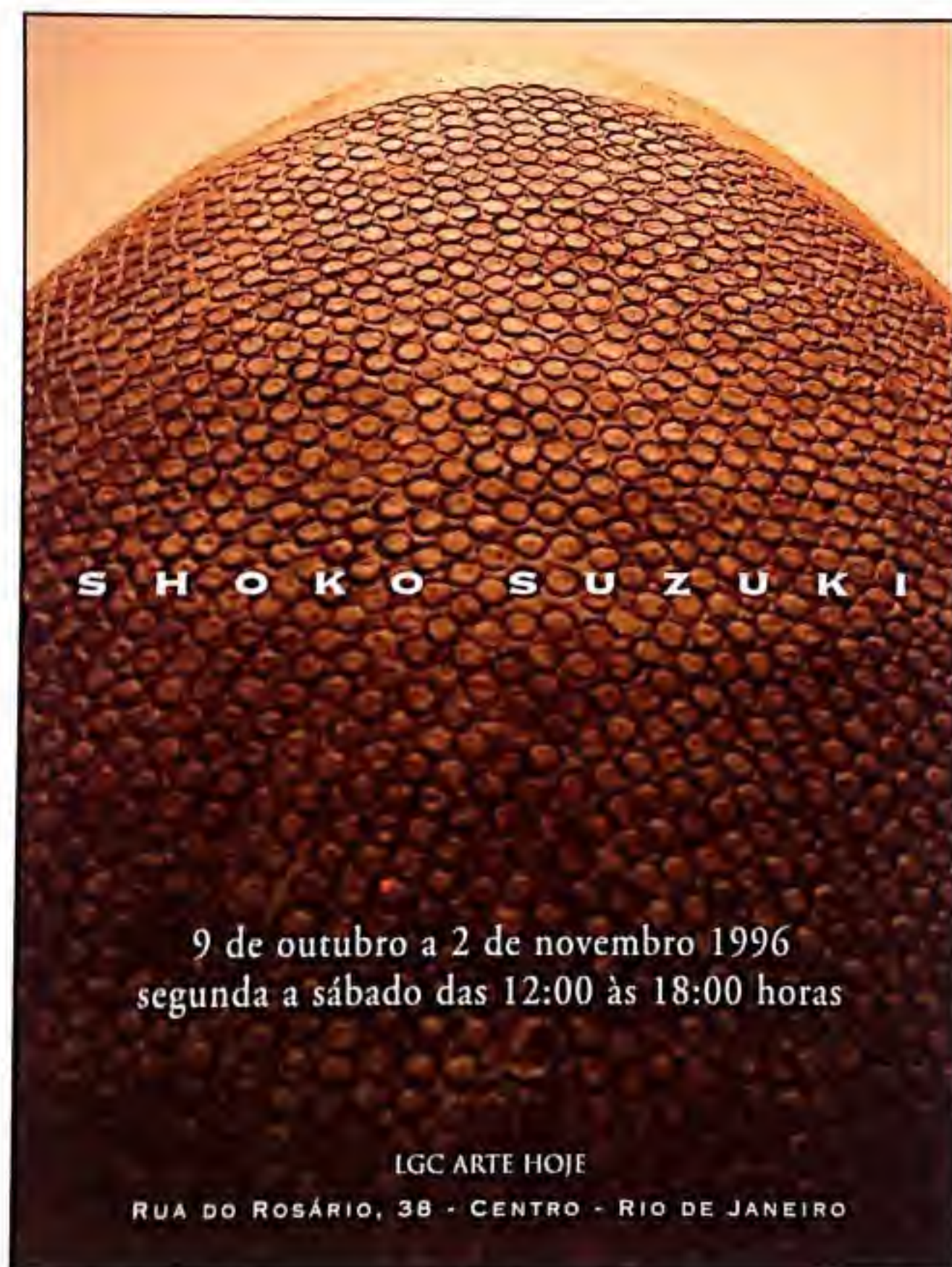
CAST LASER
R. Domingos Leme, 675 Vila N. Conceição. Tel (011) [illegible]
5% DESCONTO na compra de CDs e Vídeo. Entrega [illegible] para todo o Brasil. Para 3 ou mais CDs, a postagem é grátis.

DISCOVER - *CDs novos e usados*
Rua Barão de Itapetininga, 262, sala 906 - São Paulo, SP - Tel (011) 255-0645
5% de desconto em qualquer compra

ERIC DISCOS
R. Arthur de Azevedo, 1813, Pinheiros SP
Tel: (011) 881-8252
DESCONTO de 10% a 15% em LPs (vinil) de música clássica.

HI-FI LASER
Shopping Iguatemi SP Tel: (011) 814-[illegible]
Shopping Ibirapuera SP Tel: (011) [illegible]
BH Shopping - Belo Horizonte MG
Tel: (031) 286-2400
Minas Shopping Belo Horizonte MG
Tel: (031) 426-1008
5% de DESC. p/ CDs clássicos.

MUSIC CENTER - *Núcleo de Ensino Musical*
Rua Guarará, 208 - Jardim Paulista - SP - Tel (011) 885-4125 Aula de apresentação gratuita. Isenção de matrícula. Desconto de 5% na compra de instrumentos.

NOBLE NOTE
Av. Brig. Faria Lima, 1084, Sobreloja 55 Tel: (011) 814-7890 CDs importados, clássicos de todos os gêneros e jazz
DESCONTO de 10% mais um CD de brinde para compras acima de 4 CDs. Aceitam encomendas.

NOVO!

RAVEL *Escola de Música*
Rua Casa do Ator, 26. Tel: (011) 820-5617. Cursos de Piano, Violão, Violino, Canto, Flauta Doce e Transversal, Clarinete, Guitarra, Baixo, Sax, Bateria e Teclado. Matrícula gratuita. Desconto de 20% nas mensalidades.

É possível fazer uma bela obra musical mesmo sem tocar uma única nota.
Petrobras. Incentivando a música, da MPB ao clássico.
A Petrobras aprecia todos os estilos musicais, desde o clássico de nossa Orquestra Sinfônica até a MPB do consagrado Projeto Seis e Meia. Também se apresenta do erudito ao samba, acompanhando a harmonia da Música do IBAM e revelando virtuoses entre as Flautistas da Pró-Arte. Com a promoção de concertos e o incentivo tanto a festivais como a programas ligados à música, a Petrobras oferece a todos a oportunidade de ver sempre um bom espetáculo. Assim, contribui para que a música não seja apenas escutada, mas também assistida.
BR PETROBRAS
BRASIL

Obras Completas

PolyGram Classics apresenta pela primeira vez a preços populares, os trabalhos completos dos grandes autores, executados pelos maiores nomes da música internacional.

BACH 454 108-2

- Conjunto de Câmara CPE Bach
- Orquestra Estatal de la Capilla de Dresde
- Peter Schreier

12 CDs

BEETHOVEN 454 062-2

- Quartetto Italiano

10 CDs

BRAHMS 454 073-2

- Trio Beaux Arts
- Grumiaux
- Starker
- Menuhin
- Haas
- Quartetto Italiano...

11 CDs

HAYDN 454 098-2

- Trio Beaux Arts

9 CDs

MOZART 454 085-2

- Orquestra do Concertgebouw de Amsterdam
- Josef Krips
- Academy of St. Martin in-the-fields
- Sir Neville Marriner

12 CDs

É PolyGram

A Gravadora Nº1 do Brasil.